



ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.

ANO LI ★ Nº 8 REVISTA DA SEMANA 23-2-52



PEDRO CALMON



ÁLVARO LINS

A Cátedra

OS concursos para professôres de algumas cadeiras no Colégio Pedro II, estão reabilitando o nome de professor neste país. Faz poucos dias, homens de profundo saber, mediram fôrças mentais no provimento da cadeira de Literatura do mesmo educandário, de cujo torneio saiu vencedor o sr. Álvaro Lins. Entraram na liça, com a destreza de provectos mestres da matéria, os srs. Afrânio Coutinho, Celso Cunha e Vieira Souto, todos êles mestres insignes, mas que tiveram que ceder a vitória ao primeiro aqui citado. Agora, volta o Pedro II a resplandecer com o concurso para a cadeira de História. Quais os candidatos inscritos? Pedro Calmon e Joaquim Ribeiro. O primeiro é um nome que já ocupa, por si só, alguns volumes de nosa própria História, escritor dos mais aplaudidos, elegante no dizer e no escrever. Imortal antes mesmo de sua ratificação pela Casa de Machado de Assis, Pedro Calmon encadeia em tôrno de sua vida de intelectual, cargos de responsabilidade, como os de professor da Faculdade Nacional de Direito, reitor da Universidade do Brasil, já tendo sido legislador, Ministro de Estado, embaixador da cultura brasileira em congressos internacionais e tantas outras facetas que bem situam sua atividade espiritual e avultam o prestígio do seu nome. Para medir fôrças com êsse gigante das letras, inscreve-se um homem que, embora se conserve sem as fulgurações da publicidade e do prestígio político, é um verdadeiro sábio, modesto, retraído, consciente de seu valor, mas sem expansões exteriores. Filho de outro gênio que encheu de luzes o ambiente social e literário do Brasil, — o inesquecível João Ribeiro-Joaquim Ribeiro tem tôdas as qualidades para règer a cadeira de História do Pedro II.

Seu pai, que honrou o Colégio-Matriz e ali deixou os traços de sua cultura, de sua vocação pedagógica e de sua bondade, teria agora, no filho, um continuador de sua obra magistral em prol da ilustração da mocidade que enche de vida os salões do velho e tradicional instituto.

O fato, porém, de ver-se candidato ao Concurso um homem da estatura intelectual e social de Pedro Calmon, é prova provada de que a função de professor secundário volta a ser pôsto de honra, capaz de dignificar o seu titular, que não se considera diminuido de ostentá-lo ao lado de outros cargos de natureza hieràrquicamente mais elevada, não, porém, mais dignificante. Lògicamente, o professor do curso secundário, devia ser mais considerado, mais bem remunerado, merecendo maior conceito público, com distinções excecionais e prestígio oficial. E' durante o curso secundário, o a que se chama hoje de ginasial, que o aluno se abebeira de cultura, que vai filtrando na alma o elixir do saber, formando a base fundamental para sua carreira definitiva.

Para o verdadeiro mestre, o pedagogo, o maior título é o de professor de meninos. E' na sua cátedra que êle vai plasmando as diretrizes do estudante em meio da jornada do saber. E, tanto Pedro Calmon como Joaquim Ribeiro, honra e lustre de nossa vida social e intelectual, merecem as honras da vitória na empolgante disciplina que é a de História. Seus nomes, como o daqueles que terçaram armas no campo da Literatura, vêm dignificar o nome de professor de meninos num país que tanto precisa de energia moral. Muitas nações devem à obra pedagógica de seus dirigentes, o progresso material e cultural do seu povo. O exemplo de Domingos Faustino Sarmiento, é típico. Grande político, patriota, embaixador, Sarmiento fazia questão de ser, acima de tudo, mestre-escola, professor. Chegando pelos seus merecimentos pessoais, pela inteligência e probidade ao mais elevado pôsto de sua pátria, — Presidente da República Argentina, Sarmiento executou um programa de caráter pedagógico, orgulho dos argentinos, promovendo a instrução popular, instituindo nas massas o prazer das letras, como base da vida e do progresso nacional. Não fôsse Sarmiento, talvez a Argentina ainda estivesse entregue à concepção de caudilhos sanguinários, a déspotas e politiqueiros egoistas, incapazes de qualquer idéia generosa. Deixou admirável livro de filosofia escolar, advertência a governos que se afastam da linha da cultura do povo na marcha para a libertação dos espíritos. Pedro II disse, certa vez que, se não fôsse Imperador desejaria ser mestre-escola. E é êsse prestígio que está renascendo no Brasil, como uma réstia de luz na penumbra dos nossos costumes em tumulto e subversões contra a inteligência.

RENATO DE ALENCAR



Par constante em todos os programas. Boato? Mexerico? Veneno? A foto diz tudo.



UMA NOVA "ESTRÊLA" ITALIANA — brotinho ainda. Um pouco desajeitada.

ÉCOS DO FESTIVAL - 1

UM ROMANCE MAL INICIADO

LUCIANA VEDOVELLI NÃO DAVA UMA FOLGA EM ROBERT CUMMINGS. ★ MAS, EM COMPENSAÇÃO, A SENHORA CUMMINGS NÃO DAVA UM MOMENTO DE FOLGA AO ESPÔSO...

De LEON ELIACHAR

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA a Punta Del Este)

COISAS interessantes acontecem geralmente nos Festivais de Cinema. E, muitas vêzes, imprevistas. E isso porque, dentro da confusão de idiomas que obrigatòriamente é criada pelo grande número de artistas de tôdas as procedências, algumas vêzes astros e "estrêlas" se comunicam pelos olhos. E' a linguagem do amor, idioma universal. O caso de Luciana Vedovelli e Robert Cummings ilustra perfeitamente êste tópico pitoresco do II Festival de Punta Del Este. Luciana é ainda um brotinho e, como tal, não esconde seu entusiasmo de fã — porque antes de ser "estrêla" ela era uma fã. Nenhuma fita sua foi ainda lançada para o público; é, portanto, uma "estrêla" desconhecida das platéias. Mas, dentro de sua alma jovem, não pode esconder o seu entusiasmo pelas figuras brilhantes da tela, com quem se vê agora igualada, numa confraternização invulgar. Mas a alma da fã ainda domina a alma da "estrêla". Por isso mesmo, ela se aproxima de Robert Cummings, de quem era admiradora. Tanto mais agora que o conhece pessoalmente. A apresentação foi fácil. Ela mesma se aproximou, sorriu e deixou que Robert a conquistasse. Êsse é um privilégio das mulheres: deixar que os homens pensem que êles é que as estão conquistando. E Luciana, dentro de seus curtos 18 anos, é mulher antes de tudo. E que mulher!

O PRINCÍPIO

Como começou a coisa ninguém pode dizer ao certo. Um grupinho aqui, outro ali. Os idiomas se entrecruzam no ar. Eis que a Itália descobre a América: são os olhos de Luciana Vedovelli que pousam nos olhos de Robert Cummings. "Pedir um autógrafo? Não, isso fica feio; afinal de contas também sou "estrêla" — deve ter pensado a menina. Aproximou-se. Cummings não fala italiano, Luciana arranha o inglês; um intérprete seria um intruso. A linguagem dos olhos foi crescendo. Depois vieram sorrisos, abraços. Daí em diante, estavam sempre juntos. Nas boîtes, nos churrascos, nos passeios de iate. Pareciam felizes.

Entrementes — como nas novelas radiofônicas, com um impressionante fundo musical — um vulto os seguia de perto, acompanhando-lhes os passos e menores gestos: a sra. Cummings! Que faria ela? Estaria enciumada?



Foi no grande "hall" do Cantegril Country Club que o repórter aclarou tudo. Luciana disse que...

Veja a resposta no próximo tópico!

UM ESCANDALO

As seis horas da madrugada, quando regressavam de uma festa, mr. e mrs Cummings pareciam discutir dentro do bangalô nº 3, onde trabalhavam hospedados.

— Você não me liga mais importância, Bob. Que se passa?

— Eu a amo loucamente, querida! Por que dizes isso?

— Essa pequena... essa tal de Luciana... não o deixa um só instante. Todos já notando o seu interêsse por ela — disse a espôsa de Robert, entre soluços.

Bob explodiu numa gargalhada.

— Francamente, então você acredita nesses mexericos? Eu só gosto de você, sua bobinha, e me sinto muito feliz em tê-la como minha espôsa. Nem deixe que lhe passe pela cabeça semelhante idéia!...

Abraçaram-se. Sorriram. Do lado de fora, a janela de seu quarto escureceu.

A DESPEDIDA

"Não chegou a haver um início para poder haver um fim" — explicou-nos Bob Cummings, pouco antes de sua partida. "Luciana é realmente uma pequena encantadora e acredito em seu futuro no cinema. Passei com ela uns dias bem agradáveis; mas como simples amiguinhos. Pode perguntar a ela..."

Seguimos o conselho de Bob. Pouco depois de sua partida, pareceu-nos que Luciana Vedovelli havia sido atingida pelo complexo da solidão. Não lhe floria mais nos lábios aquêle sorriso encantador. Ficava retraída, esquiva. Para ela, o Festival terminara alí, com a partida de Bob. Mas ela mesma nos desfez essa impressão:

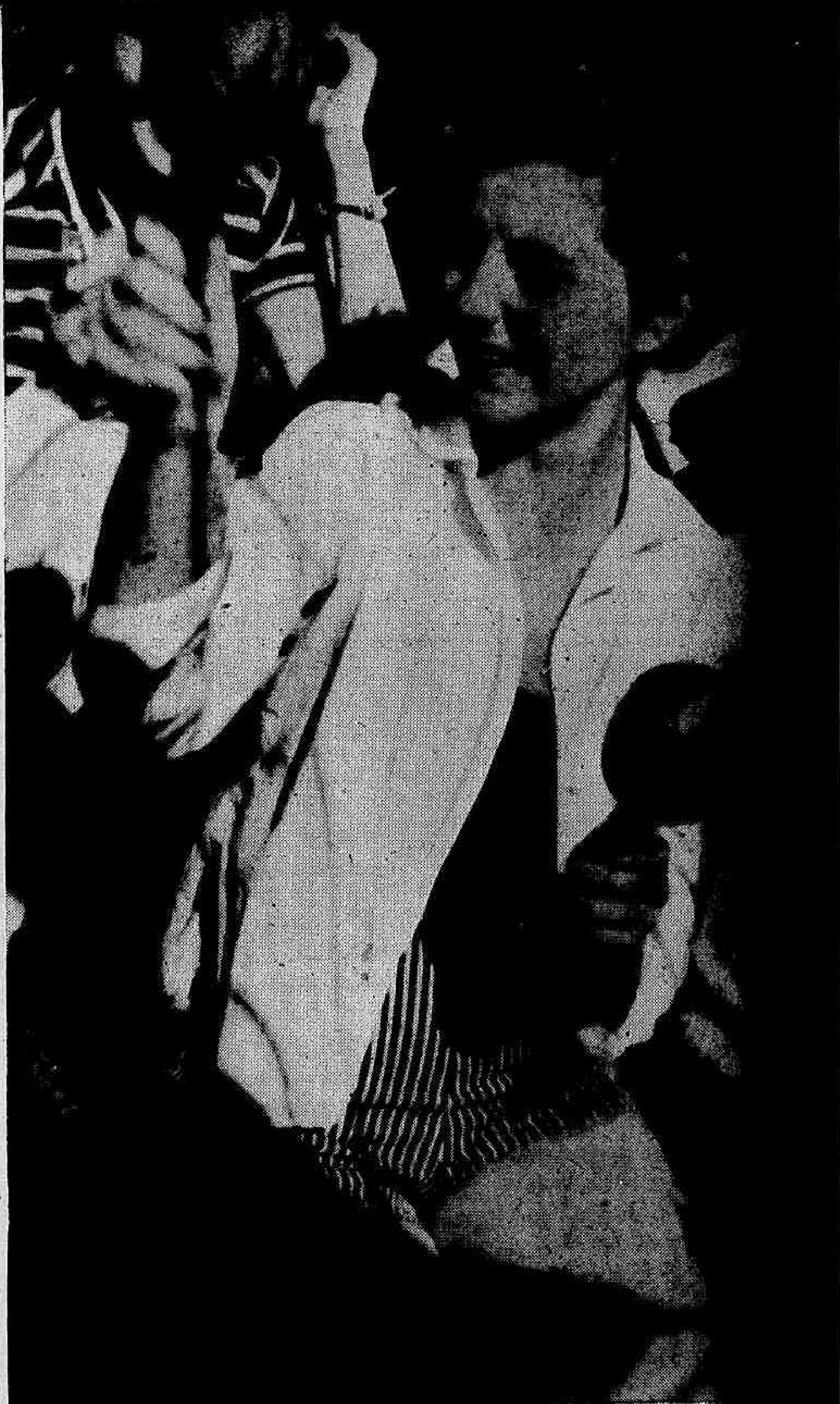
QUEM E' LUCIANA VEDOVELLI?

— "Bob disse a verdade. Não passamos de simples amiguinhos. Mas nutro, de fato, grande admiração por êle, tanto na tela como fora da tela".

Aceitamos a explicação de Luciana e demos por encerrado o seu "romance" para nos inteirarmos de sua vida privada e artística. Era bem melhor assim.

Luciana Vedovelli ingressou no cinema há apenas cinco meses. Foi Jean Renoir quem a convidou

(Continua na pág. 14)



Luciana Vedovelli — 18 primaveras de alegria e felicidade.



Depois que Robert Cummings partiu, Luciana Vedovelli só foi vista em companhias femininas.



À esquerda, com Odile François e, à direita, com Lia Amanda. Já quase não sabia sorrir.



A sra. Cummings era como que uma sombra do espôso. Ela desconfiava de alguma coisa. Mas Bob lhe jurava fidelidade.

ÉCOS DO FESTIVAL - 2

ÊLE, ELA E O "JEEP..."

TOM PAYNE E ELIANE LAGE DESCOBRIRAM UM NOVO MEIO DE TRANSPORTE. ★ SÃO PAULO — PUNTA DEL ESTE EM QUATRO DIAS E MEIO. ★ NENHUM ACIDENTE NA ESTRADA, SALVO UMA PEQUENA DERRAPAGEM. ★ O CASAL MAIS SIMPÁTICO DO FESTIVAL CINEMATOGRÁFICO.

Punta Del Este — janeiro — (Por Via Aérea).

ERA impossível esperar. A delegação brasileira não se decidia e êles tinham um compromisso a saldar: "Ângela" havia sido inscrita no Festival. Em casa, Tom Payne e Eliane Lage não falavam em outra coisa. Ângela prá cá, Ângela prá lá. Era preciso levar Ângela ao Festival. De avião? Ângela talvez não se sentisse bem; seria a primeira vez que voara. De navio? Talvez enjoasse. Além do mais, levariam cinco ou seis dias, depois de conseguir um bom transatlântico. Tom consultou Eliane com os olhos, depois de ter fixado demoradamente o seu "jeep", na garage. Ela sorriu, acenando a cabeça afirmativamente:

— Você é louco...

Tom sabia perfeitamente que aquelas palavras não eram de censura, porque ambos, em verdade, eram loucos. Um pelo outro, digo. O primeiro ronco do motor anunciou o prelúdio de uma árdua e longa jornada. Abraçaram-se. Riram. E correram para arrumar as malas.

A VIAGEM

Depois de ter feito uma lubrificação geral no "jeep", Tom e Eliane examinaram os pneus. Tudo em ordem. Colocaram "Ângela" cuidadosamente na bagagem e partiram. Nos estúdios da Vera Cruz, algumas poucas pessoas lhe desejaram felicidades. Em pouco tempo ganhavam a estrada. Eliane, figura esguia e simpática, foi se acostumando as sacudidelas. Em alguns trechos do caminho era um inferno. Nem por isso, mr. Payne diminuia a velocidade. O tempo era muito precioso.

— "Só tivemos um acidente" — declarou Payne, mais tarde. "Foi num trecho, no Rio Grande do Sul, em que o único caminho é um pedaço de praia. São cêrca de 400 metros de areia dura. Aí é preciso ter muito cuidado e não se pode andar devagar. E acontece que o "jeep" derrapou e ficamos atolados na areia. Nosso festival ia ser alí mesmo, se não recebêssemos ajuda de outro companheiro que passava. Tudo não foi mais que um susto".

NO FESTIVAL

Havia muitos casais no Festival de Punta Del Este, mas se dissermos que o mais simpático é Tom Payne-Eliane Lage, não vai nisso nenhum exagêro. Sempre juntos, amáveis, não deixam de comparecer a nenhuma programação. Sempre rodeados de amigos, especialmente dos Howard, com quem fizeram uma sólida amizade. Eliane foi a figura feminina que mais apareceu nos jornais. Todos os fotógrafos lhe



Eliane Lage e Tom Payne arriscaram uma aventura, percorrendo estradas do Brasil até Punta Del Este, para trazerem, êles próprios, seu filme "Ângela" para o Festival. Tudo correu sem acidentes e esta viagem é para ambos uma vitória

pediam uma pose. Ou batiam instantâneos, sem sequer avisá-la — porque em seus lábios sempre trazia um sorriso alegre. Uma jornalista declarou que Eliane parecia uma colegial em véspera de exame. Sim, porque seu trabalho em "Ângela" iria ser julgado dentro de alguns dias. No dia do "exame", em traje de gala, sentei-me perto dela e de seu marido. Ambos estavam nervosos — e não podiam esconder isso. No dia seguinte, as críticas não foram muito favoráveis — mas o filme foi recebido com entusiasmo, em virtude de ser nova a indústria de cinema no Brasil. Tom Payne continuou muito amável, muito cortês; Eliane não perdeu aquêle sorriso que é parte de sua personalidade.

TOM PAYNE COM A PALAVRA

— Onde iniciou sua carreira cinematográfica? — perguntamos.

— Em Londres, como ajudante de Noel Coward, na película "In Which we serve". Também trabalhei com David Lean e Michael Powel.

— Qual foi seu primeiro trabalho independente como diretor?

— Foi no Brasil, em "Terra é Sempre Terra", apresentado no Festival do ano passado aqui em Punta Del Este.

— Como recebeu a crítica de seu filme "Ângela?"

— Achei que os críticos foram todos sinceros e honestos e levaram em conta as possibilidades do Brasil em fazer filmes. E me alegrei bastante em que também acreditam, como eu, no cinema brasileiro.

— Mora em São Paulo mesmo?

— Eu e Eliane, minha senhora, passamos grande parte do ano nos estúdios da Vera Cruz, e o resto vivemos nas cercanias da capital paulista, onde temos uma granja. Constitui para nós uma atividade importante, tanto como "hobby", descanço do trabalho cinematográfico, como uma esperança para o futuro.

— Que filmes mais lhe interessaram neste Festival?

— Foram de interêssé superior indiscutível "Rasho-mon", "A Senhorita Julia" e "Umberto D". Mas se tenho que me pronunciar por algum destes, não vacilo em apontar "Rasho-mon". E' um filme apresentado com uma linguagem cinematográfica insuperável; além do mais, e isso me parece muito importante, tem um sentido de afirmação positivo, construtivo, com fé nas melhores virtudes do homem.

— Que orientação deve seguir o cinema brasileiro em sua maneira de ver?

— Creio que uma cinematografia como a nossa, que desde logo não pode competir com outras em idade, recursos técnicos e experiência adquirida, deve esforçar-se por falar uma voz própria. Essa linguagem, por modesta que seja, é a única, me parece, que pode compensar tudo o que nossos filmes tenham de imperfeito. "Essa forma de ex-

(Continua na pág. 14)



Já em Punta Del Este, Eliane Lage nos mostra como ajudou seu marido, uma vez, a trocar um pneu. Indiscutivelmente, tem espírito esportivo. Mesmo no acidente de derrapagem que sofreram na estrada

"Agora posso dizer que já entendo alguma coisa de motores de automóvel" — declarou Eliane enquanto nos mostrava seus conhecimentos mecânicos. — "Essa viagem longa valeu a pena e não quero outra condução para a volta."



Sumário

REPORTAGENS

ECOS DO FESTIVAL DE PUNTA DEL ESTE (Leon Eliachar)
1 — Romance mal iniciado 4/5
2 — Êle, Ela e o "jeep" 6/7
Uma Rainha que é muito mulher (A. Marcanti) 15/17
Eu vi a guerra de perto — 4 (Fernanda Reis) 18/21
Tensão no Egito 28/33
A Arte Moderna vai à forra (Cirilo Bardalo) 49/52

LITERATURA

A Cátedra (Renato de Alencar) 3
O Túnel Maldito (Geo William) 10
Nas asas de Cecília (Gabriela Prelada) 24/25
Manuel Pombo (Luiz Pinto) 35

ROMANCE

A Insatisfeita 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
Personagem da Semana 9
Palavras Cruzadas 53
Puxe pelo Cérebro 54
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Capitão Rob 26
Amor à primeira vista 38

FEMININAS

Praias (Ramon) 36/37
Modelinhos para meninas 39
Detalhes sugestivos 40/41
Variações do "tailleur" 42/43

CINEMA

Meu destino é pecar (Cine-novela) 46/47

CARICATURA

Mascarados (Théo) 11
Êste mundo e o outro (Darcy) 34

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro — Rafael — Orval — M. Queiroz.

NA CAPA:



Shelley Winters

(U.-International)

A SEMANA

Livros de caminhão



JOÃO Moreira Babo mantinha uma livraria na rua de S. José, nº 11, onde se acumulavam mais de cem mil volumes. Essa rua é a via para onde afluem todos os que precisam de livros e preços mais módicos. Não há pròpriamente "sebos", e sim casas de livros com exemplares novos e usados. Um desafôgo a estudante, intelectuais e a pessoas que têm curiosidade mental. Um dia a Livraria do Babo foi demolida por ordem da Prefeitura. O seu proprietário teve que armazenar os cem mil volumes com muita dificuldade. Mas, como o Natal se aproximava, João Moreira teve uma idéia salvadora: iria vender livros em barracas, ao lado de caminhões-feira. O Natal é época promissora para tais audácias. E entrou com um requerimento lá pelo mês de outubro de 1951. Mas o Departamento do Patrimônio indeferiu. Babo voltou com argumentos irrespondíveis. Então o processo foi entregue ao D.A. que despachou favoràvelmente. Arbitraram o aluguel: — Cr$ 6.000,00; mas tem que ser ouvido o S. F. U. e êste responde: Não! Vai o papelame à P.G.O. O Consultor Jurídico despacha: "Nada a opor ao requerido". Volta o processo à S. de F., segue para o Patrimônio, e o Secretário de Finanças opina que tem que ser ouvido o Secretário do Interior, que por sua vez, remete os papéis ao D. de F., isto é, Departamento de Fiscalização. Ora, já a êsse tempo o Natal estava longe! Depois de novos pareceres, informa a Fiscalização que sòmente o Prefeito poderia resolver o grande problema. Volta a ser estudado pelo Secretário do Interior, que, verificando estar perempto o motivo, opina que o requerente faça novo pedido... Santo Deus Misericordioso! Tudo isso para um livreiro sem casa, para poder vender ao povo, em praça pública, os livros que se estragam.

Um crime impossível

HÁ, todos os dias, em nossa imprensa, episódios dignos de uma antologia de curiosidades verbais. Já não queremos falar de erros de sintaxe, coisa já hoje sem muita importância, uma vez que a disciplina gramátical perdeu todo o seu prestígio entre os plumitivos. Os jornais de hoje são feitos a pressa, num corre-corre dos diabos, sem dar tempo a revisões mais bem cuidadas. Os redatores não têm tempo de repassar os olhos nas tiras que saem das máquinas sem outro caminho que não o da composição imediata. Se os linotipistas e os revisores de provas não intervierem com as suas luzes, a matéria publicada sairá lamentàvelmente mal escrita. Isso é hoje pecadilho sem importância. Mas, há certos erros que refletem a nenhuma cultura dos jornalistas. Um dos nossos diários, referindo-se a certa dama de nossa sociedade, absolvida pelo júri popular, publicou o seguinte: "O primeiro dia em casa da assassina do marido cujo julgamento emocionou a cidade e o assunto da sugestiva reportagem que publicamos hoje na 5ª página. No clichê um "close-up" de d. Fulana falando ao repórter e um flagrante da uxoricida ao saltar do automóvel, etc". Onde está o gatinho? No UXORICIDA. Não há crime de uxoricídio numa mulher, pelo simples fato de não haver mulher casada com mulher. O jornalista acha que mulher que mata o marido comete uxoricídio, demonstrando que conhece a palavra mas não sabe distinguí-la bem. Até parece aquêle outro que achou ser "infanticídio", quem matasse um soldado de INFANTARIA... Ou o que dizia ser "patologista", o cidadão que se dedicava à criação de patos!



O "Quebra-Quebra"



OS acontecimentos de Belo Horizon-
te nos dias 2 e 3 de fevereiro dêste
ano, fizeram relembrar certos episódios
passados no Rio no século passado e em
séculos anteriores. Já houve em terra ca-
rioca muita revolta popular por motivo
de aumento de preço em gêneros, passa-
gens de bondes, etc. "Noites das garra-
fas", "Revolta do quebra-quilo", Guerra
do Vintém", etc., estão narradas em crôni-
cas imortais e sempre lidas com grande
interêsse. Belo Horizonte, reeditando ês-
ses processos violentos para deter a
marcha do encarecimento da vida, vem
apenas mostrar que ainda é uma cidade
na primeira infância. Um povo já ama-
durecido, vivendo dentro de preceitos de
esclarecimentos para adultos, não proce-
de com distúrbios de rua para comba-
ter exploradores. Esta é uma família que
sempre existiu e existirá. Compreende-se
a revolta do povo de Belo Horizonte, de
Pará de Minas, de outras cidades cujas populações estão sofrendo as conseqüên-
cias de uma época de amargar. Entretanto, se cada um meditasse um minuto na
inocuidade dêsses processos de "quebra-quebra", tomaria outro rumo. No final
de tudo, quem paga o pato é o próprio povo. Os proprietários dos estabeleci-
mentos avariados, destruídos ou incendiados, recorrem à Justiça e pedem inde-
nizações ao govêrno. E os Tribunais lhes dão ganho de causa! Muitas vêzes re-
cebem mais do que o valor da propriedade destruída ou avariada. O melhor é
cada qual abster-se de nutrir a ganância, evitando comprar isto ou aquilo. Ve-
jam o resultado entre as donas de casa e os açougues. A carne baixou... Para
que destruir bens móveis ou imóveis, se, com isso, ninguém poderá consertar a
natureza humana?

EM

Op

O dr. Claudion
operador de
xada Fluminense,
gres. Os casos
resolvia fàcilmente
cional: sem a men
ciente. E o médi
"Eu sou apenas o
a operação é o g
Mas como? — In
e o dr. Castro, t
cia: "Eu me conce
Manguinhos, e êle
resultados são in
ter fé e concentr
Castro ia vivendo
fredores dêste mu
tetores do outro.
curá-lo o cliente
Sofria de sérios d
houvera médico
jeito. O mal pro
no procurar o ciru
mio, sem nada e
de carne passada.
Submetido a exam
feito: coração. M
bons guias. O mé
locando a mão no
Minutos depois, o
carne: um, do fig
cliente continuava
e prisão do douto

C



qualquer sala de
estavam estragada
pessoal do Amapá
êste já ia muito
chamaram os bo
capitais, — a por
tra incêndio — p
cação e de previd
detritos e até cus
cêndio! Quanto à
edifício.

Santo

VEM-NOS de
guai, uma
contentamento: C
vida de Santos D
novidade? José
jo" de "Carnava
deu dinheiro à b
bidores. Não sab
tistas que integr
voltemos à notíc
por um correspo
Punta del Este,
valcanti está pr
terá como figura
tal figura de Sa
Aviação". Pelas
Lewgoy, será êle
encarnando a fi
tor. Acham —
acham que êle s
o que trará mais
cula. Com efeito
máscara de Lewg
nica do "make-u
beça de Lewgoy
pa alta, e teremo
cento, do contrár
mes biográficos
meios. Não bast
ções artísticas do
nha de meios pa
Dumont exige m

EM REVISTA

Operações no invisível



O dr. Claudionor de Castro, médico operador de fama em tôda a Baixada Fluminense, estava fazendo milagres. Os casos mais complexos êle os resolvia fàcilmente. E o que é mais sensacional: sem a menor dor por parte do paciente. E o médico-cirurgião explicava: "Eu sou apenas o instrumento. Quem faz a operação é o grande Carlos Chagas". Mas como? — Indagavam os incrédulos, e o dr. Castro, triunfantemente, esclarecia: "Eu me concentro, chamo o sábio de Manguinhos, e êle orienta a operação. Os resultados são infalíveis. Mas é preciso ter fé e concentrar-se muito". E o dr. Castro ia vivendo muito bem com os sofredores dêste mundo e os espíritos protetores do outro. Um dia, porém, foi procurá-lo o cliente Joaquim dos Rios Jr. Sofria de sérios distúrbios cardíacos. Não houvera médico especialista que désse jeito. O mal prosseguia. Aconselharam-no procurar o cirurgião que operava sem anestesiar, sem injeções, sem clorofórmio, sem nada e retirava do corpo do paciente pedaços de fígado, de intestino, de carne passada. E o sr. Rios Jr. procurou o famoso Hipócrates fluminense. Submetido a exame, o médico diagnosticou o que todos os médicos já haviam feito: coração. Mandou que o cliente se deitasse no consultório e pensasse nos bons guias. O médico fechou os olhos, concentrou-se e começou a operação. Colocando a mão no peito do doente, falou com "alguém", enquanto era operado. Minutos depois, o médico exibia aos olhos atônitos do cliente, dois pedaços de carne: um, do fígado, e outro, da aorta. Deu-lhe onde contos. Passados dias, o cliente continuava pior. Mas já o operador sumira. Resultado: queixa, diligência e prisão do doutor, que nem era espírita nem médico...

Caixas de incêndio



HOUVE incêndio num dos andares do edifício Nilomex, na Esplanada do Castelo. Ali funcionavam escritórios e a representação do Território Federal do Amapá. Os prejuízos, segundo informaram as vítimas, não foram muito grandes, talvez somando uns 40 mil cruzeiros. Como se iniciou o sinistro? Uma ponta de cigarro jogada à rua por um funcionário bate na veneziana e ricocheta para dentro da sala. Cai sôbre uma lata de filmes de propaganda do Amapá e ateia o incêndio. As chamas se propagam a outros celulóides e chegam a móveis e material de fácil combustão. Tudo isso se passava às 15 horas de quinta-feira, 7 de fevereiro de 1952, na cidade do Rio de Janeiro. As pessoas e os funcionários que estavam em atividade, recorreram às chamadas "caixas de incêndio", as quais têm instalação de mangueiras próprias para combater o fogo em qualquer sala de qualquer andar. Mas as "caixas" não funcionaram porque... estavam estragadas, nada mais representando que uma novidade inútil. Então o pessoal do Amapá lançou mão de baldes de água para acabar o incêndio; mas êste já ia muito vigoroso e êsse processo não surtia resultado. Nesse ínterim chamaram os bombeiros, que mataram o fogo. Meditando-se nos dois pontos capitais, — a ponta do cigarro jogada à rua e a imprestabilidade da caixa contra incêndio — podemos verificar o quanto somos um povo desprovido de educação e de previdência. O hábito reprovável de se jogar à rua pontas de cigarro, detritos e até cusparadas, é mal secular. Bastaria um cinzeiro para evitar o incêndio! Quanto à "caixa", para o caso chamamos a atenção do proprietário do edifício.

Santos Dumont no cinema



VEM-NOS de Punta del Este, no Uruguai, uma notícia que nos enche de contentamento: Cavalcanti vai filmar a vida de Santos Dumont. Quem nos dá a novidade? José Lewgoy, o famoso "Anjo" de "Carnaval no Fogo", película que deu dinheiro à bessa a produtores e exibidores. Não sabemos se também aos artistas que integram o seu "cast". Mas voltemos à notícia. Lewgoy, entrevistado por um corresponrente estrangeiro lá em Punta del Este, declarou que Alberto Cavalcanti está preparando um filme que terá como figura central a grande e imortal figura de Santos Dumont, o "Pai da Aviação". Pelas informações dadas por Lewgoy, será êle o intérprete principal, encarnando a famosa pessoa do inventor. Acham — diz ainda o artista — acham que êle se parece com o mineiro, o que trará mais verossimilhança à película. Com efeito: observando-se bem a máscara de Lewgoy, poderá interpretar Santos Dumont. O restante é com a técnica do "make-up", do diretor e do responsável pelo vestuário. Metam na cabeça de Lewgoy um daqueles chapéus de Panamá, com abas para baixo e copa alta, e teremos um excelente Santos Dumont. O filme terá que ser cento por cento, do contrário deshonrará a memória do eminente cientista patrício. Os filmes biográficos dificilmente poderão ser realizados no Brasil, por falta de meios. Não basta um José Lewgoy, indiscutivelmente uma das grandes revelações artísticas do nosso cinema de longa metragem. E' necessário que se disponha de meios para levar avante a emprêsa. E um filme sôbre a vida de Santos Dumont exige muito dinheiro, muita técnica e paciência.

A PERSONAGEM DA SEMANA



ESTEVE em exibição em vários cinemas do Rio, um filme carnavalesco intitulado «Tudo Azul», produzido, exclusivamente, para divulgar as mais novas composições da música popular; mas, atentando-se bem para o seu argumento, verifica-se, com muito contentamento, que essa película, despretensiosa e modesta, constitui um hino à dona de casa, à tradicional figura da mãe de família, da espôsa que fêz do lar o Cáucaso de seus sofrimentos e o santuário de suas esperanças. A dona de casa que, pela vertigem da vida atual se vai afastando de seu pôsto de dirigente do lar, muitas vêzes a contragôsto, forçada pelas contingências da vida, é, realmente, o fiel da balança na vida doméstica, a mantenedora do equilíbrio familial, o elemento catalisador da própria vida social. Vivemos, nestes últimos dias, horas de grandes preocupações. Em várias cidades do país irromperam tumultos, muitos dêles caracterizados por ataques à propriedade alheia, resultando ferimentos e até mortes durante o choque entre o desespêro e a Lei. Não é a primeira vez que há conflitos de rua determinados pelo encarecimento da vida; mas, acima dos processos violentos, cujos prejuízos materiais, no final das contas, quem paga é o povo, através de indenizações do govêrno aos prejudicados, está a resistência passiva, a chamada «greve branca» das donas de casa, evitando comprar gêneros que caírem no «boycot» doméstico, o que, fatalmente, forçará sua baixa em benefício geral. Foi o que sucedeu com a carne verde no Rio, Niterói e noutras cidades. Liberado o produto, subiu a alturas mantiqueirianas, baixando a níveis mais ou menos razoáveis depois que a dona de casa decidiu defender a economia doméstica, não indo mais aos açougues. No filme da «Flama», quem salvou o herói foi uma flor. Na atualidade brasileira, quem está salvando a economia familial é outra flor: a dona de casa. Que maravilha se elas voltassem a ser o que já foram, dedicadas, exclusivamente, à administração do lar, à educação dos filhos, à economia doméstica, como naqueles poéticos tempos de Vesta, entre etruscos e romanos!

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL



O NOVO
PERRY
DUAS
ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA
PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN — INGLATERRA



Núpcias



ESTA fotografia é um flagrante apanhado por nossa reportagem, em Recife, Pernambuco, no dia 22 de Dezembro próximo passado, por ocasião do enlace matrimonial da Senhorita Maria Tereza, filha do Sr. Nerva Grangeiro e sua espôsa Sra. Júlia Grangeiro, com o Sr. Vicente Carrazoni Filho. A cerimônia, que teve lugar na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, contou com a presença dos elementos de maior destaque da sociedade local.

O PEQUENO CONTO

O TÚNEL MALDITO

GEO WILLIAM

EXISTIA, em outros tempos, nas proximidades de Roma, um túnel que levava, segundo diziam, às catacumbas, êsse dédalo apavorante de corredores que se entrecruzam no subsolo da Cidade Eterna.

Êsse túnel, conhecido como sendo o "túnel do diabo" era esquivado por todos, existindo várias versões sôbre a verdadeira existência, no interior daquele intestino excavado na terra, do soturno Príncipe das Trevas. Misteriosos desaparecimentos de jovens, verdadeiros ou inventados, criavam cada vez maior fama trágica ao túnel. Especialmente no populoso e antiqüíssimo bairro de Trastevere, não havia ninguém que deixasse de acreditar nas histórias circulantes.

Foi numa taberna dêsse bairro romano dentro de Roma, que uma noite um grupo de rapazes começou a comentar as ocorrências e boatos.

— Para mim tudo isso não passa de verdadeira balela — disse a certa altura Renato Altobrandi, jovem de conspícua família patrícia e que se encontrava presente a fim de saborear um "abacchio" e um "vino del Castelli" — Não acredito e minha mente repudia semelhante possibilidade.

— Olhem o valentão! — interveio outro, já meio tocado pelo generoso néctar ingerido — Terás tu a coragem de ir, logo à meia-noite, no interior do túnel?

— Claro que terei. Tenho essa coragem que falta a vocês!

— Mas, quem garantiria a sua entrada e permanência?

— Ora... Um sinal que lá poderia deixar e que amanhã, com o sol alto e vocês cheios de coragem, poderiam verificar...

— Aposto que isso é sòmente conversa fiada...

— Pois aposto cem luizes de ouro de como vou até lá e finco minha bengala bem no centro do túnel! Vale?

— Vale!

A aposta foi fechada e o grupo barulhento tomou a direção do sinistro local.

★

Quando chegaram nas proximidades, Renato Altobrandi recebeu de um dos acompanhantes, um grosso martelo com que deveria fincar a bengala, transformada em estaca. Emprestara-o o dono da tasca, a pedido.

Faltavam minutos à meia-noite quando, despedindo-se dos companheiros, o moço penetrou na negridão daquela bôca imensa, que parecia à espera de alguém para engulí-lo.

Sem o menor mêdo foi avançando, tateando as paredes, até que julgou boa a distância percorrida. Então, pausadamente, bateu os gilpes no cimo da bengala môcha, enterrando-a profundamente ao solo.

Ao se dirigir à entrada sentiu-se imediatamente agarrado com fôrça brutal pela aba do manto que o cobria. Um puxão violentíssimo que o fêz cambalear para trás! Um puxão e o colapso que o fulminou instantâneamente!

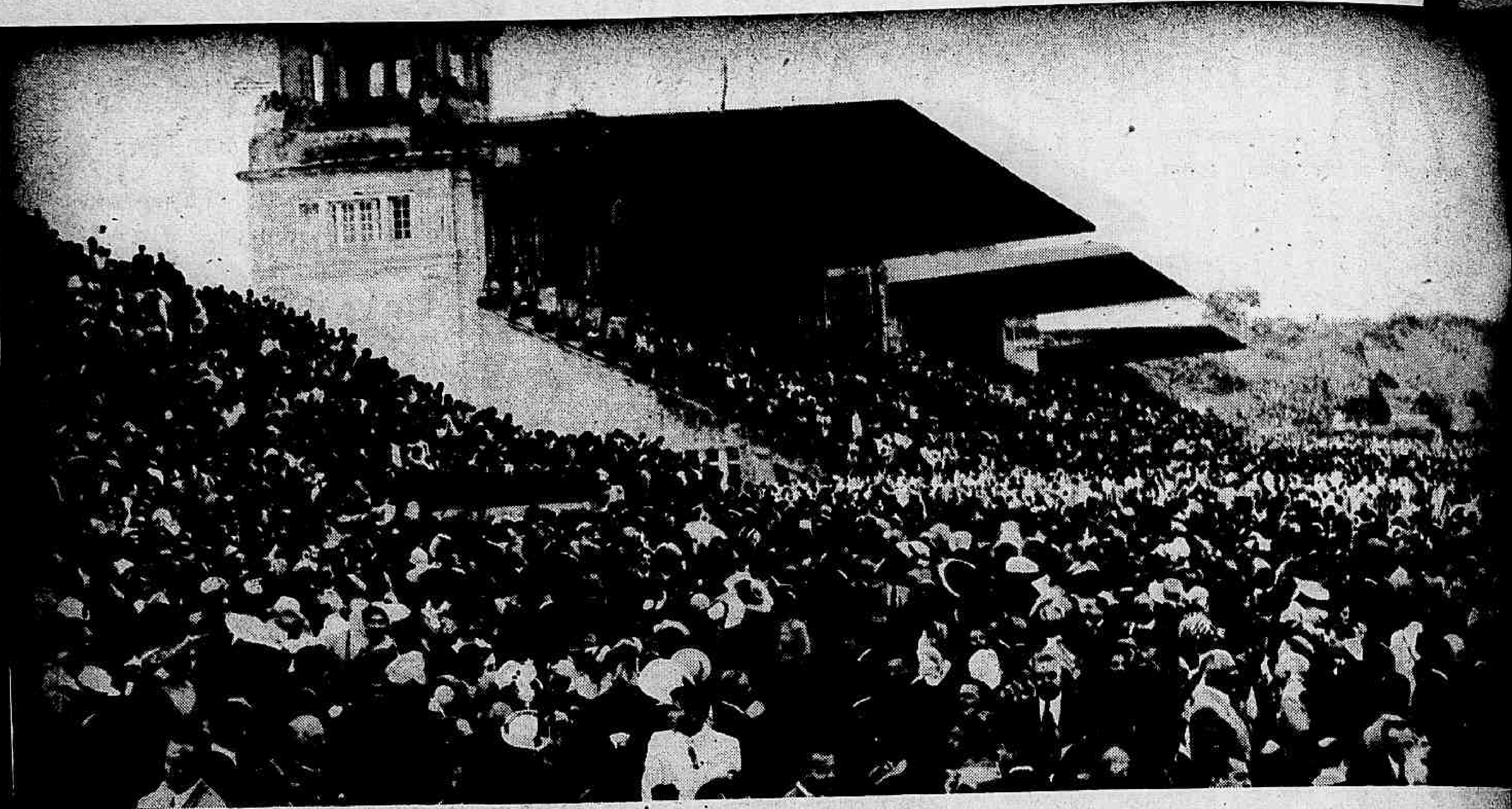
★

Em vão, aguardaram os amigos o regresso de Renato. Comunicado o fato às autoridades, fêz-se uma diligência rumorosa. Quando todos chegaram ao local, encontraram Renato morto.

Sucede que o jovem, ao fincar a improvisada estaca no chão, furara, sem percebê-lo, a ponta de seu manto, que ficou prêsa. E quando tentava regressar, o manto, assim agarrado, puxara-o violentamente, dando-lhe a impressão de que o diabo o agarrara para sempre...

MASCARADOS...





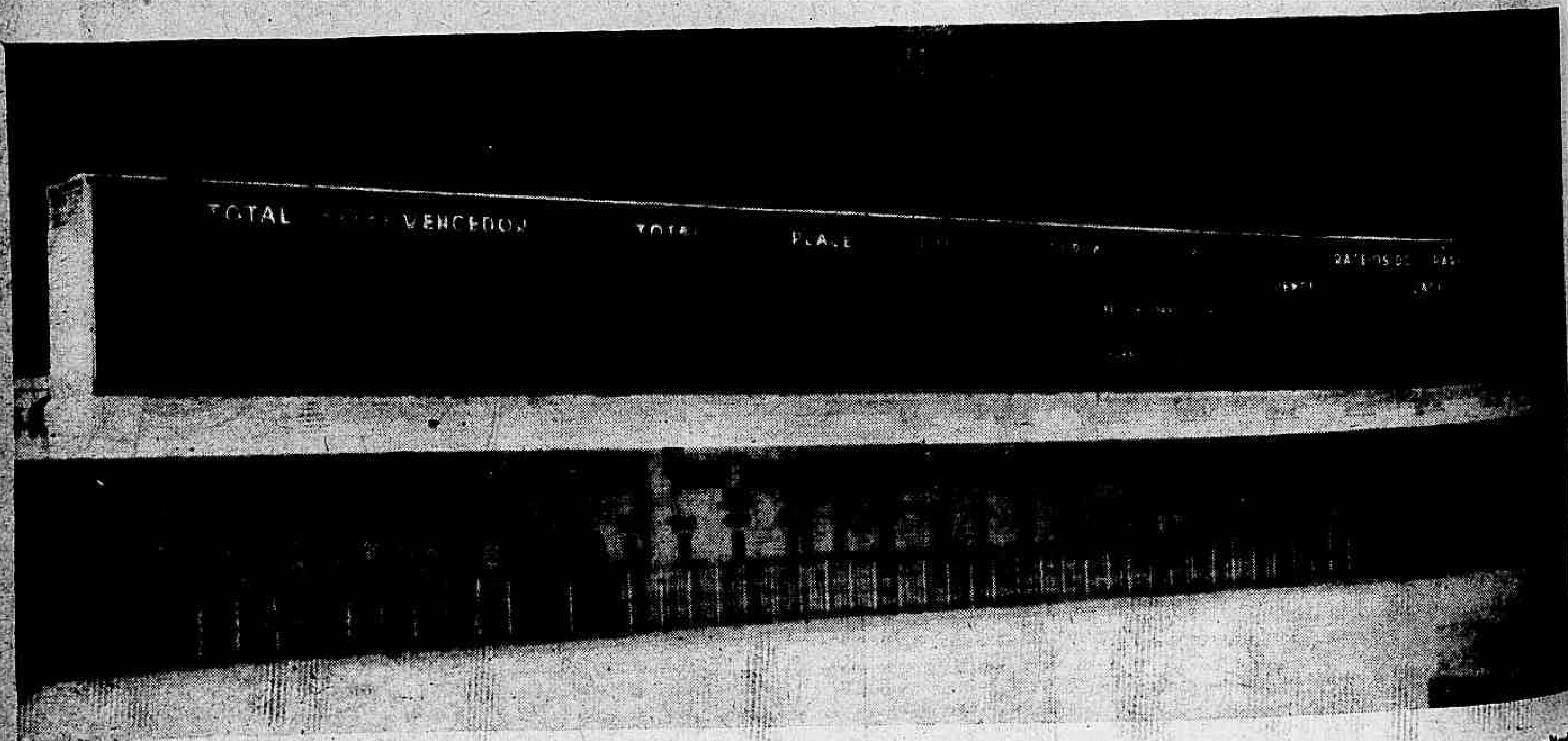
Em 1951 grandes assistências acorreram ao magnífico Hipódromo da Gávea, ponto de reunião obrigatório de nossa sociedade. Todos os "records" foram batidos.

UM ANO DE GRANDEZAS PARA O TURF CARIOCA



←

O Grande Prêmio Brasil foi a nota culminante da temporada de 1951. Na foto, à esquerda, uma reminiscência da grande prova, vendo-se o Sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, saudando os Srs. Rocha Faria, pai e filho, proprietários do ganhador Pontet Canet



Uma visão parcial do totalizador de apostas, uma das maiores realizações do Jockey Club Brasileiro em 1951. Sua instalação ofereceu os melhores resultados

A iluminação das pistas de corridas foi talvez a maior realização do Jockey Club no ano passado. Grandes corridas noturnas foram efetuadas com sucesso

ATRAVÉS de magnífica temporada de corridas, marcada por notáveis índices técnicos, mundanos e financeiros, mercê de realizações vultosas, que mais ainda enriqueceram o patrimônio turfista da metrópole, transcorreu brilhantíssimo o ano carreirista de 1951, indiscutivelmente um período de grandezas para o turf carioca.

Passando por uma rápida e assombrosa evolução, mais se acentuam, de ano para ano, as excelências do turf no Brasil. E a temporada da Gávea, em 1951, sobrelevando-se a tôdas as anteriores, perfilou-se como uma jornada deslumbrante, cujos sucessos ficaram indeléveis na memória dos freqüentadores do majestoso campo de Jardim Botânico.

Nessa estação de 51, dentre os acontecimentos de maior relêvo, cumpre destacar o Grande Prêmio Brasil, que foi disputado pela 19ª vez. Essa prova, instituída em 1933, com o prêmio de Cr$ 300.000,00, está hoje com a sua dotação fixada em Cr$ 1.000.000,00 e a sua realização constitui a festa principal do turf carioca e de todo o Brasil, atraindo multidões consideráveis ao hipódromo da Gávea. A mais fina camada da sociedade ali comparece, bem como o alto mundo oficial, emprestando um cunho de relêvo e distinção ao ambiente.

Anualmente, cresce o entusiasmo por essa grande carreira, que, como prova internacional, é aberta a animais de todos os países. Grandes campeões do continente afluem para a sua disputa, dando um invulgar significado a essa competição, que é, assim, um soberbo teste de valor, conferindo um excepcional destaque ao respectivo laureado.

Em 51, Pontet Canet, um egresso da Argentina, foi o herói da grande pugna. O pupilo do Stud Rocha Faria havia estreado, cêrca de um mês antes em pistas cariocas, levantando, em impressionante estilo, um "handicap", onde enfrentou animais de ótima graduação. Logo após, desincumbindo-se de um novo compromisso, que outro não era senão o Grande Prêmio 16 de Julho, voltou a ganhar, ratificando os seus foros de "crack" e conquistando, com isso, uma segura credencial para o G. P. Brasil, que pouco depois seria realizado e onde voltou a ganhar, elevando os créditos da criação platina.

Também cavalos brasileiros já têm levantado o G. P. Brasil, sendo certo mesmo que logo o primeiro dêles, levado a efeito em 1933, foi ganho pelo nacional Mossoró. Depois dêste, Sargento, Albatroz e Helíaco, também brasileiros, ganharam a prova, sendo que os dois últimos cometeram mesmo a façanha de um "doublé", levantando a prova em duas temporadas consecutivas.

Outro fato que sublinhou brilhantemente a temporada de 51 foi a extraordinária campanha da égua Tirolesa, grande campeã clássica, que conseguiu

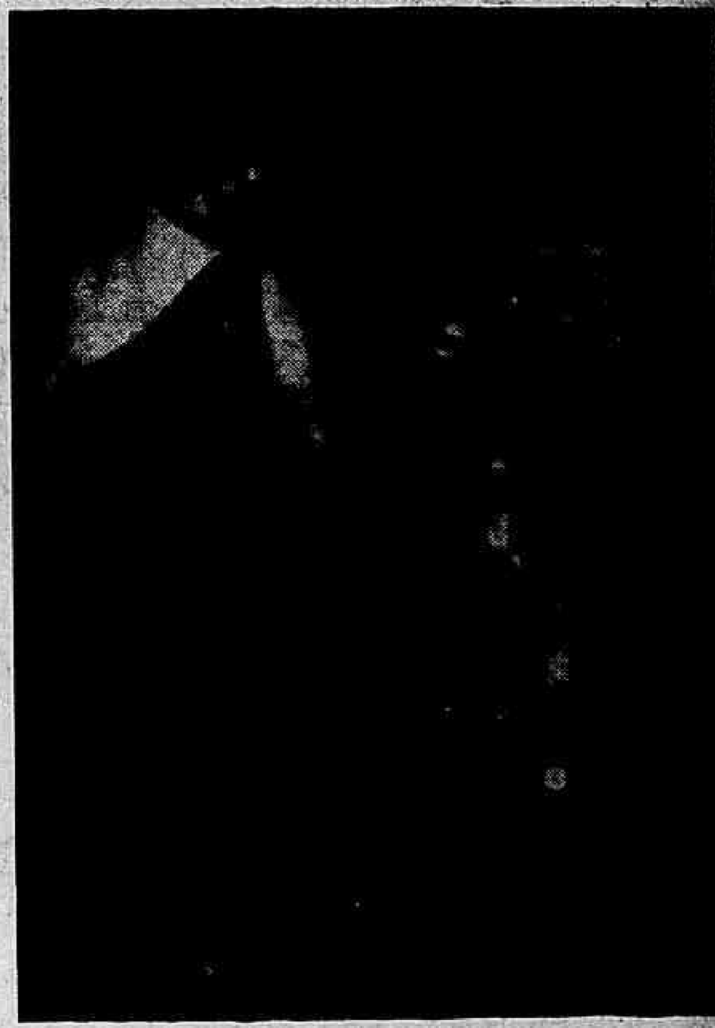
(Cont. na pág. 14)



Outro deslumbrante aspecto da pista iluminada, tirada do alto do Corcovado



O Hipódromo Brasileiro foi o ponto de reunião preferido pela elegância carioca



Verdadeiras paradas de beleza e bom-tom, assim foram as tardes e noites do Hipódromo

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO

FALTAVA um canto do mundo a ser conhecido pelo Sr. Marcos Carneiro de Mendonça e sua espôsa, a poetisa Ana Amélia — a África. O continente negro não é apenas, para os brasileiros, uma imensidade cheia de atração e pitoresco, variando como um caleidoscópio desde a velha civilização mourisca do norte às modernas cidades inglêsas da África do Sul. E' mais — é a terra de onde foram transportados para o Brasil perto de dez milhões de negros, num espaço de três séculos; é a terra onde, até hoje, os portuguêses demonstram a capacidade do seu espírito colonizador; é a terra, enfim, onde a lembrança histórica fàcilmente distingue a distante presença de soldados do Brasil, que ali desembarcaram na primeira expedição militar que deixou as nossas praias para combater no estrangeiro. De todo êsse mundo real e fantástico que é a África de hoje, imenso teatro cheio de vestígios da história da humanidade de todos os tempos, trouxe o Sr. Marcos Carneiro de Mendonça abundante material fotográfico e impressões pessoais que transmitirá aos leitores da REVISTA DA SEMANA, em uma série de vivas reportagens que muito brevemente terão comêço em nossas páginas.

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Chega ao seu final, neste número, a série das Aventuras do Cap. Rob, historieta ilustrada que tanto interêsse despertou entre os nossos leitores. E' com muita satisfação que avisamos, estará o destemido Cap. Rob, em novas aventuras ainda êste mês, nas páginas da REVISTA DA SEMANA, numa nova série cheia de imprevistos e lances dramáticos de empolgante enrêdo.

UM ANO DE GRANDEZAS...

(Cont. da pág. 13)

alcar-se à posição de recordista sul-americana em prêmios: Pela sua valentia, não respeitando pesos, turmas ou distâncias, a representante do Stud Seabra ficou apelidada de "Paraíba", por analogia a uma popular figura de mulher nortista, dada a proezas masculinas.

Também as corridas noturnas constituíram uma nota de destaque na temporada. O Jockey Club Brasileiro, correspondendo ao interêsse que essas reuniões vinham despertando, intalou um novo serviço de iluminação, adotando o que de mais moderno existia no gênero, com o que conseguiu excelentes resultados, pela satisfatória visibilidade que o sistema permitiu.

Outro evento assinalado da estação, recebido prazeirosamente pelos turfistas, foi a instalação do totalizador, o primeiro aparelho dessa natureza existente em tôda a América meridional. Pelas suas vantagens, que não precisam ser encarecidas, por notórias, o totalizador muito contribuiu para o realce das reuniões da Gávea, marcando um passo agigantado no progresso do turf brasileiro.

Podemos, pois, afirmar que o Jockey Club, no ano findo, perlustrou uma das mais gloriosas etapas da sua fecunda existência, levantando sobremodo o índice do esporte carreirista nacional.

ÊLE, ELA E O "JEEP"

(Cont. da pág. 7)

pressão, manifestando-nos em nossos problemos, nossas paisagens e o ritmo de nosso floklore, pode servir como semeamento de nossas realidades antes nós mesmos. E serve para darmos a conhecer ao mundo tal como somos, sem falseamentos sentimentais. Por isso apreciamos tanto a oportunidade que nos oferece êste Festival para travarmos contato com a opinião continental e mundial.

ACOMPANHE, SEMANALMENTE, NA "A CENA MUDA", O "DIARIO DE PUNTA DEL ESTE".

UM ROMANCE...

(Cont. da pág. 5)

para um teste, mas foi De Fillippo quem teve a honra o privilégio de dirigi-la primeiro, em "Marito e Moglie", uma comédia ainda inédita para o público. "D. Ruy" será seu próximo filme, dirigido por Bragáglia, em ambiente espanhol-peruano. Desde pequenina que dança ballet. Seus diretores preferidos: De Filippo e De Sicca, pelos filmes realistas que já fizeram. Gostaria de interpretar uma comédia triste, humana. Tem o curso ginasial e o início do Liceu. Estudou inglês na Inglaterra e Francês na França. Gosta de pintura e de música. Está aprendendo a jogar golfe. Já viajou por quase tôda a Europa. Não bebe e não fuma. Seus astros favoritos: Barbara Stanwyck, Bette Davis, Robert Cummings, Laurence Olivier, dos americanos. Dos franceses: Gerard Philippe, Danielle Delorme e Cécile Aubry. Prefere levar uma vida tranqüila. Faz tudo pelo cinema. Pretende tornar-se uma artista famosa e acha que para ser uma boa atriz são necessários muitos anos. Gosta de dormir cedo e acordar às 10. Adora praia. Acha as uruguaias muito bonitas, com tipos de espanholas ou italianas do sul. Gosta de ler romances franceses, e clássicos como Flaubert e Stendhal. Admira o princípio do Jazz e ouve muito orquestra de negros executando blues. Gostaria muito de filmar no Brasil.

Êstes são os traços biográficos de Luciana Vedovelli que, a estas horas, o Rio já deve ter conhecido pessoalmente. Seu romance com Robert Cummings foi negado por ambos. Cummings regressou aos Estados Unidos e Luciana voltou para Itália. Nesta altura já devem ter esquecido um do outro. Assim espero.

Correio da Revista

RECEBEMOS do Asilo dos Cancerosos da Penha, na rua Magé, 326, Distrito Federal, a seguinte e emocionante carta:

"Senhor Diretor da REVISTA DA SEMANA.

Cabe-me o grato prazer de vir apresentar os meus e dos meus companheiros de sofrimento, os melhores votos de felicidades pelo Ano Novo, extensivos a todos os que labutam na "Revista da Semana", a quem desejamos um 1952 próspero. Ao dinâmico e destemido jovem repórter Vinicius Lima, um grande e saudoso abraço, lembrando-lhe que, de quando aqui estêve sòmente três sobrevivem, os quais foram para o descanso eterno; porém eu continuo firme e resignado, graças aos cuidados do benemérito dr. Sérgio de Azevedo a quem devo ainda me ser possível confortar os meus tristes companheiros. Com reconhecida gratidão,

(a) *Antônio Leone*".

★

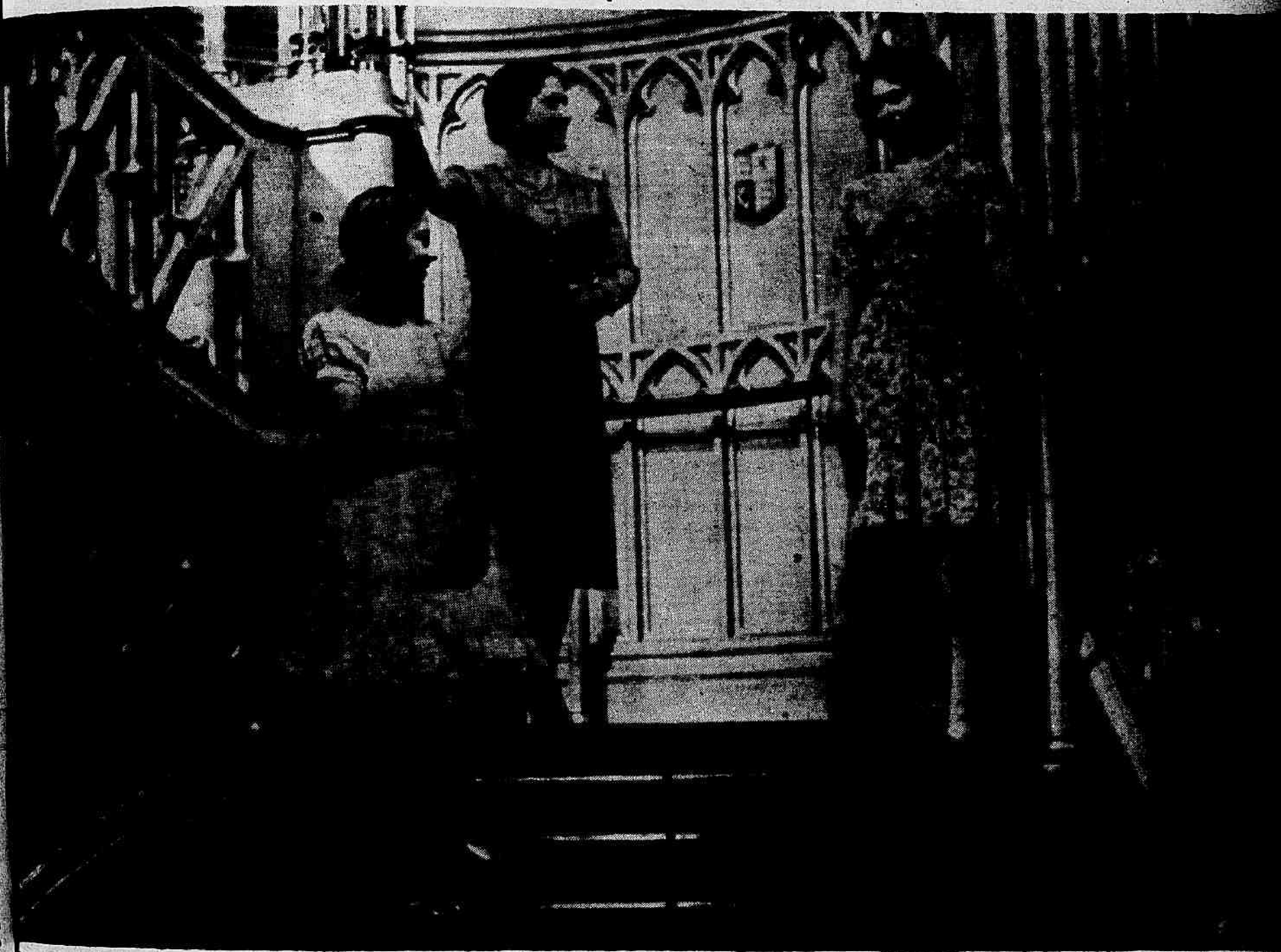
Também recebemos de Niterói, a seguinte carta:

"Senhor Diretor da REVISTA DA SEMANA:

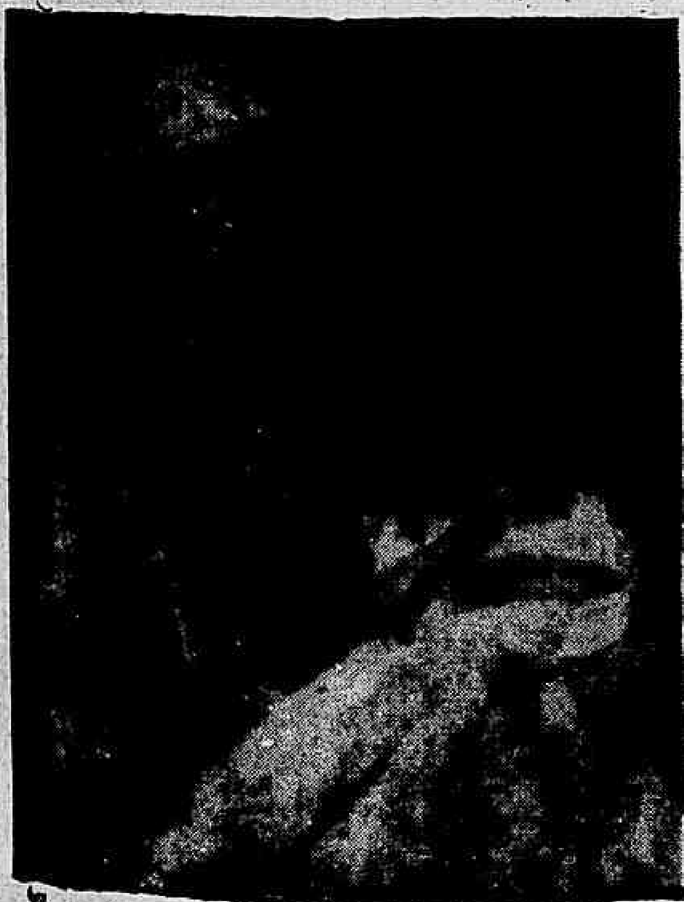
Li nesta Revista um artigo de Renato de Alencar sôbre a morte da Terra. Diz êle que terminaremos em pó, de uma hora para outra. E' verdade. Diz êle que devemos orar pelos que já foram, e pedir misericórdia para os que ainda não se tornaram em pó. Isto é necessário, mas não em tom de descrença, porque o dia virá e não está longe. Os sábios não chegaram a um acôrdo, como êle diz, acêrca do fim dêste mundo. Uns dizem que será novamente por água; outros, que seremos tragados por um cometa, talvez pelo Halley. Eu discordo de tôdas estas formas. O mundo nos foi dado por Deus. Êle nos deu todos os poderes sôbre a Terra, para construirmos e destruirmos. Mas, vendo Deus que o povo se ia va tornando rebelde e descrente, mandou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo, para novos ensinamentos, a fim de não nos tirar o direito que nos tinha dado e que só vai ser prestado conta no dia de Juizo, como diz a Bíblia Sagrada. O homem destruirá o mundo com a sua maldade, e é a fogo. Dirá o senhor: "Como pode o homem atear fogo nesta imensidão?" Simples: olhe o controle da física nuclear, pelo homem. Redundou em uma catástrofe local. Vai ser inventado pelo homem, um aparelho para a captação da corrente que flutua no espaço, para fins bélicos. Êste aparelho fechará um curto-circuito com a Terra e virá o fogo que destruirá o mundo, e não ficará pedra sôbre pedra, que não seja derrubada.

(a) *Francisco Martins*".

UMA RAINHA QUE É MUITO MULHER



Ainda não era mulher nem sonhava ser rainha. Vê-se, na foto, Elizabeth, sua mãe e sua irmã. A cena é própria de um interior de residência nobre na Inglaterra



RELEMBRANDO O REINADO DA RAINHA VITÓRIA ★ RAINHA AOS 25 ANOS, ELIZABETH ENCONTRA UMA TRADIÇÃO FAVORÁVEL A SEU REINADO ★ A PRINCESA QUE ASSEDIAVA SEU MARIDO EM MALTA

Por **A. MARCANTI**

Em 1926, no colo da então Duquesa de Kent, sua mãe. À direita: a Rainha Vitória, cujo nome encheu uma época, trisavó da atual rainha

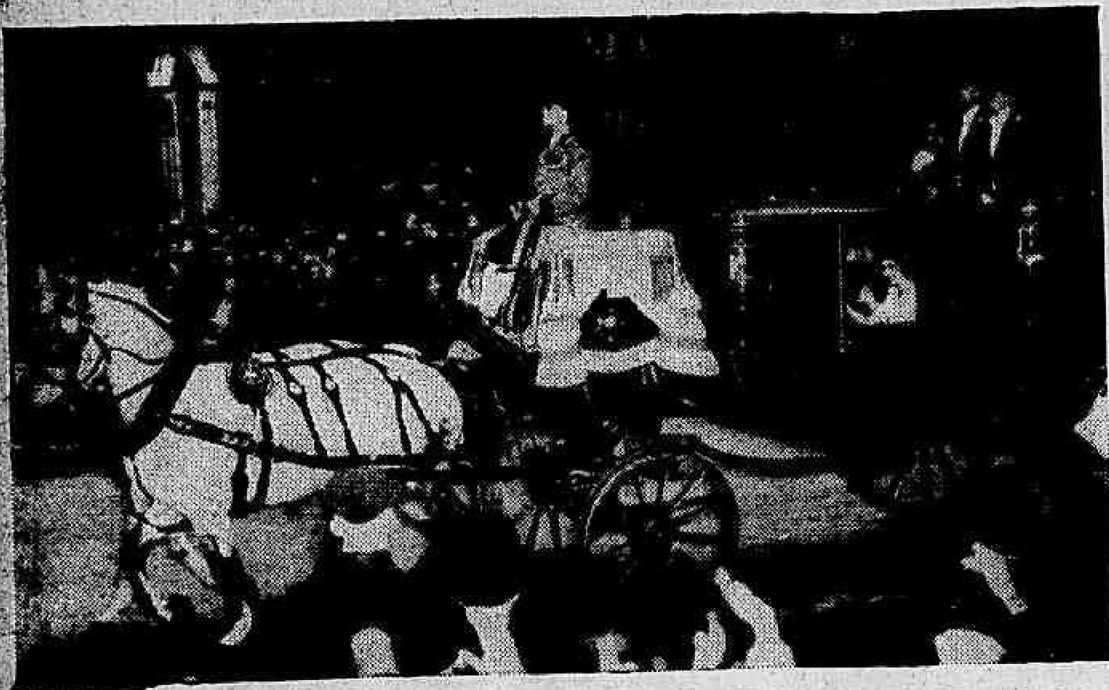




Elizabeth, ao festejar seu décimo quarto aniversário, no Castelo de Windsor, posa para a objetiva em traje de caça, no grande parque da mansão real.



Uma dança e um "flirt", nos têrmos comedidos de uma festa em casa fidalga. Elizabeth, ainda solteira, nos braços do jovem Lord Rupert Nevill



Mesmo na vida de uma princesa o casamento é algo sensacional. Sobretudo se deixa a igreja num soberbo coche dourado. Londres, 1948



Flagrante tomado no interior do coche real, mostrando os jovens nubentes Elizabeth e Felipe, durante um trajeto em que foram ovacionados pelo povo



À volta da Abadia de Westminster, assomando à sacada do Palácio Buckingham, o casal de príncipes acena para a massa popular aglomerada na praça



No balcão do Palácio Buckingham, da esquerda para a direita: o Rei Jorge VI, duas princesas, Elizabeth, Felipe, a Rainha então reinante e a Rainha-Mãe



Na Itália, Elizabeth, em visita ao Asilo D. Bosco, ouve, sorridente e enternecida, a saudação que lhe dirige um pequeno e eloquente "cara suja"



Depois de assistir a uma caça à rapôsa e premiar o vencedor, Elizabeth se vê rodeada pela matilha uivante de cães excitados pela carreira



Na Itália: — Elizabeth, ao lado do marido, Felipe, é cumprimentada pelo pastor, em cujo templo fôra ouvir o ofício religioso do dia de domingo

UMA RAINHA QUE É MUITO MULHER

PELA segunda vez na história da Grã-Bretanha, a casa de Hanover, a que pertence a dinastia reinante, dá uma rainha ao trono da Inglaterra.

O eleitor de Hanover, que tinha nas veias o sangue inglês de sua avó, foi o primeiro soberano dessa dinastia, subindo ao trono da Inglaterra sob o nome de Jorge I e inaugurando a chamada "Época dos Jorges", que vai até Jorge V, seguindo-se um a outro. O primeiro Jorge não conhecia sequer a língua do país sôbre o qual reinava e o seu filho não chegou a dominá-la com absoluto desembaraço.

Sucedendo ao herdeiro do último Jorge, foi coroada rainha a princesa Vitória, cujo longo reinado (que enche quasi todo o século passado), dá a Inglaterra o período mais brilhante de sua existência como nação. No auge do poder e do prestígio a bandeira inglêsa fêz a volta ao mundo, como sucedera pouco antes à bandeira tricolor da França, temida e admirada em todos os pontos da Terra. A êsse período chamou-se "Era Vitoriana", sinônimo de fastígio e tranqüilidade próspera.

Nesse tempo a rainha da Inglaterra tornou-se Imperatriz das Índias, em remate à ousada e hábil política de seu primeiro ministro Disraeli no Oriente. Os caprichos da história quase permitiram que a coroa imperial, cingida por uma mulher, viesse a ser perdida por outra. Com efeito, não faz muitos anos, que a Inglaterra reconheceu a independência política da Índia, abrindo mão da soberania sôbre ela. Isso aconteceu no reinado de Jorge VI, o Rei que acaba de falecer, e quase vinha a ocorrer sob o reinado de sua filha Elizabeth, hoje rainha.

ELIZABETH sobe ao trono na idade de 25 anos, tendo pouco mais de três anos de casada com Filipe de Edimburgo, pertencente a uma velha casa da nobreza da Escócia. Possui dois filhos: Carlos, atual príncipe herdeiro, que assumiu o título de Príncipe de Gales, tão popularizado pelo seu tio-avô, o Rei Eduardo VIII, que abdicou o trono para se casar com uma divorciada norte-americana, a sra. Simpson; e Ana, que os curiosos da vida íntima de pessoas importantes afirmam ter sido concebida na ilha de Malta, no curso de uma "segunda lua de mel" dos jovens esposos. Êste detalhe nos leva a repetir o que afirmou a reportagem de um grande jornal italiano ("L'Europeo"), segundo a qual os círculos da côrte e do govêrno, em Lon-

(Cont. na pág. 54)



Elizabeth e Felipe, em Roma, visitam o canil da sociedade de caça à rapôsa, em companhia do Conde di Campello, que se vê à direita da foto



Mamãezinha Elizabeth saindo com os garotos. O mais taludinho contava então dois anos e é hoje o Príncipe de Galles, herdeiro da coroa britânica



Preparando-se para as grandes responsabilidades que não tardariam, Elizabeth lê, ao microfone, uma mensagem dirigida à mocidade do Império

A CAMINHO DA FRENTE DE BATALHA ★ ESTRADAS ONDE A MORTE VIAJA ★ MAS ONDE VOCÊ IRÁ DORMIR? ★ CALMA QUE ERA UM AVISO DE TEMPESTADE ★ UM AVIÃO INIMIGO SÔBRE O ACAMPAMENTO ★ UMA SENTINELA VELARÁ MEU SONO



EU VI A GUERRA DE PERTO



FERNANDA REIS NA CORÉIA - 4

UM DOS MAIS constantes objetivos aliados na guerra da Coréia é o das destruições de centros de abastecimento de fôrças inimigas. Aqui vemos um dêssse centros bombardeados



UMA VISTA tomada em Seul, capital da Coréia do sul, logo depois de ser libertada. Começaram as feiras e sua população retomou o ritmo de vida anterior

UM dia, mais uma vez a caminho do "front", abandono a base aérea de Seoul e o ambiente febril, tão a meu gôsto, da "Press Center". Nela, a cada instante entram jornalistas e fotógrafos cheios de lama, barbados, aos berros, — meu inglês, êles o sabem, não dá para entender-lhes os palavrões —, famintos, olhos avermelhados pelo vento forte, rasgados, que contam, através da linguagem sonora das suas máquinas portáteis, — sôbre as quais se atiram raivosos — as últimas notícias. Sabem que elas não farão estremer o mundo, demasiado apático perante esta guerra que, irrespeitosamente, apelidamos de colossal e interminável jôgo de "ping-pong"... Mas êles transmitem essas notícias não com os dedos ligeiros, mas com os nervos. São êstes que castigam o teclado. Infelizmente, quer nas agências, quer nos gabinetes de censura, dos países que representam ou dêste mesmo, quer nas redações dos seus jornais, *quem não vê* o que êles contam, risca, corta, modifica o que foi escrito, com alma e horror, transformando essas notícias como se fôra uma amável descrição de "garden-party". Pessoalmente, nada tenho que dizer do jornal que representei na Coréia, traduzo sòmente o que escutei da maioria dos que trabalhavam a meu lado.

Até ao dia que parti da base aérea o aborrecimento era meu companheiro indesejado. Ainda não havia assistido a uma batalha. Limitára-me a ser espectadora de destroços humanos e materiais. Luta, que eu visse, não havia jeito. Era duma falta de sorte absoluta. Passava num lugar: nessa manhã, recebera a "visita" do inimigo; passava de tarde noutro: esperavam, que êle viesse, etc. Estava farta desta forçada inação, pois o meu jornal não podia viver, eternamente, de palpites.

Nesse estado de espírito subi para o "jeep" e pedi ao motorista que seguisse até encontrarmos sinais de luta. Êle, mirou-me de soslaio, passou a língua pelos lábios, entufou as faces para um assobio que, — ao olhar-me não saiu — e com entonação indefinível, disse apenas:

— Okay, Miss.



CRIANÇAS da Coréia do sul, sob a assistência da Cruz Vermelha, passam agora sua vida numas casas do Central Park de Seul, até que a vida das mesmas se decida

EU VI A GU



O POVO de Seul, logo que a capital do seu país foi libertada das mãos dos chineses, volta aos seus velhos hábitos seculares e faz compras e vende nos mercados

Seu aborrecimento, por estar às ordens duma mulher, traduziu-se num desconfortável modo de guiar, atirando o "jeep" sôbre tudo que fôsse susceptível de me arrancar do lugar. Habituada agora a viver, só entre homens, aprecio melhor sua convivência, mas também chego à divertida conclusão de que êles reagem, como rapazes pequenos, à mais ligeira contrariedade. O meu motorista estava na fase de uma "birra" com B maiúsculo, e, nada havendo a fazer, comecei a fumar.

Curiosamente as estradas, tanto da parte aliada como da inimiga, têm sido tàcitamente conservadas de forma que é possível viajar na Coréia duma maneira relativamente confortável.

Na minha frente ela se desenrolava como uma longa fita escura, com a vista, de quando em vez, de corpos irreconhecíveis, adormecidos num sono eterno e nas mais inesperadas atitudes. Êles estremeciam quando os "tanks", ao passar, lhes emprestavam uma macábra impressão de falsa vida. Carros destroçados, casas ainda ardendo, quase à entrada dum acampamento que havia sido atacado na noite anterior, e um "tank" voltado contavam-me, silenciosamente, a violência que tinha caracterizado a luta da véspera.

Previno os leitores de que tudo o que vi não desejo que, mulher ou homem, sejam espectadores nem tomem parte ativa. Sensibilidade é sentimento suavíssimo que deve de ser perservado para que, mesmo frente aos horrores desta guerra, não se perca em nossas almas.

Tôda a Coréia foi, é, e continuará a ser, um drama de excepcional agudeza. Esta guerra, que a esfacela, devora, voraz e insaciável, as vidas dos seus filhos, e dos das outras nações, quase sempre na flor da mocidade. Ruínas morais, físicas e materiais, eis o resumo dela.

Tôdas estas conjecturas eram filhas dum estado d'alma que ameaçava sobrepujar meu "metier" de jornalista.

Mas, terminaram, ao avistar as primeiras sentinelas, de metralhadoras nas



ESTAÇÃO da estrada de ferro de Seul, sèriamente danificada quando das várias batalhas pela posse da capital, tomada e retomada constantemente, ficando com os aliados

mãos. Paramos, declinei minha identidade e fui levada ao Comando, onde apresentei minhas credenciais.

Surgiram as complicações usuais, que a presença duma mulher sugeria, acrescidas pela certeza doutra ofensiva inimiga a todo o instante.

Já há muito que deixei de ser impulsiva, e, ao sentir que o contrôle pretendia desaparecer, disse, acentuando vagarosamente as palavras, que estava autorizada, pelo Supremo Comando Americano, instalado em Tóquio, a percorrer tôda a Coréia do Sul. Eu tinha, portanto, de ficar no acampamento, custasse o que custasse. Além disso queria acima de tudo, trabalhar, expliquei. Um dos oficiais exclamou, meio divertido, (a vida ali só valia a hora que passava):

— Calma, "mamy"!

— Não entendi, senhor. Repita, sim? — pedi, zangada.

— Okay! Okay! Vamos providenciar.

Quando, finalmente acabamos por nos entender, um avião inimigo, furtando-se a todo o fogo aliado, conseguiu penetrar e despejar tôda a carga, bem perto de onde eu estava. Jogada ao solo, que estremecia e dava a impressão de rolar sôbre si mesmo, numa ondulação inesperada, escutei a "tosse", (assim me pareceu o matraquear das metralhadoras), com a sensação de surprêsa igual à que deve de sentir tôda a pessoa que deseja algo, que pensa nunca alcançar, e que, de repente, lhe cai em cima sem aviso prévio!

Além disso eu estava, verdadeiramente, cheia de pânico...

O silêncio, vindo logo após, foi mal recebido, pareceu-me inoportuno, de tal modo o tremendo ruido da batalha tinha tomado conta dos meus ouvidos.

Foi como que um vácuo, uma falta de movimento de difícil aceitação. Fiquei mais aturdida com êle de que com o fragor da luta estabelecida entre o avião indesejado e as tropas aliadas. Que coisas estranhas acontecem na guerra! Comecei a saber, por mim mesma, que a coluna, a rotina, a quietude, o programa, o horário, tudo enfim que rege a vida civil, é fàcilmente esquecido num país em guerra. E êste viver de imprevistos é tão bom que, se não fôsse a quase certeza de perder a vida, ninguém ficaria a olhar-nos do outro lado do mundo...

Ao ouvirmos os gritos de alegria que vinham do exterior da nossa tenda, saímos dela a correr. O caça inimigo estava ardendo e uma brutal explosão fê-lo espalhar-se em várias direções. Jornalisticamente a minha curiosidade ficou em suspenso. Os homens, que o tripulavam, e que haviam sido agora despedaçados, não eram, para o repórter, inimigos. Tinham sido dois corajosos combatentes.

O cheiro de carne humana queimada e a vista duma mão, cuja gordura se derretia, deu-me náusea irrepremível.

CALMA QUE ERA UM AVISO DE TEMPESTADE...

Nesse fim de tarde, depois de ter tomado, em companhia dos oficiais, o "tônico" da selva (bebida feita de álcool puro e uma "modesta" gôta de wisky), o qual provei apenas, tão forte me pareceu, fui descançar até à minha simpática barraca completamente "plantada" no meio das outras e com sentinela à vista. Segundo o Comandante o fato de estar "só" num acampamento de mil e quinhentos homens obrigava-o a essa medida. Tinha a certeza de não ser isso necessário pois se alguém ousasse aproximar-se o fuzilamento viria imediatamente

Minha barraca tem um confortável leito, um bom calorífero, e um depósito de gasolina transformado em tanque para o meu banho. Acendo um cigarro, apago a lanterna e procuro dormir. Debaixo do meu travesseiro estão a pistola e a lâmpada portátil. Inútil deixar de confessar que, várias vêzes, a acendi para olhar ràpidamente os quatro cantos do meu minúsculo "lar" e a porta, cujo fêcho-eclair continuava honesta e hermèticamente cerrado... Mas, não consigo adormecer. Levanto-me e saio. Tudo está em paz. A noite ainda não caiu de todo. O ambiente recebeu um ligeiro toque de calma, desde a paisagem, bem delineada por esta indefinível meia luz, até à severa mancha dos vultos esguios, de longos perfis, dos canhões silenciosos e dos "tanks" parados. Ela estende-se até às barracas mergulhadas em silêncio, que adivinho cheio de expectativa, e nas quais os soldados dormem um sono intranqüilo. Abranjo, com um olhar, as

(Cont. na pág. 44)



UM COREANO do sul, chegado recentemente a Seul, trata de restaurar sua casa



OUTRO aspecto da vida nas ruas da capital da Coréia do sul, quando o povo pôde voltar às suas casas, reerguê-las e ocupar as ruas onde se realizam compras e vendas



A Insatisfeita

Novela de **IRENE TEMPLE-BAILEY**

"Tendo chegado a conhecê-lo bem, provoquei de sua parte um convite para visitar sua casa. Eu desejava ver como era que êsse homem roceiro com maneiras de gentleman passava os seus dias quando não estava de viagem pela estrada real. Levei comigo um cobertor e dormi, na primeira noite, a céu aberto. Já viu você, Mary, o céu do Sul em noites em que êle está semeado de estrêla? Se ainda não viu, falta-lhe ver, qualquer coisa de grandioso! Não há nada a emanar o brilho dessas estrêlas. São de ouro puro e a gente sente a tepidez de sua luz. Meu condutor dormiu em seu carro, sob uma batata. Seus animais ficaram amarrados a uma estrebaria próxima, enquanto o cão se ajeitou ao lado do seu dono, um esquentando o outro.

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

MARY MALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário publico, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na "Câmara da Tôrre", sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apoixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do "Dia de Graça", êle apareceu na reunião intima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da familia. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êle não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. HoHuve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinha em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercicio de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai "descobrir" o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da familia, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possivel contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que frequentava desda sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lirios olorôsos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuia. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. É quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo a abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruidas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amôres do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na familia, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento.

"Fizemos fogo e aí cozinhamos nosso jantar e nosso almôço no dia seguinte. A lenha era encontrada alí mesmo. Nosso menu foi: frango guizado ao jantar, já noite, e presunto com ovos, no quebra-jejum do dia seguinte. Ao cão demos os restos e os ossos. Eu havia levado pão, a fim de não ser pesado ao meu companheiro, seguindo a expressa recomendação da prima Patty. A cozinha é uma arte perdida para esta gente. A prima Patty está crente de que a regeneração dos povos brancos do Sul será conseguida pelas mulheres. E afirma: "Quando elas souberem cozinhar bem, os homens não recorrerão ao uisque. E quando passarem sem uisque, respeitarão a lei".

"A cêrca de uma milha do final de nossa viagem, encontramos os meninos do meu anfitrião. Era cinco: dois rapazinhos, duas meninas e um bebê nos braços da filha mais velha.

"Todos êles tinham o ar amável e acolhedor do pai, mas estavam mal penteados e sujos, vestindo côres tristes. Eis aí a diferença entre o negro e o branco nesta região. O negro é alegre, sempre feliz. Canta, dança e se veste com tôdas as côres do arco-iris. A velha senhora que lava minha roupa, levou outro dia, um cotillon encarnado com uma calça escarlate e uma velha suéter verde, enquanto tinha à cabeça, enrolada, uma mantilha de lã côr de rosa. Sôbre o fundo neutro da colina de areia, era isto verdadeiro presente para os olhos. Os brancos, porém, são semelhantes a êsses pequenos animais que apenas adotam a côr a fim de com ela dissimular-se.

"Mas, voltemos, entretanto, aos nossos tristes meninos. Parecia-me que, através dêles eu via o Sul com olhos novos, talvez pelo fato de, por longo tempo, ter eu estado ausente dêle, revendo-o agora sob outra perspectiva. E veja: tôda a minha vida eu a passei nas cidades, onde se vê muito raramente os matutos.

"Os dois filhos mais velhinhos poderiam ter, de dez a doze anos. Tinham olhos azuis e os cabelos côr de palha. Notei entre êles poucos sinais de afeto e inteligência. Não se abraçaram ao pai, ao vê-lo regressar, exceção da menina que, ao vê-lo, correu para êle, sendo abraçada com afeto. Os outros se portaram como que praticando uma espécie de estoicismo, como se êles já se julgassem bastante velhos e experimentados na vida para que as entregassem a êsses transportes de alegria. A mãe, que a vimos a arrumar a casa, era como os meninos. Nenhum dêles revelava a iniciativa ou a energia do homem. Essa gente é subjugada pelas condições imutáveis do ambiente. Para o homem, sua única aventura da semana é a de poder conservar a faculdade de pensar e de viver verdadeiramente.

E esta região bastante desolada, com troncos de árvores calcinadas que se vêem caídas sôbre a terra branca. Seria magnífico se se plantasse uma árvore, quando se bota abaixo uma outra para delas extrair a terebentina. Mas todos são muito ignorantes e não compreenderiam nada. O Moisés desta comunidade será aquêle que descobrir os novos modos de cultura, a plantação que convirá a êste solo, e que mostrará a essa gente como ela poderá viver.

"Agora, porém, chego a estranha experiência, semelhante a um conto de fadas, uma experiência com crianças que sempre viveram no meio dos troncos calcionados. No decurso da primeira noite, notei, quando falava, que seus olhos se fixavam nos meus, como os de pequenas criaturas das florestas, com um olhar vago como quem deseja perguntar. No dia seguinte, quando saí, êles me seguiram e eu conduzi o bebê, a fim de aliviar os braços fatigados da irmãzinha mais velha, já cansada do pêso da criança.

Aí por volta do meio dia chegamos a uma floresta de pinheiros novos, o único local de verde puro, destacando-se sôbre fundo branco, cinzento e negro da paisagem. Ali, cercado por um círculo de árvores, sentei-me ao chão com as crianças. Êles não formavam um grupo de tagarelas, e eu cheguei a pressentir que jamais seria possível entreter com êles qualquer animada palestra. Mas êles tinham ares de quem estão esperando qualquer coisa. Parecia até que eram passarinhos novos, famintos, à espera de quem lhe desse o que comer. E que lhes dei eu? Veja se adivinha; mas estou certo de que não acertaria...

"Eu declamei "Flos Mercatorum", meu poema sôbre Whittington. Fiz isso sob um impulso súbito, para verificar se não havia nada entre êles que pudesse fazer éco à magia de um tal ritmo, ao encantamento de tal verbo. E recitei da melhor maneira que me foi possível, em pé, ao centro da clareira da floresta. Não esperei aplausos. Mas o que recebi foi muito mais. Não poderia descrever-lhe o olhar que nasceu nos olhos do mais velhinho dos garotos. O que mais se aproximaria de uma tal descrição, é que o olhar daquele menino era como se alguém despertasse de sono profundo e que abrisse os grandes olhos diante de um mundo novo.

"Êle veio diretamente a mim.

— De quem foi que o senhor aprendeu isso? — Perguntou-me com voz algo vacilante.

— "Foi um homem que as escreveu. Um homem chamado Noyes.

— "E' isso é verdade?

— "Sim.

"Então diga outra vez.

"Não era um pedido. Era uma ordem. E eu as repeti, tôdas aquelas palavras, e vi uma alma que despertava! Oh! Há pessoas que não acreditariam que se possa fazer uma coisa como esta que foi feita num momento. Mas aquêle menino estava pronto para receber o alimento espiritual. Êle já havia sonhado, mas, até aquêle momento, ninguem lhe fôra revelar o seu sonho, em palavras para êle. Êle não sabia ler; provavelmente jamais ouvira um conto de fadas. O folk-lore desta região é macabro, cheio de fantasmas, e não poético e encantador.

"Talvez, há cinco ou seis gerações, ancestrais dêsse garôto tenham recitado em Londres, o que eu repeti; talvez os campanários tenham cantado a canção; e o subconsciente dêsse menino das colinas arenosas se iluminasse através da lembrança ativa. Algum local no fundo do seu pensamento como que ressoava em forma de sons de bronze, mas êle não sabia que isso se chamava *sino*. Seja como for, os meus versos lhe revelaram um novo céu, uma nova terra. Não sabendo absolutamente nada, está prestes a aprender tudo. E' possível que haja muitos meninos como êle. A prima Patty diz que há muitas meninas em tais condições. Ela insiste que as moças estudem primeiro nos livros de cozinha, para depois, aprenderem nos de poesia; mas não estou certo de que, no seu íntimo, ela esteja mesmo pensando assim.

"Eu regressarei para os pinheiros, educarei aquêle rapazinho, primeiramente em ensino oral, para, em seguida, levar-lhe livros. Há muitos anos que não me sinto tão interessado por uma pessoa, como estou por aquêle menino.

"Agora, pensará você, Mary, que eu tenha, francamente, percebido a grande visão? Os seus olhos são mais perspicazes do que os meus. Você vê longe. Diga-me: que acha de tudo isso?

"E agora passemos a falar de Barry.

Bem sei como lhe é penoso vê-lo ausentar-
se e ir para longe de você, e que, quando
você fala de trombetas clarinantes e de ban-
deiras ao vento, é para ocultar o seu sofri-
mento e o estraçalhar de seu coração. Não
compreendo por que motivo tais coisas su-
cedem a você. Nós outros, provavelmente
que merecemos nossas penas; mas você!
Gosto de imaginá-la num jardim. Você
tem o poder de fazer floris as coisas. Já
conseguiu mesmo desfazer a poeira resse-
cada de minha vida morta, de sorte que,
agora, há pequena saliência de flores que
são os pensamentos em você, um escrínio
de lembranças. Estou neste momento bas-
tante interessado naquele menino. Que se-
mentes irá você semear naquela alma em
desenvolvimento?

"Esta noite está chovendo aqui. Pergunto a mim mesmo se a chuva está também caindo aí e batendo nos vidros das "Chambres de la Tour", e se você está lá, bem agasalhada, com Pittiwitz que ronrona e o fogo que cintila, e penso se através de tôda esta chuva, você me enviará um pensamento. Talvez que eu não devesse pedi-lo. Mas eu lhe peço uma outra carta. Já disse que esta foi a minha derradeira; mas vou viver na esperança de receber mais uma sua.

"Fiel e sempre reconhecido.

Roger Poole"

Capítulo XV

A notícia da partida de Barry para os sonhos infantis de felicidades imediata de Leila. Ela sabia que o namorado era falho nos projetos que fazia; mas Leila ignorava que Gordon havia, franca e severamente exposto ao general os motivos por que deveriam ser retardadas as combinações do casamento.

O general, fiel ao seu velho código, tinha protestado que um homem pode beber como um gentleman e que o bom sangue de Barry não permitiria que êle passasse do limite. Era natural que um homem como o jovem Barry provasse sua fortaleza de espírito.

Gordon havia escutado com impaciência a palavra do general e o considerava um filósofo a seu modo.

— O mundo dos negócios não leva em consideração as atitudes de um rapaz, general, — respondera Gordon. O caso não é senão o mesmo de antigamente; a jovialidade não goza de especial popularidade entre os homens de negócios. Mas isto não é o pior; com o temperamento de Barry, há perigo de desmoronamento moral e físico. Não fôsse isso e êle poderia trabalhar no gabinete do senhor e ocupar-se de legislação, como o senhor mesmo havia sugerido. Mas é preciso de maneira absoluta que êle se afaste de Washington; é preciso que se ausente de suas antigas amizades, dos locais que frequenta... E, queira perdoar-me, é necessário que êle se afaste de Leila. Ela o ama e se atormenta por sua causa, se bem que não tenhamos dito a verdade. Ela crê que estamos todos aliados contra ela, e sua simpatia se desvanece. Era a mesma coisa, disse-me Constance, com sua mãe. Ela não podia admitir que seu filho não fôsse perfeito, e John Ballard não era bastante enérgico para combater sua influência. Mary era a única a lutar; e agora que chegamos a êsse ponto crítico, a própria Mary me censura por tentar o que acredito ser o melhor para Barry. Eu quero levá-lo ao outro lado do oceano, para cortar os pontos de tudo o que o liga aqui, e então êle voltará com uma natureza mais enérgica e mais viril.

O general confirma com um aceno de cabeça.

— E' possível, diz êle, mas não sei como suportar a idéia de esmagar o coração de minha pequena Leila.

— Êles não deveriam nunca ter noivado, — volta Gordon — mas isso não vem ao caso e em nada complicará as coisas. Se Leila não vier a desposar Barry, isto evitará que ela suporte o fardo inevitável que será a vida dêle junto a ela. E' preferível que ela seja infeliz junto ao senhor, que tomará conta dela, como um pai carinhoso, do que ligada a êle, e miserável.

— Mas eu já sou um homem velho, e ela uma menina! A vida será curta para mim, enquanto para ela, muito longa, ainda.

— E' preciso agir da melhor forma no momento e preparar o futuro, para depois. Barry nada mais é do que uma criança. Êles não estão, nem um nem outro, em condições de casar-se. Se esperarem mais alguns anos, isso só lhes fará bem.

Foi neste estado de espírito que Gordon falou a Barry.

— Você não irá amolar-se com a espera?

— Espera de quê?

Barry se inquieta.

— Esperar até que Leila ponha em uso seu coração? Até que você a tenha convencido de que eu não lhe sirvo mais? Até que qualquer um outro apareça e m'a roube na minha ausência?

— E' essa a opinião que você faz de sua constância?

— Não, — responde Barry com voz sumida, — ela é fiel e sincera. Mas eu não vejo até onde isto tudo nos conduzirá. Se eu a desposar, ela fará de mim um homem.

— Ela não o tem mudado no decurso dêstes últimos meses, — replica Gordon, inexoravelmente — e você não deve correr o risco de torná-la uma infeliz. E' uma simples proposta de negócio que estou submetendo a você, Barry. E' preciso que você seja capaz de escolher uma mulher para tornar-se sua espôsa, e Washington não é o lugar para isso. Numa situação como a nossa, um homem deve tentar sua melhor chance. E você está a perder todo o seu tempo aqui, tendo contraído hábitos sociais que terminarão por aniquilá-lo. Um homem sempre pronto a rebuscar boa companhia, não comete os enganos que você está cometendo. Não quero falar apenas no terreno do ideal moral ou espiritual; mas no plano puramente comercial. O homem que conquista a vitória não é aquêle cujo cérebro é enxarcado pelo álcool, é aquêle que tem o cérebro esclarecido. Os negócios hoje são um jôgo muito sutil, para que se possa participar dêle sem estar perfeitamente senhor dos assuntos.

Era assim que o senso prático estava bloqueando o rapaz por todos os lados. No final, êle deveria ceder, por amor próprio. Mas êle ainda sentia uma esperança em meio dessa borrasca. E correu para Mary.

(Cont. na pág. 44)

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**
Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**

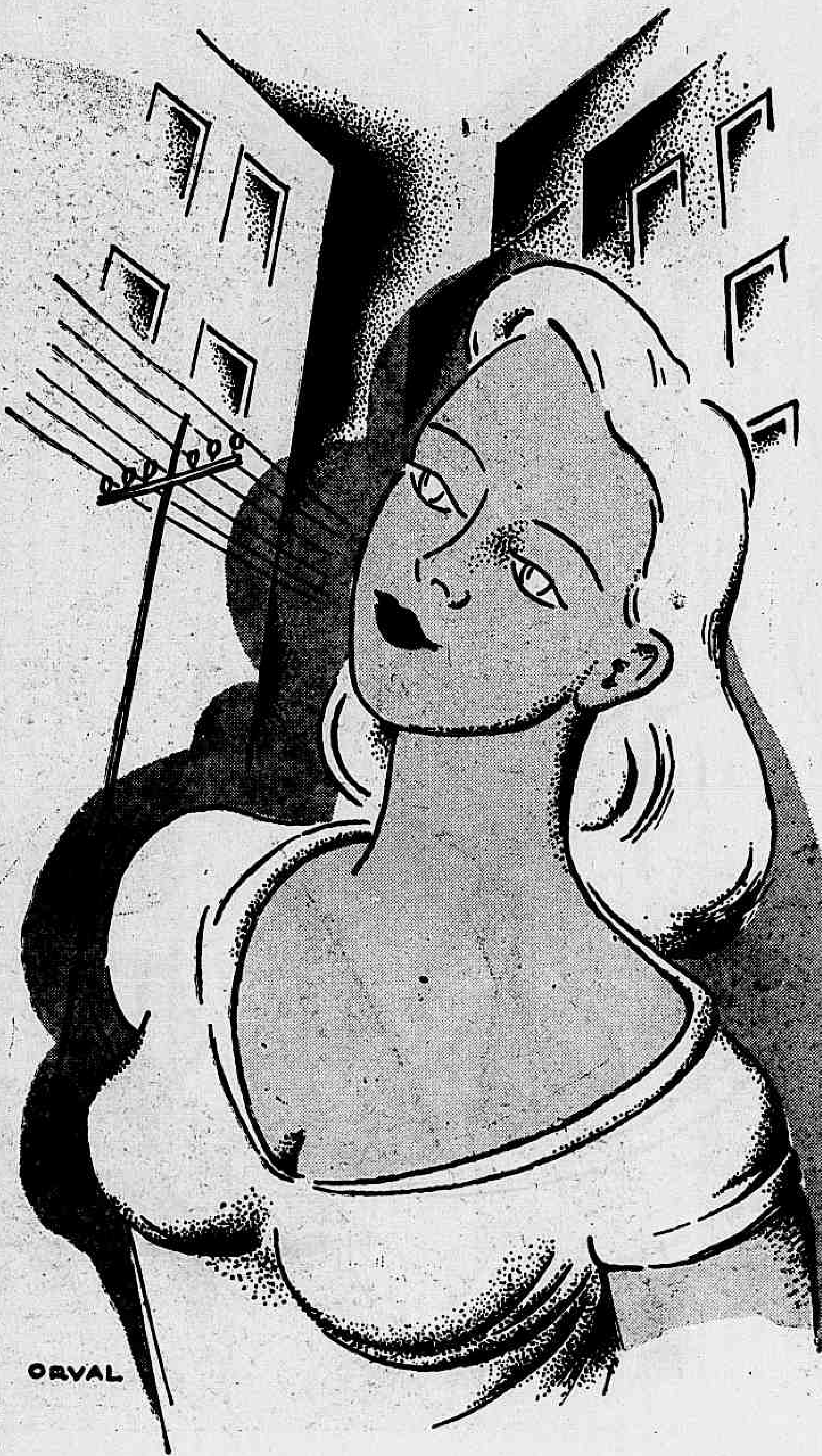


NAS ASAS DE CECÍLIA

JUNTO daquela estátua e à sombra das tílias os seus pensamentos dispersos concentraram-se, formando um conjunto no qual já encontrou alguma nitidez. Ela andara à deriva durante dias, semanas e meses, pelas ruas cinzentas de uma cidade pétrea, ao longo da estação invernosa e antes, no Outono, quando as fôlhas sêcas bordavam as margens dos passeios em saudade de viçosos recortes mortos. Andara com o seu olhar límpido interrogando o céu e aquêles blocos maciços que a esmagavam com uma sensação infinita de pêso, como se a obra humana, para além das belas e lisas construções, Cecília pressentia um magnetismo que abria estradas rijas. Todavia, estas pareciam-lhe desviadas — desviadas, sòmente, por uma compreensão errada. Naquela tarde, porém, acabara por parar sem quase se aperceber de que tinha chegado a reunir um núcleo denso tôdas as suas inquietações. Isto, contemplando uma escultura talhada nas linhas que os séculos consagraram e à qual não faltara a clássica folhinha de hera. E foi essa fôlha que lhe prendeu a atenção. Sendo tão singela, na aparência, desempenhava papel de relêvo na História da Humanidade — chegando a defini-la. Ali, recortada na pedra, a fôlha era um símbolo, um forte símbolo de ocultação. Mas, inegàvelmente, um símbolo que começava a desaparecer da arte. No entanto, para a jovem, de certa maneira a fôlha persistia, agarrando-se às mentes num jeito ardiloso de simplicidade. A visão de que mais além dos blocos citadinos uma aurora se podia anunciar, tingindo-os com suave luz, banhando-a com um perfume embrionário, fazendo o seu corpo latejar à cadência da germinação, dilatou-a de prazer — dum prazer individual e, ao mesmo tempo, cósmico. Mas a certa altura Cecília vergou a cabeça por pensar que nunca sentiria a suprema felicidade de ver essas fôlhas mortas revoluteando em queda na atmosfera que a asfixiava. Nunca se transformariam em pó sôbre as cidades que os homens construiram, estampando-se nelas com singular sentido — fôlhas de pergaminho encarquilhadas por uma secura tão prometedora que a fêz estremecer. Embora qualquer coisa que não chegava a ser esperança alentasse no seu peito, Cecília pensava que no sólido caminho aberto pela inteligência masculina, os belos edifícios, gigantescos e potentes, criados e erguidos pelo esfôrço de cérebros delicados e de músculos, na devida relação, tão débeis, cada vez afastavam mais alguns sêres desta atração que estava para lá da pedra e das construções materiais. E sabia que a fôlha desaparecida das estátuas abria ao mesmo tempo uma senda de mistificação onde a mente e os sentidos se poderiam perder ainda mais, caso, agindo ao sabor de outras vontades, não tivessem a necessária independência para encarar tal fato conscientemente. Além de tudo isto, respirando a momentânea suavidade que a arte de uma forma inerte lhe deu, avaliou a brevidade da sua paragem na seqüência de uma inquietação que subsistiria, minando, como no passado, um futuro nebuloso — isto nos meandros de um mundo potente, real e esmagador, formado por blocos pulverizáveis que ameaçavam ruir sôbre ela.

★

Cecília, tão bonita e pálida, sugeria uma mentira na cidade noturna, cheia de atrativos, diluída em sombras que ocultavam flores vermelhas. Indiferente ao conceito alheio e vestida de algodão, encerrando o coração no peito a jovem expunha êste a todos os riscos, numa ânsia de fortaleza. Na verdade ela, vítima de uma educação nociva, deixara-se atirar ao gôsto dos seus maiores para as vielas onde caíu como triste andorinha muito ferida. E, uma vez ali, sacudindo a lama da cabeleira dourada, sentiu a volúpia de percorrer o caminho para onde, criminosamente, a tinham impelido — vivendo-o, porém, a seu modo. Desta maneira se comprazeu numa espécie de vingança que lhe dava satisfação por poder manter-se tal como em pureza se concebera. Levada pelo rasto da revolta, compôs-se em figura estranha que se empenhava em rasgar, com coragem, os véus da existência. Assim, começou por abrir na sua vida um parêntesis de miséria que manteve voluntàriamente. Ela queria respirar o hálito daquele gomo que até então desconhecera. Ela queria ver, destroçar os intestinos da cidade. Queria andar — e andava — sôbre o musgo da capital enquanto meditava no padrão moral dos homens que avaliava na amplidão dos quatro pontos cardiais. Parecia-lhe que dentro de uma existência, tão tràgicamente condenada como a humana, todos se deviam amar, amparando-se mùtuamente, sem descansarem em idéias compensadoras de um além gerador, afinal, do tremendo egoísmo que cimentava a plataforma onde se nutriam os vícios na penumbra de infame e degradante mascarilha. Êste egoísmo e certa arrogância julgava-os inconcebíveis dentro de uma clara consciência. Cecília sabia andarem os seus semelhantes verdadeiramente presos pelos interêsses criados. Ela mesma, pouco tempo antes, respirava num globo artificial, e fôra preciso o rude golpe sofrido para que a sua atenção despertasse. (Não passara, durante anos, as contas de um rosário, piedosamente ajoelhada, sem que no íntimo sentisse verdadeira fé?!) Era necessário, pois, que a verdade corresse como aguilhão constante para que, dentro da sonolência, se pudesse criar a necessária vontade de reação, forçando a meditações sem peias. Cecília bem sabia como lhe fôra áspera a revelação que por fim queria totalmente. Como estremecera perante a visão dos salões falsamente dourados de uma sociedade apodrecida e algemada! Quantas manchas sangrentas vira cair sôbre mansões de aspecto tão severo! Quantos corações na sombra... Quantas almas vergando aos embriagantes desejos dos atalhos! Ai! Quanto abismo, quanta dor e miséria moral... Quanta renúncia cobarde! Como lhe doía... Como ficaram destruídas as fascinantes lendas da sua infância! No coração da moça morreu em dor a galinha dos ovos de ouro, enquanto o vil metal perdia qualquer sugestão de palácios faustosos e princezinhas gentis. (Assim se carbonizaram os dourados da meninice na sua sensibilidade). Em troca, ela descobriu uma beleza diferente, maior, mais latejante, cheia de seiva e de volúpia — mas alentando no âmago de um drama que compunha a própria essência humana. Cecília, bruscamente, encontrara-se num mundo agitado por cachões de sentimentos confusos. Que largo campo para reflexões se abriu na sua frente! Os problemas surgiam-lhe emaranhados e a vida psíquica dos sêres apresentou-se-lhe com uma textura tão complexa que a jovem passou a aceitar todos os casos, procurando apenas compreendê-los sem os medir com a hipócrita bitola social que sanciona, sòmente, meia dúzia de aspectos — cerrando miseràvelmente o entendimento a tantas manifestações alarmantes. E com tudo isto a sua intenção primeira, ao contacto das realidades, cada vez se enraizava mais. Cecília foi absorvida pela paixão de estudar a sociedade. Na sua retina, uns atrás dos outros, sucediam-se quadros de pincelada forte que a faziam sofrer. Mas, tendo rebentado a sua antiga esfera anímica, como irisada bola de sabão, ela mantinha-se persistente no propósito de seguir adiante: Andaria sem vacilações, sem alimentar a mínima hesitação, até saber tudo o que, com tremenda inconsciência e ao amparo de visões bolorentas — consagradas, afinal, pelo abater desastroso de muitas gerações — para sua desgraça lhe tinham ocultado, fazendo-a viver nas asas de uma ilusão funesta. Depois de a terem batizado com aquêle nome de Cecília, na sugestão da pauta e pentagrama, também com uma lira lhe tinham enchido os braços. E a mú-



sica doce e galante que a embalou, aliando-se à sua natureza, mais a havia impelido para a aventura de meiguice que só em dor demasiado amarga findara. No entanto, o que mais acabou por impressioná-la foi a carranca de desfaçatez com que lhe exigiram responsabilidades.

Mas Cecília não era mulher que se deixasse abater fàcilmente. Dentro de cada situação procurava um caminho que, por respeito a si mesma, sempre encontrava. Todavia, ninguém pode fugir a realidade — e muito menos ela que se empenhava em compreender a existência, não a querendo viver ao ajuste do rijo espartilho das suas ancestrais. Se os fatos não eram como lhos tinham apresentado, por que velar a gema da sua essência? Depois da nova visão que conquistava, Cecília nunca mais seria capaz de tal comportamento, antes se atirava para os núcleos mais densos. Na espêssa atmosfera do mundo, era, pois, uma presença absorvente e palpitante. Era uma linda mulher que andava sòzinha, deambulando em peregrinação de dor por um labirinto, vivendo no presente um futuro mental ainda demasiado distante e amparando-se a imagens bem antigas, dolentes e sentimentais. Até que aconteceu o inevitável. Um dia comoveu-se perante o homem que julgou descer até ela com o seu amor. E certa noite, na impetuosidade de um sentimento demasiado vasto, deu-lhe as mãos para o levar à sua trapeira onde êle a beijou com ternura. Uniram-se desta maneira dois desconhecidos que só mais tarde, na convivência, pouco a pouco se foram encontrando. Cecília nunca quis deixar a margem do seu recanto. E êle voltava-se, admirado, para aquela mulher que se revelava em alto nível. Interrogou-a algumas vêzes, sem resultado, sôbre a sua origem, acabando por aceitá-la em incógnita e definindo-lhe o espírito como gêmeo das suas adoráveis feições. Assim êles passaram a formar um par estranho que gastava horas num escalpelizar do amor, chegando a conclusões bem sensatas mas de contraste demasiado cru com as suas mãos juntas. À aproximação do homem Cecília sentia, invariàvelmente, lágrimas nos olhos. O seu corpo gentil tornava-se leve e fresco como o linho. Aguardava-o quietinha, entregando-se com uma ternura muito sua. E quando êle a beijava, acarinhando-lhe a cabeça pensava nesses momentos de intimidade doendo-se por vê-los intercalados noutros, longos e monótonos, marcados por uma letargia que lhe era penosa. Igualmente, Cecília não podia evitar a sensação singular que por vêzes a tomava, mergulhando-a num marasmo sentimental. Nem tampouco, em determinadas alturas, a aspiração de uma perpetuidade insonhável que daria satisfação ao seu perturbador desejo. E em tudo isto havia um desajuste ou contraste — o mesmo contraste que acabava por se lhe impor em tôdas as ocasiões. Procurando-lhe a causa, Cecília encontrava muitos dados. Com êles fazia múltiples combinações, mas chegava sempre ao coração dessa textura psíquica tão embaraçadora. Ela conhecia bem qual o papel a desempenhar como mulher. No entanto, em certos momentos êste era-lhe um pouco difícil devido ao seu temperamento, tão composto e inquieto, tão submisso e doce — e tão rebelde! Como lhe acontecia chegar a sentir-se capaz de quebrar algo que era muito forte! Como sentia o desejo imenso de deixar falar bem alto o seu coração, de gritar ao espaço as suas inquietações! O olhar dela ia sempre mais além, trespassando os blocos maciços. A compreensão dêle e ambas as sensibilidades juntas davam-lhe um sentir que chegava a deixá-la extenuada. Mais para lá das suas almas juntas havia uma atração sentida por ambos. Devido a isso, lado a lado, esboroavam entre os dedos, como se de barro fôssem, figurinhas de porcelana — pastores mimosos de flauta sutil e namorados de outrora, galantes e superficiais. Assim viveram momentos de placidez ao ritmo do coração. Assim chegou a altura de Cecília começar a nutrir o desejo de ter um filho.



Pouco a pouco, começou a pensar nuns bracinhos de leite que lhe rodeassem o pescoço. Sonhou com um pequeno corpo de sêda onde visse correr a vida na transparência de finas veias azuis. Sonhou com umas pupilas inocentes... Mas, por muito feliz que essa criança pudesse vir a ser, no seu conceito a própria condição humana bastava para a tornar desgraçada. Não! A sua moral impedia-a de ser Mãe. Em sonhos, porém, cada vez afagava mais êsse ser que por puro amor os seus nervos e a sua mente repeliam. Depois de tantas reflexões, como se ia deixar cair na servidão da maternidade?! E, no entanto, como a desejava! A Natureza, sempre implacável, cada vez lhe incutia mais no sangue êsse calor, essa vontade que se opunha a tôda a sua vida cerebral. E ela percebeu que acabaria por ceder, apesar de se sentir responsável, tremendamente responsável — pese isto, embora, a tôdas as conclusões opostas — porque tinha uma consciência e uma visão nítida e filtrada das coisas.

Na vida da jovem mulher, porém, voltou-se uma página que se acaso tinha filete de oiro só encerrava o prenúncio de sombras e cinzas. Cecília respirara em macieza durante algum tempo, numa união que a satisfazia por comungar no mesmo horizonte distante, no mesmo gôsto da forma lançada com elegância. Isto, até que no zenite ela começou a notar a formação de um clima que se enrolava em bruma, aproximando-se pesadamente. Era como se chegasse o Outono com o seu amortalhar. Era como se longas fôlhas, enormes e sêcas, enrolassem a fragrância da Terra. Era como se um borbulhar irisado se escondesse em ângulos neutros e como se as maiores delicadezas do panorama se apagassem perante a ameaça da tempestade. Era como que o impor de uma asa de tristeza — e a cadência ritmada de algo que ia ficando destruído. Parecia-lhe que as nascentes corriam, lânguidas, num fim de dia, anunciando a penumbra de uma noite escura. Era como se numa paisagem de melancolia surgisse uma mulher elegantíssima e formosa inclinando, na cadência do andar, a face morena, toldada pela aproximação de um rápido inverno que já se segurava pelas fontes com dois dedos de prata. Mas em tudo isto havia a beleza inegável de uma maturação completa. A dos frutos muito maduros, rebentando numa pujança aromática. A do colorido intenso que ia escurecendo em cambiantes fantásticos e aveludados. O vôo das aves tinha outro ritmo e o seu pipilar era diferente. A neblina que aninhava nos arvoredos densos formava retalhos balsâmicos para a vista e o coração. E aquêle odor de plenitude dominava numa paisagem terrosa que, após fecunda aliança com a atmosfera, se preparava para adormecer. E a dama, prêsa por duas garras de prata, tinha mais encanto do que nunca na despedida que se impunha, dispersa, estirando-se pelo espaço. Cecília, movendo-se mansamente em tal panorama, foi respirando os últimos reflexos que a afagavam, aceitando os acontecimentos. E' que percebera ter chegado o momento de se dar uma separação. Em tal situação, ela não era mulher que necessitasse de qualquer teia falsa de justificação. Cecília queria apenas a verdadeira e íntima paisagem das almas. Esperou, confiada, que êle ainda daria a seu lado êste último passo. Mas aqui ruíram as suas esperanças, ruiu a última consolação que poderia ter. Porque o homem, para se afastar, utilizou todos êsses pequenos expedientes que tanto a repugnavam, destruindo-se assim, em parte, no coração da mulher que o contemplava cheia de mágoa. Perante tão vulgar procedimento, que não formava seqüência nem corolário com a ética que ambos tinham adotado, Cecília sofreu duplamente. Quando o viu partir (sabendo-o, embora, levado por uma cobardia que o desligava da sua luta) ela sentiu como nunca aquêle combatido desejo de ter um filho. Notou então em si, pujante, a amarga presença de uma estrutura universal e tirânica de génese implacàvelmente destruidora quanto à individualidade dos sêres. Num adejar de languidez surgiu-lhe com isto na mente êsse longo e doloroso esfôrço feito pelos humanos para deixar sôbre a terra um sinal da sua passagem. Sendo a vida um nada, enquanto dura constrói personalidade de aço. Na volatilização destas, na inexistência, em relação aos cosmos

(Cont. na pág. 53)

CONTO DE **GABRIELA PRELADA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORVAL**

Aventuras do Capitão Rob







73 Se bem que o aparelho tivesse comandos desconhecidos de Rob, êle conseguiu chegar em paz ao local em que estavam seus amigos. Logo que todos êles o viram a saltar daquele estranho avião, irromperam em aplausos e palmas, saudando o bravo Rob. O Dr. Ree lhe perguntou: "Tudo correu bem, Rob?". E lhe perguntou ainda: "Onde diabo estêve você, e o que é feito de Lupardi e de Yoto?". Rob descreve em algumas palavras o que foi a sua aventura. Quando Rob revela que há uma bomba a explodir na Cidade Atômica, o Dr. Ree toca reunir e declara que é preciso deixar aquêle local imediatamente.







74 Em falta de outros meios de condução, tomaram de assalto o veleiro "Liberty", que foi rebocado por um dos barcos-motores pertencentes a Lupardi. O barquinho de Rob parecia que ia ao fundo de tanta gente. A umas cinco milhas êles avistaram os navios da esquadra, destacando-se do grupo o porte volumoso do porta-aviões. O submarino também estava lá. Quando o "Liberty" já estava muito próximo do porta-aviões, ouviram êles enorme e tremenda explosão. Colossal coluna de água e fumo se elevou no horizonte. Todo o trabalho do louco se acabava em segundos. O mundo estava livre.







75 O fiel "Skip", logo que viu seu amo de volta a bordo do porta-aviões, saltou-lhe nos braços, ganindo de alegria. Rob o abraçou emocionado. "Você emagreceu, Skip!". Ao que explicou o comandante: "Não é para menos, pois êle não quis comer enquanto você estêve ausente". O "Liberty" foi guindado para bordo, homenageado também como um dos fautores do êxito da expedição. À noite foi organizada festa em honra a Rob, ao "Liberty", a "Skip" e a todos que tiveram parte ativa na aventura. Houve brindes, e quando disseram que Lupardi se fôra, Rob respondeu a rir: "E já foi tarde!". — FIM.



O casal Bernardino Silva, cercado dos seus filhos à porta da Igreja Bom Jesus do Monte



Uma pose especial do casal Bernardino Silva — D. Maria do Carmo Silva



Aspecto da bênção das alianças, oficiada pelo revdmo. pároco de Paquetá

BODAS DE PRATA DO CASAL BERNARDINO SILVA

ENVÔLTO num ambiente de grande alegria e felicidades, o casal Bernardino Dias da Silva — D. Maria do Carmo da Silva comemorou em sua residência, em Paquetá, o seu 25º aniversário de vida comum feliz e profícua.

O sr. Bernardino Silva, alto comerciante naquela famosa ilha de atrações turísticas e inspirações poéticas, e sua espôsa, D. Maria do Carmo da Silva, gozam da estima de todos os habitantes de Paquetá, não só pelas suas excelentes qualidades pessoais, mas também pelo quanto têm feito pelo progresso daquele pedaço de terra encravado na Guanabara, tendo, por êsse motivo, recebido uma grande e espontânea manifestação de aprêço e consideração dos moradores daquela ilha.

Estando presentes todos os filhos do casal, Antônio, José, Joaquim, Walter, Waldemar, Nelson, Marlene e Carlos, e ainda um grande número de parentes, amigos e admiradores, foi rezada missa em ação de graças na Igreja Bom Jesus do Monte, em Paquetá, tendo após todos os presentes sido recepcionados pelo simpático casal em sua residência, à rua Cotrim Werneck, 130.



Grupo em que se vê o sr. Bernardino Silva, alto negociante em Paquetá, onde goza da estima de todos, e sua espôsa, D. Maria do Carmo Silva, circundados pelos filhos, parentes, amigos e admiradores

TENSÃO NO EGITO

NA ESTEIRA DAS REIVINDICAÇÕES COLONIAIS QUE SE ACENDEM EM TÔDA PARTE, O EGITO TOMA LUGAR - VISÃO TRÁGICA DE UMA PEQUENA GUERRA, ONDE LUTAM PEQUENOS DESTACAMENTOS, MAS SÃO SEMPRE HOMENS QUE MORREM - A BATALHA DE ISMAILIA



TRÊS ENTRE êstes soldados foram mortos quando assaltavam o Quartel da Polícia Militar de Ismailia. Êles irromperam, sob o comando de um oficial através do portão desmantelado que se observa na gravura e foram recebidos pelo fogo de barragem dos egípcios, que se achavam entrincheirados no pátio



UM TANQUE "CENTURION" (que aparece na gravura por trás da cacimba) e um carro de combate permanecem, silenciosos, num importante ponto, conquistado pelas fôrças das Nações Unidas durante a batalha de Ismailia. Algumas horas antes ambos os veículos tomavam parte saliente na dura refrega

AS reivindicações nacionais vão se estendendo aos quatro cantos do mundo e, em cada país dominado ou integrante de uma "zona de influência", assumem por vêzes caráter de crise grave. A êsse fenômeno, tão francamente observado hoje na Ásia e na África, continentes ainda em boa parte colonizados pelas potências européias herdeiras dos grandes impérios coloniais do século passado, não é evidentemente estranha a propaganda soviética.

Na Coréia, na Indo-China, no Marrocos Francês, na Tunísia, é certo que existem problemas longamente sofridos pelas suas populações, que se aproveitam da delicadeza da atual situação internacional para suscitá-los no pretório da opinião mundial. E não apenas suscitá-los, também apoiá-los internamente pelas armas, quando necessário. Mas tanto as reivindicações nacionais como as religiosas, que erguem suas vozes nos continentes citados, levedam ràpidamente pela ação do fermento comunista.

A crise no Egito tem as mesmas raízes, que se aprofundam no terreno de antigos recalques anti-britânicos, provocados pela tutela em que tem estado o Egito do govêrno de Londres, e pelo interêsse de Moscou em extremá-los até o seu ponto de máxima tensão.

Suez sempre foi problema inglês, o que evidentemente significa dizer que, pelo reverso, sempre foi problema egípcio. E é a zona do famoso Canal, neste momento, que se apresenta como teatro de ações militares, de pequena envergadura, é certo, mas cujas conseqüências próximas não podem ainda ser convenientemente medidas. A firmeza e a prudência britânicas poderão não evitar que a



UM TANQUE "CENTURION" deitou abaixo a parede que separava da rua o pátio do quartel atacado, enquanto as metralhadoras atiravam com o característico ruído de pano rasgado. Aberta a brecha, os soldados avançaram. Debaixo da árvore, entre seus companheiros empenhados na luta, um ferido

À DIREITA: — Cessada a luta, os egípcios transportam um dos seus soldados feridos, podendo-se observar perfeitamente os cotos que sangram, do pobre corpo humano que vai carregado como se fôra um fardo. Mais atrás vemos um dos soldados da escolta britânica, de baioneta calada



PROTEGIDOS por um tanque "Centurion", atrás do qual se colocam, os homens aguardam o assalto final. Um dêles, minutos depois, tombará sob essa árvore



COMEÇADA pela madrugada, a luta terminou com quarenta e um [illegible] egípcios mortos e os demais, como se vê, numa cercadura de arame [illegible]

TENSÃO NO EGITO



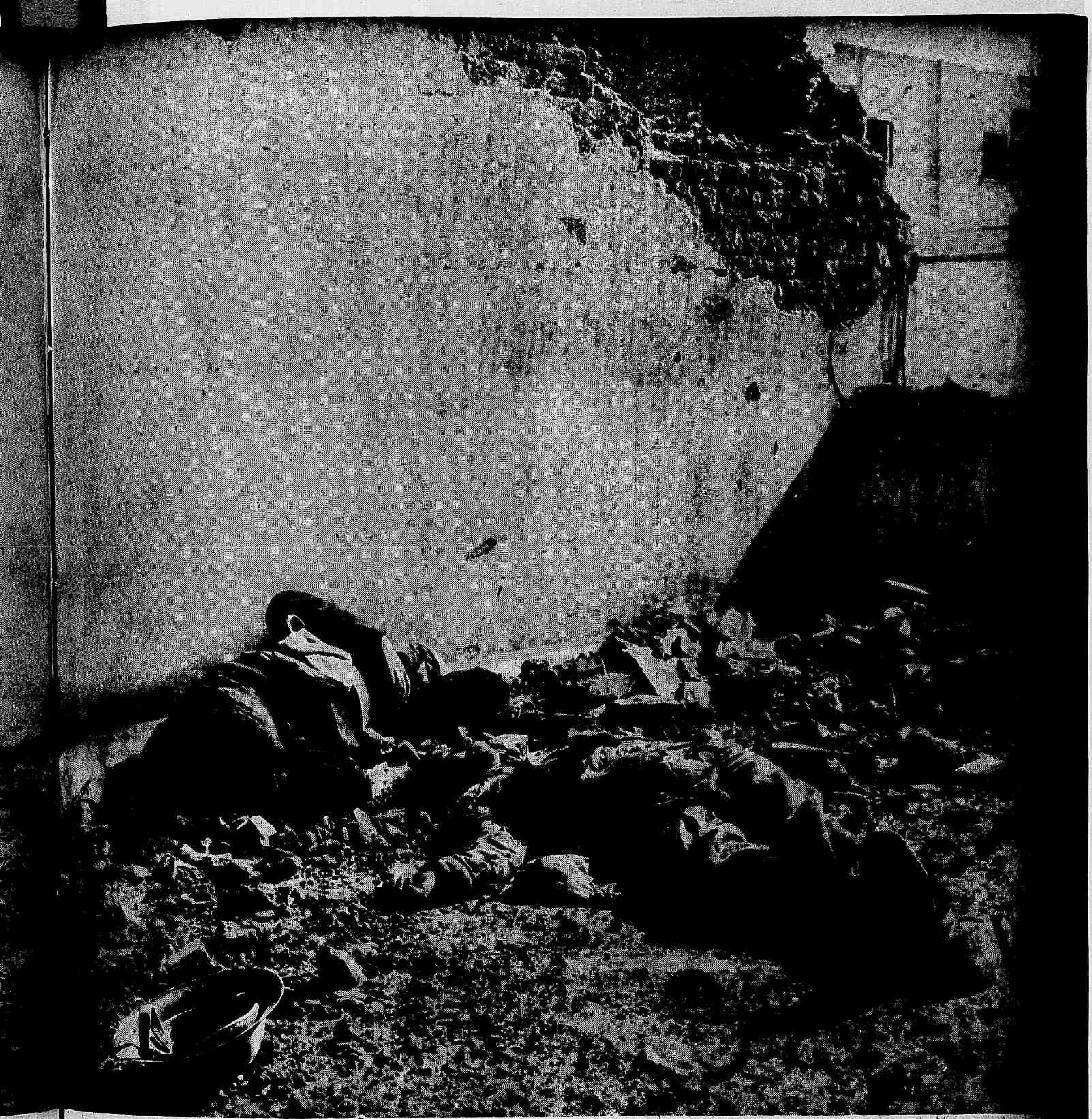
TENSÃO NO EGITO



SORRIDENTE, a respeitosa distância do soldado britânico, uma jovem egípcia não suspeita, nessa clara manhã de Ismailia, que muitos de seus patrícios estão com as horas contadas

DEPOIS da batalha de Ismailia, os pequenos "tommies" montam guarda aos oficiais inferiores egípcios aprisionados. A maioria dêsses oficiais, depois de incitarem seus inferiores hierárquicos, puseram-se a salvo





REUNIDOS NA MORTE: — Lado a lado, depois da batalha, em meio aos escombros do quartel destruído, um soldado britânico e um policial e

zona de atrito se amplie e os conflitos ùltimamente havidos nas ruas do Cairo, amotinadas por massas populares enraivecidas, podem levar o govêrno de Cairo a atitudes menos refletidas.

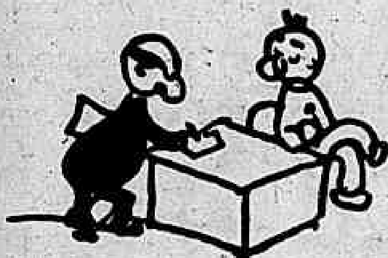
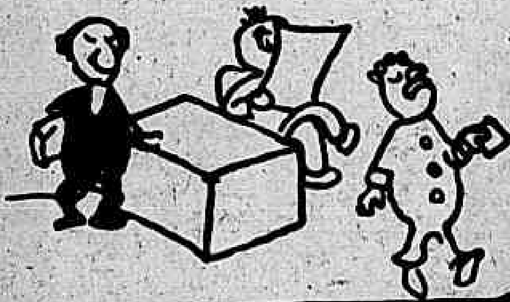
Seja como fôr, a tensão no Egito mostra-se como parte de um fenômeno mundial que pode ser observado em outras regiões. Ao repórter cumpre apenas registrar os fatos, sem avançar no terreno das provisões. Os fatos aí estão, inquietando as chancelarias e o homem de rua, e dêles se pode ter uma idéia bem viva nestas páginas. Elas mostram, através das fotos tomadas durante e após a batalha de Ismailia que a dôr e o sofrimento já sublinham tràgicamente os acontecimentos em que culmina a tensão existente na terra dos Faraós.

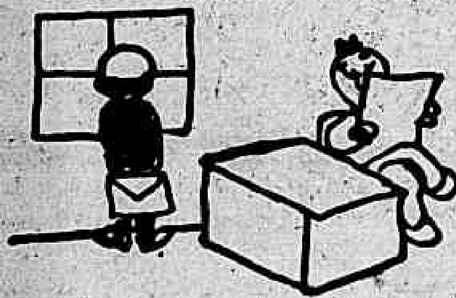
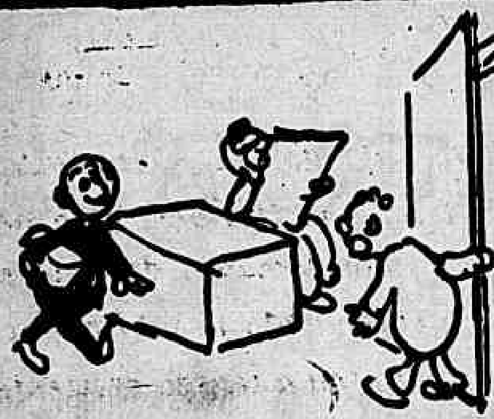
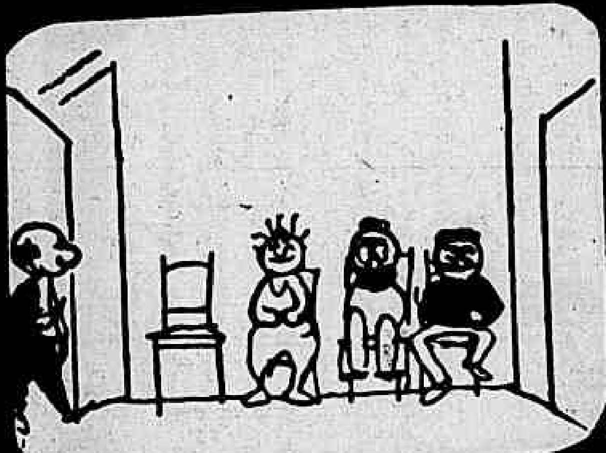
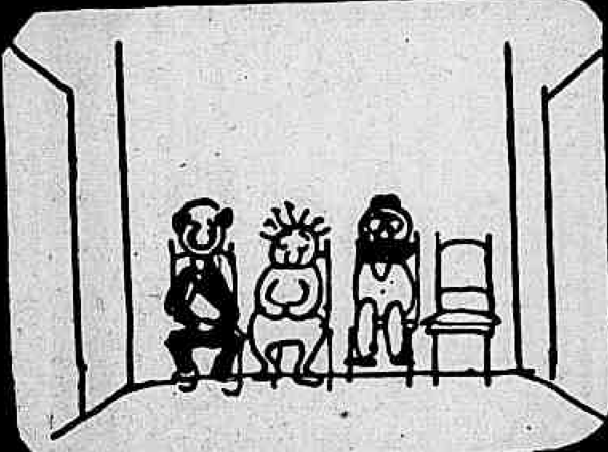
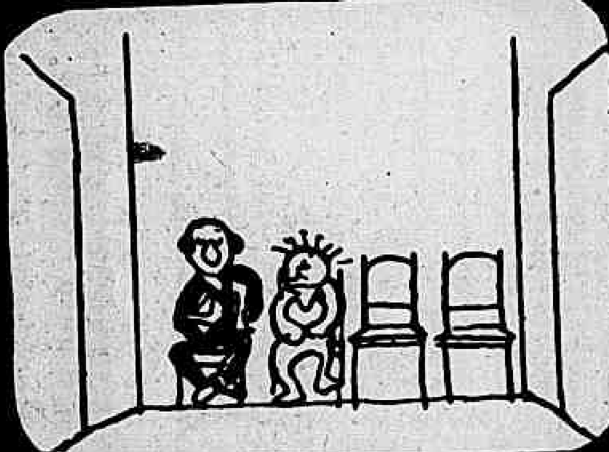
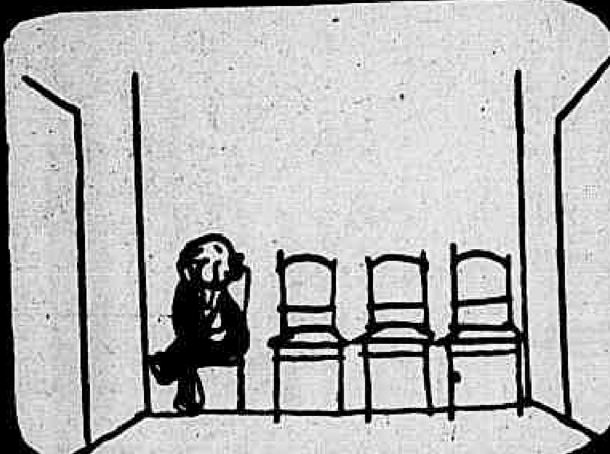
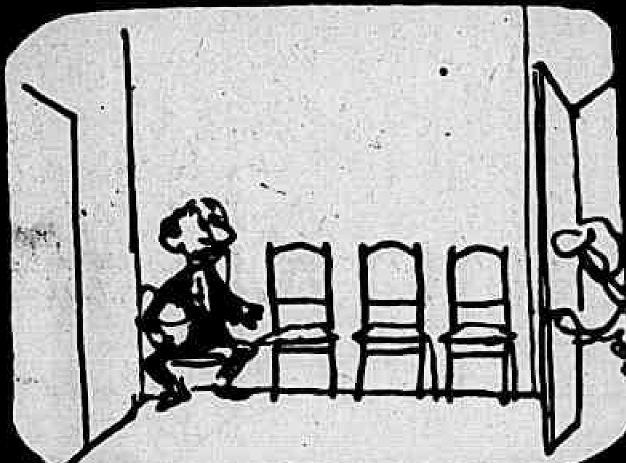
ESTE MUNDO E O OUTRO

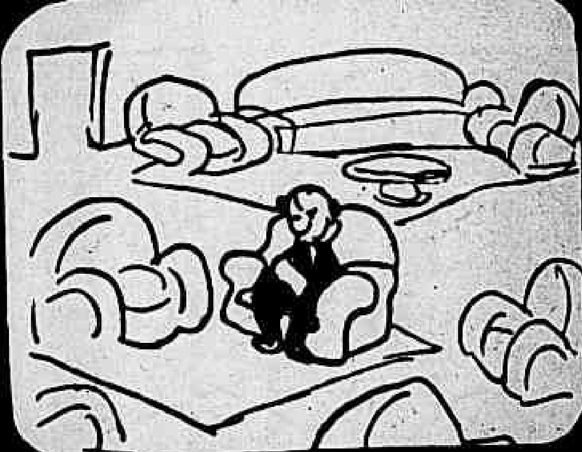
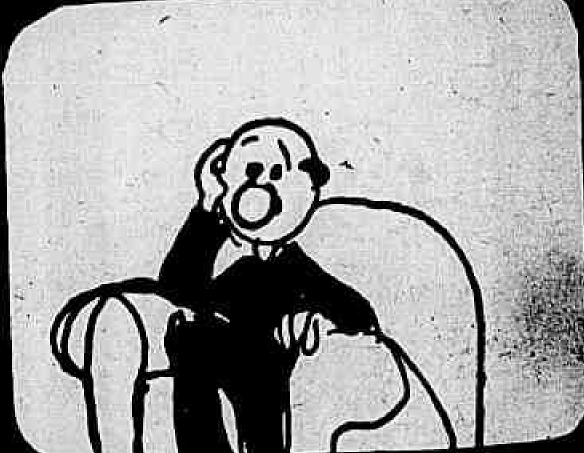
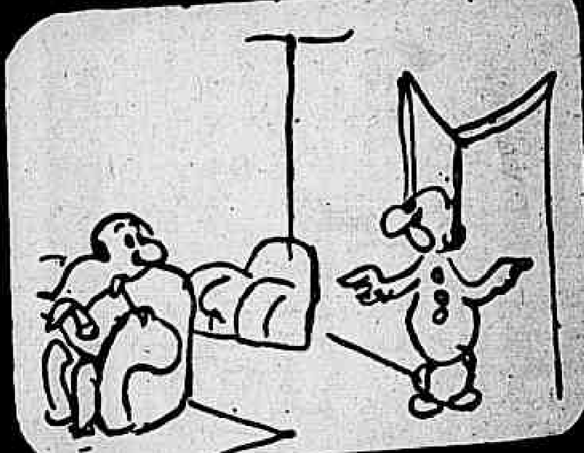
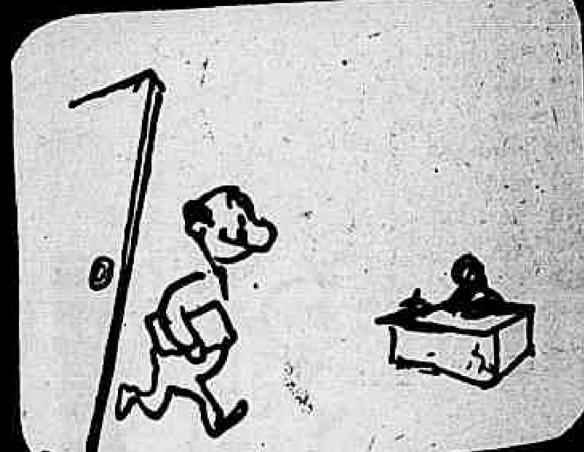
2 - CINEMINHA

O HOMEM QUE QUIS FALAR COM O MINISTRO, SEM PISTOLÃO

Criação de DARCY


MANUEL POMBO

A Casa da Intendência, que ficava na frente da Cadeia Pública, parecia em festa. A Igreja de N.S.. do Livramento de um lado, e, lá embaixo, a rua da Várzea. Na frente da Igreja, as palmeiras do Império dominavam o espaço, com o seu porte fidalgo, enchendo o chão de coquinhos que não prestavam prá nada.

As mães de família gritavam pelos filhos pequenos, àquela hora saltando no pátio da igreja, ou pegando canário no oitão da casa do escrivão José Leite.

Cidade pacata, Bananeiras. O juiz Zé de Melo, o padre Cristóvão, seu filho André gordo, o delegado Rangel, com fama de haver perseguido Antônio Silvino, o cangaceiro célebre do Nordeste, Toinho, vendendo brotes na rua do Castanheiro, Manuel dos Passos mentindo na sua bodega da praça do Canal, o velho Carlos Italiano vendendo bananas na rua da Várzea, tudo monótono, tudo silêncio. Só dois ou três velhos cochilavam na farmácia de Zé Fábio, o mais tarde célebre farmacêutico que inventou a cura de tôdas as moléstias com a injeção de cuspe.

Era deliciosa a cidade, guardando sua tradição de pacatez. Só aos sábados tomava ritmo novo, com a matutada do município. Enchiam-se as ruas de cavalos de sela e cavalos de cangalha. Bode sêco, aos montes, na feira de carne; agulha, avoador, caíco, peixe assado vindo da Baia da Traição, em Mamanguape .em caçoás forrados de fôlhas verdes, na feira de peixe; rapadura do seridó, batida de engenho, biju de debaixo da farinha, tapioca de côco, tapioca molhada na feira de goma, onde também se vende goma sêca e goma verde. A feira das trocas, lá no fim da rua do Castalheiro. Não raro aparecia cigano. Era um perigo trocar cavalo com cigano. Êles limavam os dentes do cavalo velho para dizer que era novo, tiravam o rengue, a manqueira, às vêzes até a cegueira. Trocavam. O freguês levava o animal, e, meia hora depois, voltava se lamentando: tinha levado o bôlo.

Aos sábados, Bananeiras era uma cidade diferente até às cinco horas da tarde. Quando a matutada começava a sair, as porqueiras de resto de feira ficavam no leito das ruas. Garajau de rapadura e palhas de cana, pedaços de varas de caboatã, farinha e goma as tulhas, caroços de feijão e de milho, pedaços de rapadura e bosta de cavalo em quantidade. O sol, a essas horas, já se fôra. A cidadezinha, que fica no fundo de um vale, cercada, portanto, de morros, depois das cinco horas da tarde, aos sábados, ia voltando à sua costumeira tranquilidade. Mas, mesmo assim, alguns fereiros que se amalocavam nas calçadas, ou na porta da farmácia de Zé Fábio, ou na porta da venda de Carlos Italiano, de logo voltavam atentos, como até os negociantes e mascates de feira, já com os fardos arrumados para voltar. Era Manuel Pinto, homenzarrão, vermelho e forte, agricultor em Santa Teresa, homem rico e de família tradicional na terra, que fazia piruetas com a sua burra "Maroca". A burra era danada mesmo. Só faltava falar. Só tinha de burra o nome. Esquipava, meiava, andava baixo, com a cabeça derreada entre as mãos (pernas dianteiras) que fazia gôsto ver. Era tão delicada a marcha de "Maroca", tão suave, tão lenta e faceira que ela podia fazer a volta de um poste sem desmanchar a marcha. Pintão se orgulhava da burra, e com o seu vozerão fazia blagues e aumentava o anedotário acêrca do seu animal.

Era uma cidade inocente, Ban[…] neiras, assim pelo ano de 1917.

Mas naquela manhã as mães [illegible] colhiam os filhos. Só se via me[…] no correndo com gaiola de caná[…] e alçapão nas mãos. Dir-se-ia [illegible] havido alguma coisa ou ir desa[…] algum pedaço de céu.

Mais do que isso sucedera, tod[…] via.

Era uma rêde de desgraça que [illegible] chegar à Casa da Intendência. [illegible] polícia atenta. O soldado Man[…] Bento, o praça mais alinhado [illegible] destacamento, e que fazia mui[…] anos estava em Bananeiras, de ond[…] aliás, era filho, entrava e saía [illegible] prédio da cadeia. Era uma especta[…] tiva geral. O oficial de justiça "seu" Zézinho, homem alto e magr[…] de bigodes grandes, barba fechada tinha aberto as portas da Casa [illegible] rêde de desgraça com o morto den[…] tro, e uma moeda de prata na bôca para chamar o criminoso.

Eram dez horas da manhã, ma[…] ou menos, quando a rêde, amarrada num pau comprido, tôda ensopada de sangue, e conduzida por dois homens fortes, um de cada lado, des[…] cia a ladeira do Pará-Velho, que fi[…]

(Cont. na pág. [illegible])

CONTO DE LUIZ PINTO ★ ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ

Praias

VOCÊ pode ser elegante também na praia. As sugestões desta página ajudarão a graça e leveza do seu aspecto, à chegada e à saída do banho.







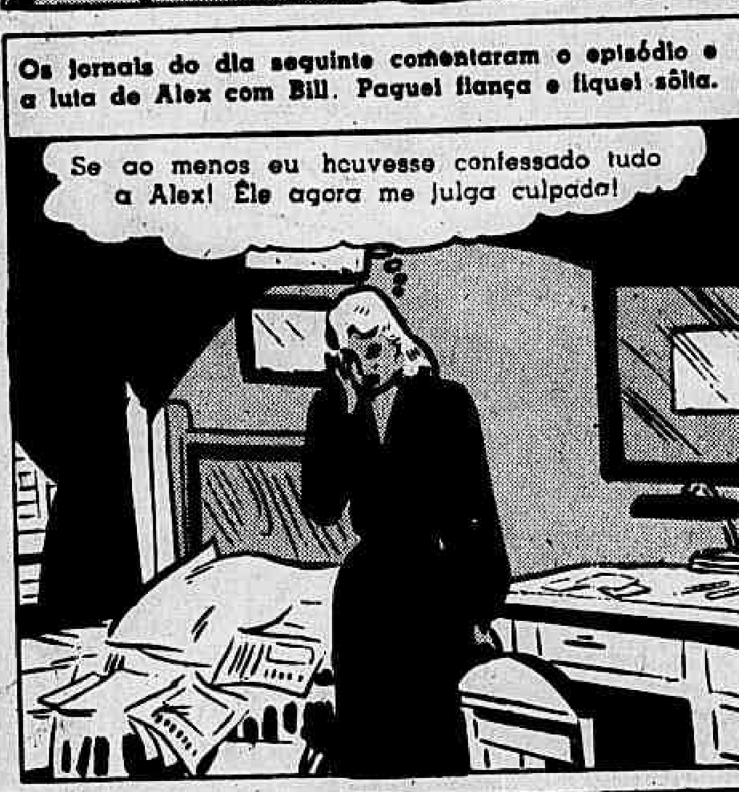


AMOR À PRIMEIRA VISTA

























modelos estilo mari-
z, em original combi-
ção de côres alegres



MODELINHOS PARA MENINAS



NHO com as palas ornadas com renda
saias franzidas, bastante originais



DUAS sugestões interessantes para combinar tecidos lisos com estampados



LESE bordada constitui o adôrno dêstes vestidos brancos

DETALHES SUGESTIVOS

BÔLSA de faile prêto, bordada a pedras e fio de ouro, luvas escuras, em pelica com os canos bem altos, próprias para a noite



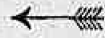


VESTIDO com as costas nuas. Decote em v, saia godê com bastante roda



DOIS originais modelos de chapéus; um pequeno solidéu e um modêlo de abas largas. Ambos são usados com luvas claras de canos altos

VESTIDO em faile escuro, com saia bastante justa. O corpo é arrematado com uma larga tira de tafetá, que forma as alças e dá um grande laço na frente



ENCANTADORA blusa em "laise" branco. A parte da frente tôda pregueada. Punhos, ombros e gola com festoné





VARIAÇÕES DO "TAILLEUR"



ELEGANTE tailleur para viagem, em linho mescla. Original gola, laço de fustão branco, mangas três-quartos.



JUVENIL modêlo para as férias nas montanhas. Executado em lã azul-marinho e branco, botões dourados.



DOIS originais modelos em panamá. Um branco outro beige. Golas pespontadas, cinturas bem justas.



CASACO em finissima lã branca, saia em casimira cinza, pregueada, compõe êste sugestivo modêlo.

PARA o cock-tail, elegante e sugestivo "tailleur" em faille azul-marinho, com "pois" brancos.



TAMBÉM para viagem, apresentamos êste elegantissimo e clássico modêlo em fina lã creme.



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM QUE CIDADE DE MINAS FOI PROMULGADA A LEI QUE ORDENAVA A MUDANÇA DA CAPITAL DAQUELE ESTADO, PARA BELO HORIZONTE:

— Em Juiz de Fora?
— Em Ouro Prêto?
— Em Barbacena?

2 — QUAL O POETA BRASILEIRO QUE VISITOU O LOCAL DA FUTURA CAPITAL MINEIRA, ESPECIALMENTE CONVIDADO:

— Raymundo Correia?
— Olavo Bilac?
— Guimarães Passos?

3 — QUAL FOI O PRIMEIRO JORNAL EDITADO EM BELO HORIZONTE:

— O Estado de Minas?
— A Capital?
— O Belo Horizonte?

4 — QUAL A CIDADE GAÚCHA QUE ESTÊVE, DURANTE TREZE ANOS, SOB O DOMÍNIO ESPANHOL:

— Rio Grande?
— Pelotas?
— Livramento?

5 — EM QUE ANO FOI O URUGUAI INCORPORADO AO TERRITÓRIO DO BRASIL:

— 1803?
— 1821?
— 1832?

6 — QUAL O ARTISTA NORTE-AMERICANO QUE TEVE A HONRA DE VER A PATA DO SEU CAVALO IMPRESSA NO PISO DO "CHINESE THEATRE":

— William S. Hart?
— Buck Jones?
— Tom Mix?

7 — EM QUE LUGAR DA CABEÇA TEVE RAUL ROULIEN QUE SOFRER CIRURGIA PLÁSTICA A FIM DE INGRESSAR NO CINEMA AMERICANO:

— Nas orelhas?
— No nariz?
— Nos olhos?

8 — QUAL O SIGNIFICADO DE "PAGÃO", ETIMOLÒGICAMENTE FALANDO:

— Não batizado?
— Selvagem?
— Aldeão?

9 — QUAL FOI O CONDENADO QUE INAUGUROU A GUILHOTINA EM PARIS:

— Luis XVI?
— Pelletier?
— Maria Antonieta?

10 — QUAL A REGIÃO DO NORDESTE BRASILEIRO QUE PRODUZ O FAMOSO ALGODÃO "MOCÓ":

— Serra do Araripe?
— Seridó?
— Borborema?

11 — QUE QUER DIZER "ROSTRO":

— Bico das aves?
— Moléstia dos peixes?
— Uma espécie de borboleta?

12 — QUE NOME DERAM AO PRIMEIRO NAVIO MOVIDO A VAPOR:

— Piróscafo?
— Vaporidio?
— Fultoneiro?

13 — QUAL DÊSTES ANIMAIS O QUE "ORNEJA":

— O carneiro?
— O leão?
— O burro?

14 — QUE VEM A SER "HIDROPEDESE":

— Fôrça hidráulica?
— Eliminação excessiva de suor?
— O mesmo que hidropisia?

15 — QUAL DÊSTES CANAIS TEM MAIS RECENTE CONSTRUÇÃO:

— O de Suez?
— O de Corinto?
— O do Panamá?

(Respostas na pág. 48)

EU VI A GUERRA DE PERTO

(Cont. na pág. 21)

ambulâncias quietas, fatigadas da dolorosa carga que sempre levarão, a tenda onde o médico repousa, e a única luz que existe no acampamento: a da barraca do Comandante, mas, mesmo essa, se apagou.

Todo o acampamento ficou mergulhado em escuridão. A poucos passos da minha tenda avisto um vulto, completamente imóvel. Observo-o fascinada. Como podem, a disciplina e o treino transformar um homem numa estátua? E' essa a idéia que faço da sentinela que me velará o sono nessa noite. Não o conheço. Não sei se é moço. Mas, sinto-me grata, imensamente grata a êsse bom e hirto desconhecido. E, não posso reprimir o desejo de me despedir:

— Boa noite, sentinela.

Sua voz, amável, educada e ligeiramente surpreendida, responde:

— Boa noite, Miss.

Deixo-me cair, completamente vestida e exausta, no meu agradável leito de campanha. Tudo o que vira durante o dia vinha à minha memória. Estava aprendendo como a imaginação é pobre quando a realidade nos quer dar uma lição.

A vida recomeçará às cinco da madrugada. As linhas telefônicas e o rádio estão silenciosos, embora a postos. Parece-me que todo o pais — como um coração gigantesco — pulsa inquieto, dividido como está por vários paralelos. O principal, o único reconhecido, visto e revisto, o já tristemente célebre "Paralelo 38", fica a perder de interêsse perante os que êle fêz surgir: — o paralelo da inquietação, o paralelo da saudade dos lares distantes, o paralelo da incerteza do dia de amanhã, o paralelo da incógnita de "como e quando" terminará êste moderno inferno, etc. Paralelos que são linhas horizontais na vida dos que combatem aqui. Vidas herméticas a qualquer impulso que não seja o de matar para não morrer.

Nesta infeliz Coréia, — o único baluarte no Oriente a tentar suster que a mancha vermelha alastre —, tudo vive dumas hipotéticas tréguas, as quais, à medida que o tempo caminha, levam com elas tôdas as ilusões dum mundo que deseja a paz e, tão sequioso dela, como a areia ardente do deserto por uma simples e simbólica gôta de água! Dizem que poesia não quadra com ambiente de guerra. Também dantes pensava assim. Mas, hoje, que voluntàriamente deixo minhas pisadas bem no meio duma, tenho autoridade suficiente para dizer que estava errada e comigo quem pensava igual. A guerra possui a fremente e estranha beleza do "belo-horrivel", a poesia forte dos lances épicos, — que transformam simples homens em heróis nacionais —, e dêsses lances, cheios de ruidos brutais, surgiram tôdas as marchas guerreiras que estamos habituados a ouvir, todos os hinos cujos versos são um incentivo à luta. E, até a natureza não foge à regra. Ela veste galas especiais para não matar e ver morrer. Montes e planicies adquirem um ambiente de crueldade, quando a terra é rasgada pelas balas e granadas perdidas.

Por isso, nesta hora quieta, singularmente parada, num acampamento de guerra, — a quinze quilômetros do inimigo —, esperando uma ofensiva a todo o instante, acho natural que o crepúsculo envolva tudo e todos da mesma maneira calma, sutil, entorpecente mesmo, de todos os crepúsculos do mundo. Só que êle, aqui, esconde, piedosamente, o sofrimento moral, a angustia, o mêdo, com que todos aguardamos o surgir da madrugada que para muitos será a última em suas vidas.

Assim, e como que anestesiados pelo excesso de realidade, tenta-se adormecer no acampamento.

O frio segue a trajetória do desconfôrto. E a atmosfera tensa, dum beco sem saida, perdura sôbre todos nós.

Finalmente adormeço com a lembrança da frase, impregnada de proteção, da minha sentinela:

— BOA NOITE, MISS!

E rezo para que assim seja.

A INSATISFEITA

(Cont. na pág. 23)

— Quer Gordon dirigir nossas existências?

— Êle está fazendo tudo isso para seu bem, Barry.

— Por que não posso ir para o Sul, para a companhia de Roger Poole? Êle me falou, há tempos, de um homem que viveu com êle na floresta.

— Isso não passaria de recurso temporário e dilatório Barry. A idéia de Gordon é a que encerra os meios necessários para estabelecer uma solução definitiva. financeiramente falando. Se você fôr para o Sul, não poderá achar uma ocupação bem remunerada.

— Será que Roger Poole não ganha nada para viver lá?

—Ainda não. Êle está procurando dedicar-se a escrever novelas.

— Você se corresponde com êle, Mary?

Procurando evitar mal entendidos, ela responde com calma:

— Nós nos correspondemos de tempos em tempos.

— E que pensa Porter disso tudo?

— Porter nada tem a ver com êstes nossos assuntos.

— Como não! De certo que tem! Você sabe que terminarei casando com êle, Mary.

— Certamente que não. Não tenho a mais leve intenção de despossá-lo.

— E então por que é que você lhe permite estar sempre prêso a esta casa?

— Barry!

A moça estava rubra de cólera.

— Eu não o conservo prêso a nossa casa, como você julga. Êle vem, como sempre tem vindo, apenas para ver-nos.

E você pensa que êle vem aqui pelos outros? Acha que êle vem ver-nos ou ver a você? Êle não viria para ver tia Isabele, nem Susan Jenks, creio eu.

Barry estava contente por ver que provocara aquela pequena discussão. Tinha a consciência de ser a ovelha desgarrada do rebanho. mas era bom que alguém ouvisse também certas verdades. Depois disso, afastou-se da irmã e saiu de casa. Durante vários dias não regressou ao lar. Procuraram ocultar a Leila as razões dessa fuga. e tanto quanto possível, a Constance; mas Mary ficou profundamente angustiada. Ela encontra em Gordon uma fôrça e uma fonte de segurança sôbre as quais se apóia.

(Continua no próximo número)

WEEK-END NA COZINHA

SALADA DE MAÇÃS

Maçãs bem maduras, azêdas, descascadas e cortadas em quartos, sem sementes. Corta-se os quartos em fatias e cobre-se com um môlho de salada, ao qual se pode adicionar um pouco de açúcar. Depois de arranjadas na saladeira, espalha-se por cima nozes picadas. E' recomendável para assados de ave e de porco e para carnes frias.

GLACÊ DE CHOCOLATE

125 grs. de chocolate em pó; cêrca de 250 grs. de açúcar; 5 a 6 colheres de sopa de água. Deixa-se derreter com cuidado sôbre o fogo fraco o chocolate com água e mistura-se depois com o açúcar até que se forme uma calda grossa lisa.

FIGADA

A melhor figada é a que se faz com figos maduros. Há porém quem os prefira apenas inchados. Para três quilos de frutas basta um meio quilo de açúcar refinado. Descasca-se o figo com luvas ou com os dedos enrolados, pois o leite da fruta fere os dedos. Depois de descascados, pesa-se e vai ao fogo com açúcar refinado. Quando aparecer o fundo do tacho, é sinal de que o doce está pronto.

MASSA DE VINHO

Toma-se 250 grs. de farinha de trigo, sal a gôsto e 2 ovos. Mistura-se muito bem e amassa-se com vinho branco até que a massa fique de boa consistência. Depois de bem amassada, deixa-se descascar pelo menos uma hora antes de empregá-la em tortas ou empadas.

SURPRÊSA DE LARANJAS

TOME 6 bonitas laranjas, bem iguais e perfeitas e tire fora uma fatia junto do cabo para formar cumbucas. Retire com os dedos tôda a polpa, esprema dentro de um pano fino e guarde o suco. Dissolva oito fôlhas de gelatina em 1 xícara de água fervendo, misture o suco de laranja, 250 g de açúcar e acrescente mais água até ficar tudo em quantidade de 1 litro e leve a ferver um pouco. Deixe repousar durante 10 minutos, junte 1 clara, bata bem a calda e leve novamente ao fogo, sempre mexendo, até ferver. Junte 1 cálice de Pôrto, retire do fogo e passe tudo por um guardanapo. Tome a quarta parte do líquido e junte duas fôlhas de gelatina vermelha, desmanchada em 1 xícara de água bem coada. Encha mal cheias as laranjas vazias com a gelatina amarela e leve a gelar até que a geléia se coagule. Então termine de enchê-las com a gelatina vermelha e deixe na geladeira. Isto deve ser feito de véspera, para a gelatina ficar bem dura. No dia seguinte, pouco antes de servir, parta as laranjas em quatro partes e arrume ao redor de um prato de cristal redondo, com a parte vermelha para dentro. Deve ficar como uma grande flor amarela, com o miolo vermelho. Enfeite ao redor com fôlhas bem verdes de laranjeira ou de limoeiro.

DOCE DE OVOS COM LIMÃO

Faça uma calda com 500 grs. de açúcar, junte 125 grs. de manteiga, 6 gemas, 4 claras, a casca de 1 limão e 1 colher de sobremesa do caldo. Leve ao fogo, sempre mexendo até aparecer o fundo do tacho. Êste doce pode ser conservado por meses.

SOPA DE OSTRAS

Abra 3 dúzias de ostras pequenas, deite o conteúdo numa caçarola e leve ao fogo vivo durante 2 minutos; tempere com 1 pitada de sal, outra de pimenta do reino, e outra de noz moscada, e leve ao fogo brando durante 7 minutos: junte 1 1/2 litro de leite e leve a ferver. Em outra caçarola deite 250 grs. de creme de leiteria, leve ao fogo em banho-maria, mexendo sempre sem deixar ferver. Depois incorpore 1 colher de manteiga, 4 gemas desmanchadas em 1 xícara de leite, despeje na sopeira e por cima deite o caldo a ferver com as ostras. Sirva 3 ostras em cada prato. Se não tiver creme junte 1 xícara de leite com 1 colher de manteiga.

MASSA BASICA DE FERMENTO FRESCO

500 grs. de farinha de trigo, 1 xícara de leite, 80 a 100 grs. de manteiga, 1 a 2 ovos, 50 grs. de açúcar, 28 grs. de fermento fresco, 1 pitada de sal, e uma casca de limão. Aquecida a farinha de trigo coloca-se em uma vasilha de antemão aquecida. Junta-se o fermento, com um pouco de açúcar, metade do leite môrno e despeja-se no meio da farinha de trigo: cobre-se com esta, tapa-se a vasilha e deixa-se descansar em lugar quente e livre de corrente de ar. Depois de 25 a 30 minutos, esquenta-se a manteiga, juntando-se ao açúcar o ôvo, o sal, e a casca de limão; despeja-se esta mistura sôbre o fermento, põe-se a farinha e junta-se o leite, mexendo-se com as mãos, batendo-se até que a massa pareça lisa e brilhante, despejando-se em bola do fundo da vasilha. Polvilha-se então a farinha, cobre-se e deixa-se crescer novamente em lugar quente. Ocupa-se depois de ter crescido 2 a 3 dedos.

STOLLE DE FERMENTO FRESCO

Faz-se a massa de fermento acima indicada, à qual se junta 125 gramas de corintos, 125 gramas de sultanas e 125 gramas de amêndoas raladas. Estende-se esta massa e toma-se uma táboa polvilhada com farinha, numa espessura de 3 dedos; aperta-se o rôlo sôbre esta massa, formando um sulco, no qual se coloca açúcar e passas. Junta-se então as duas partes separadas e deixa-se o Stolle crescer em lugar quente. Pincela-se com manteiga derretida e leva-se ao forno com calor regular por espaço de 3/4 de hora. Ao tirar do forno pincela-se mais uma vez com manteiga e polvilha-se bem com açúcar.

BÔLO DE BATATAS

COZINHAM-SE, descascadas, em água e sal, 12 ou 14 batatas; escorre-se, passa-se pelo espremedor, e à massa obtida junta-se: um ôvo inteiro, 1 colher de manteiga, 2 colheres de parmezão ralado, 1 pitada de pimenta do reino, salsa batidinha, um pouquinho de leite e farinha de trigo que dê para a massa ficar bem ligada, misturando-se tudo muito bem. Leva-se essa massa ao forno num prato fundo ou Pirex, fazendo-se com um garfo uns enfeites por cima; pinta-se com gema misturada com manteiga derretida. Êste bôlo pode ser feito recheado e nesse caso forra-se a fôrma ou prato com a metade da massa. Põe-se em cima o recheio escolhido, de carne, cobre-se com o resto da massa terminando-se como acima.

LENTILHAS COM SALSICHAS

LAVAM-SE as lentilhas deixando-as de môlho durante a noite. Na manhã seguinte escorre-se a água em que ficaram de môlho e leva-se ao fogo numa panela com meio litro de água fervendo, juntando-se sal à gôsto, 3/4 de xícara de cebola picada, 3 colheres de aipos cortados em cubo e uma pitada de pimenta do reino. Salsa se gostar. Quando estiverem cozidas escorre-se novamente. Esfrega-se um dente de alho amassado numa frigideira comum, besunta-se com gordura e azeite bom e despeja-se nela as lentilhas escorridas, arrumam-se em cima dezoito salsichas pequenas e leva-se a frigideira ao forno regular durante uns vinte minutos. Serve-se quente êste prato.

MEU DESTINO É PECAR

ELENCO:

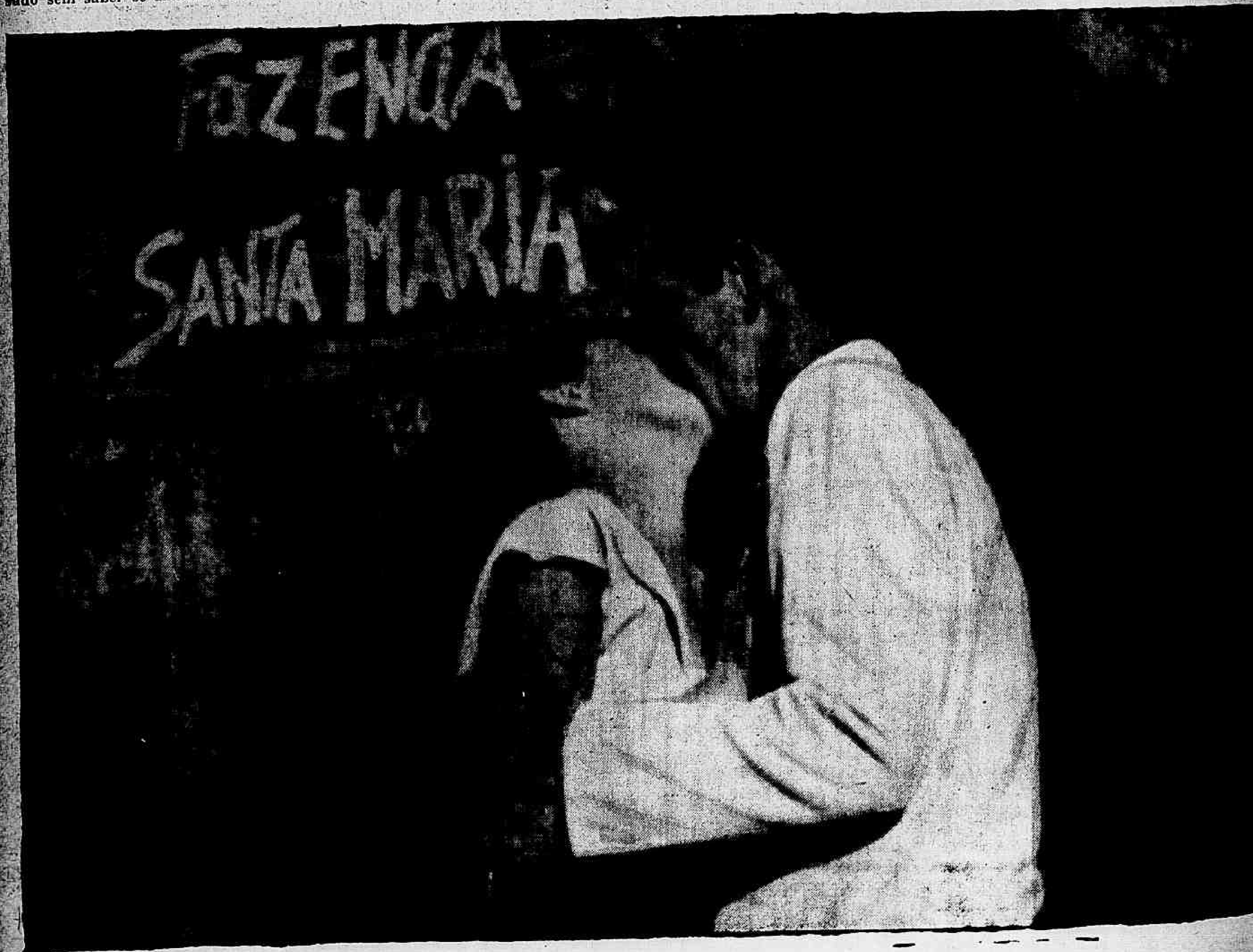
Leninha	Antonieta Morineau
Paulo	Rubens de Queiroz
Maurício	Alexandre Carlos
Lídia	Zilah Maria
Consuelo	Maria de Lourdes Lebert
Vovó	Great George
Netinha	Nair Pimentel
Naná	ILZA Menezes

Produção da MARISTELA. ★ Extraído do livro do mesmo nome de Suzana Flagg.

Diretor de Produção ...	VITTÓRIO CUSANI
Assistente de direção ...	MARKUS MARCULIES
Assistente de produção ..	CAIO E. SCHELBY

O carro de Paulo parou diante da casa grande da Fazenda Santa Maria. Sua mãe, D. Consuelo e seu avô estavam esperando por êle e por Leninha sua espôsa. Êles haviam se casado no dia anterior e vinham para ficar. Leninha havia se casado sem saber se amava Paulo ou não, porque fôra forçada a casar-se para salvar seu pai da cadeia e poder ajudar Netinha a comprar uma perna mecânica. Netinha era sua irmã de criação, filha de sua madrasta e seu pai. Quando Paulo desceu do carro, podia perceber perfeitamente que êle puxava de uma perna. Paulo era coxo.

D. Consuelo recebeu a nora friamente. Leninha sentiu que ela a odiava. Por outro lado, Lídia, a prima de Paulo, disse-lhe que não devia ter vindo porque aquela era uma casa de loucos e de assassinos. No quarto quando estavam a sós Lídia contou-lhe que Paulo se casara com ela para esquecer a primeira mulher que fôra estraçalhada, numa noite, pelos ferozes cães que Paulo havia trazido da cidade. Contou, ainda, que naquela mesma noite quando os cães atacavam a mulher de Paulo, que se chamava Guida, êle tentara salvá-la e fôra mor-





dido também e em conseqüência disso êle ficara coxo...

Paulo tentara naquela noite em que haviam chegado ficar no mesmo quarto com Leninha, mas esta não permitira. E logo se arrependera, pois estava com muito mêdo de ficar sòzinha.

Numa noite Lídia levou Leninha e Netinha para verem o túmulo que Paulo havia mandado construir para ela, dentro do bosque. Uma tempestade desabou nessa noite e o mêdo se apoderou das duas moças. Dentro do mausoléu Lídia mostrou-lhes o caixão vazio... mas quando olharam verificaram que o caixão estava fechado. Elas compreenderam, então, que Lídia, na sua loucura "via" o caixão vazio...

Paulo chegou a tempo de evitar uma tragédia, pois Naná vira quando elas saíram e fôra avisá-lo.

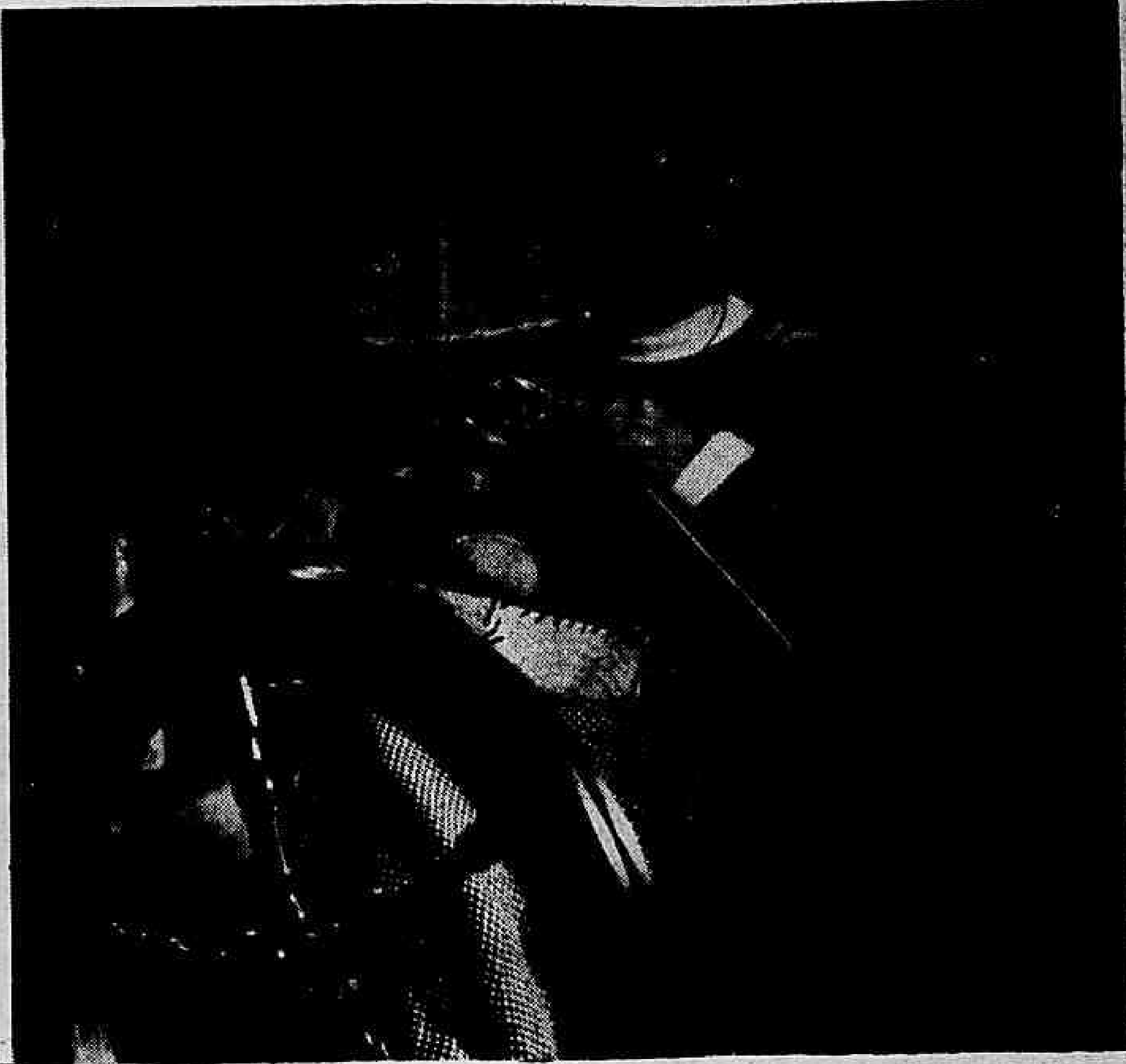
★

A macumba estava agitada no terreiro de Nha Zefa e Lídia estava encomendando um "despacho". Ela contou à macumbeira que a sua paixão por Maurício aumentava dia a dia, e êle não dava mais importância a ela. Nha Zefa prometeu-lhe que o "despacho" não falharia desta vez e enterrou vários alfinetes numa fotografia de Maurício.

Nessa mesma noite, olhando pela janela Leninha viu uma mulher andando pelo terreiro. Desceu para verificar se se tratava mesmo de um fantasma. Verificou que o fantasma falava com Naná, e pedia-lhe que mandasse Maurício encontrar-se com ela, nessa mesma noite.

Nesse momento, Leninha foi prêsa pelos capangas de "seu" Figueredo. Teve tempo, porém, de gritar e todos correram em seu socorro. Os capangas foram prêsos e tôda a verdade foi descoberta. O desfêcho inesperado surpreende todos os espectadores.





GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

A SAÚDE DO BEBÊ

CRIAR O MENINO AO SEIO

DR. SABOIA RIBEIRO

A recente sonegação do leite, por muitos dias, por determinação dos fornecedores, e ainda, o preço elevado, e cada vez mais, do chamado *leite em pó*, justifica uma advertência às mães por que tudo façam a fim de que não privem o bebê de seu próprio leite, a pretextos vários, e passem ao regime artificial pelos outros leites.

Seguindo essa diretriz estarão precavidas e se sentirão seguras na proteção de sua saúde, pois que 95 por cento das mães podem e devem amamentar o bebê.

Se tôdas as mães bem se compenetrassem do dever que lhes assiste de criá-lo ao seio, o problema não surgiria tão grave em faltando o leite de vaca, nem se tornando de preço inacessível o leite em pó.

Na verdade o motivo pelo qual o leite materno some-se do seio em muitas e muitas ocasiões, acabando por faltar de todo ao bebê, é devido, geralmente, à desorientação no sistema de alimentar a criancinha, quer porque nos momentos das mamadas os seios sejam mal exgotados (dando-se-lhes os dois seios, ao invés de um só), quer porque se interrompe a amamentação materna exclusiva substituindo-a pelo leite animal, num período mais ou menos longo. A interrupção traz duas conseqüências que tornam impossível prosseguir mais tarde com a amamentação ao seio.

De fato, quando o seio deixa de ser sugado pelo bebê num período mais ou menos longo, é comum que a secreção desapareça depressa e não se recupere mais. Por outro lado, fazendo-se à mamadeira o próprio bebê recusa o seio, uma vez que na mamadeira o leite flui mais fácil e abundante. E' a segunda conseqüência.

Assim sendo, tem uma importância capital a disciplina da amamentação para que o leite materno não falte ao bebê, nem êste recuse o seio reclamando o leite na mamadeira.

Levada porém a amamentação natural, ao seio, com os devidos cuidados, êste problema não existe, e assim as mães podem conduzir a criação do bebê com o seu próprio leite até a idade das *sopinhas*, seja o 6º mês.

Como se vê, até essa idade as mães podem enfrentar as dificuldades que a atual emergência lhes está criando, seja que falte o leite animal, seja que o leite em pó mantenha os níveis atuais de preços, realmente proibitivos para grande número de bolsas.

Daremos a seguir algumas normas para a boa maneira de conduzir a amamentação ao seio e de forma que o leite se mantenha sempre abundante permitindo um desenvolvimento da criança em condições perfeitamente satisfatórias.

1º — E' do momento do nascimento da criancinha que deve ser iniciada essa disciplina. Apenas, a primeira semana de vida do bebê foge a um rigor muito grande, achando uns que, nas primeiras 24 horas, dar-se-lhe-á sòmente umas colherinhas de água ou chá sacarinado, porém, já no dia seguinte iniciando um horário mais ou menos determinado, com intervalos de 4 horas de uma para outra mamadura.

Como quer que seja, jamais mamará à noite, seja qual fôr o pretexto.

Na segunda semana, já os intervalos entre as mamaduras serão de 3 horas, como por exemplo: 7 — 10 — 13 — 16 — 19 e 22 horas.

2º — Não devem ser dados em cada horário os dois seios, porém um sòmente. Quando se dão os dois seios, acontece que o segundo seio é sempre mal esvaziado, e seio mal esvaziado tende a secar. Depois, é preciso lembrar o seguinte: a mamadura não deve ultrapassar 15 a 20 minutos, pois nos primeiros 5 minutos a criança mama 2/3 da quantidade global, 1/4 nos 5 minutos seguintes, e o resto nos últimos 10 minutos.

Só um seio deve ser então utilizado, pois logo nos 10 primeiros minutos já terá fornecido quase a totalidade do leite que o bebê reclama para sua satisfação.

3º — Se a criança estiver dormindo no momento do horário, que fazer? Mesmo assim, será acordado e dado o seio. Procedendo assim a criança se tornará dentro de pouco tempo um relógio, e acordará por si mesma.

Eis as normas essenciais para que fique assegurada, na prática, a constância da secreção látea materna, para o aleitamento do bebê, no primeiro semestre.

Neste período, nenhum leite excederá o materno, e as mães nunca devem mudar o regime natural, apelando para outros leites, sem primeiro ouvir o pediatra, antes de completada a criança o primeiro semestre.

O segrêdo da persistência do leite materno, durante tôda essa fase, está, de um lado, na boa alimentação materna, farta, e nutritiva, e completa; de outro nessa disciplina, resumida acima.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

MANUEL POMBO

(Cont. da pág. 35)

ca diante da Igreja, em direção da Intendência.

Num instante juntou gente assim. Parecia um procissão. Até o padre veiu ver a chegada da rêde macabra.

Posta a rêde na Casa da Intendência, ali ficou Euclides, morto, com a cabeça separada do corpo, por uma foiçada, até à tarde, quando subiu para o Cemitério da Chã da Monguba, onde foi sepultado.

Manuel Pombo morava na aldeia. Possuia um pedaço de terra, junto de u'a modesta aguada. Ali plantava êle os seus roçados. Plantava feijão de arranca, batata doce milho, feijão macassa, e habitava uma velha casa de taipa, em companhia de sua velha mãe e uma irmã também velha. Pombo vivia do produto das suas plantações. De três em três meses, vendia batata, cará, inhame, feijão e milho, nas épocas de inverno. Mas as suas terras não eram cercadas de arame farpado. Defendiam-nas cercas de pedras sôltas, pedaços de pau a pique, cipós velhos enrolados. Porém quase não ficavam a salvo das investidas dos cavalos de sela, das vacas de leite e das cabras do ricaço Euclides, seu vizinho de propriedade.

Era a luta sem tréguas de Pombo contra os animais de Euclides. Mas

(Cont. na pág. 53)

RESPOSTAS AO TESTE

1—Barbacena (17-12 18[illegible]3)
2—Olavo Bilac (janeiro de 1894)
3—"O Belo Horizonte" (7 de setembro de 1895)
4—Rio Grande (1763 a 1776)
5—1821 (31 de julho)
6—Tom Mix
7—Nas orelhas
8—Aldeão
9—Pelletier
10—Seridó (Rio Grande do Norte)
11—Bico das aves
12—Piróscafo
13—O burro (ornejar é sinônimo de zurrar)
14—Eliminação excessiva de suor
15—Panamá

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 23 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ....
NOME ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ [illegible]

ASSIM OS MODERNOS VIAM A ACADEMIA



QUARENTA POLTRONAS vazias com ar de fantasma

A ARTE MODERNA VAI À' FORRA

TRINTA ANOS DEPOIS DA SEMANA DE ARTE MODERNA A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS PREPARA-SE PARA COMEMORÁ-LA ★ EM 1924 GRAÇA ARANHA LANÇAVA SEU DESAFIO AOS FARDÕES DO "PETIT TRIANON" ★ DUAS EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS DO MODERNISMO: O NORTE E O SUL

Reportagem de **CIRILO BORDALO**

O "Estado de São Paulo", órgão conservador da imprensa paulista, publicava, nos primeiros dias de janeiro do ano de 1922, a notícia de um fato que iria assumir extraordinário relêvo na história das artes e das letras no Brasil.

"Semana da Arte Moderna", intitulava-se a notícia, que anunciava:

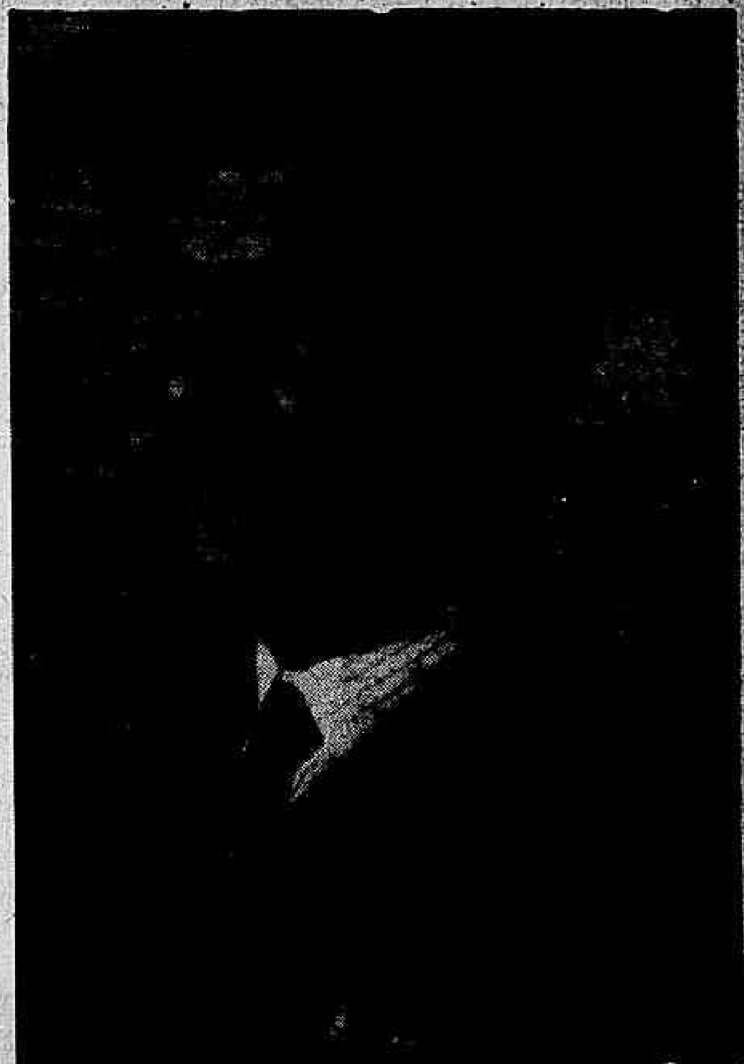
"Por iniciativa do festejado escritor sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, haverá em São Paulo uma Semana de Arte Moderna, em que tomarão parte os artistas que, no nosso meio, representam as mais modernas correntes artísticas.

"Patrocinam esta iniciativa os srs. Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Alberto Penteado, René Thiollier, Antônio Prado Júnior, José Carlos de Macedo Soares, Martinho Prado, Armando Penteado e Edgard Conceição.

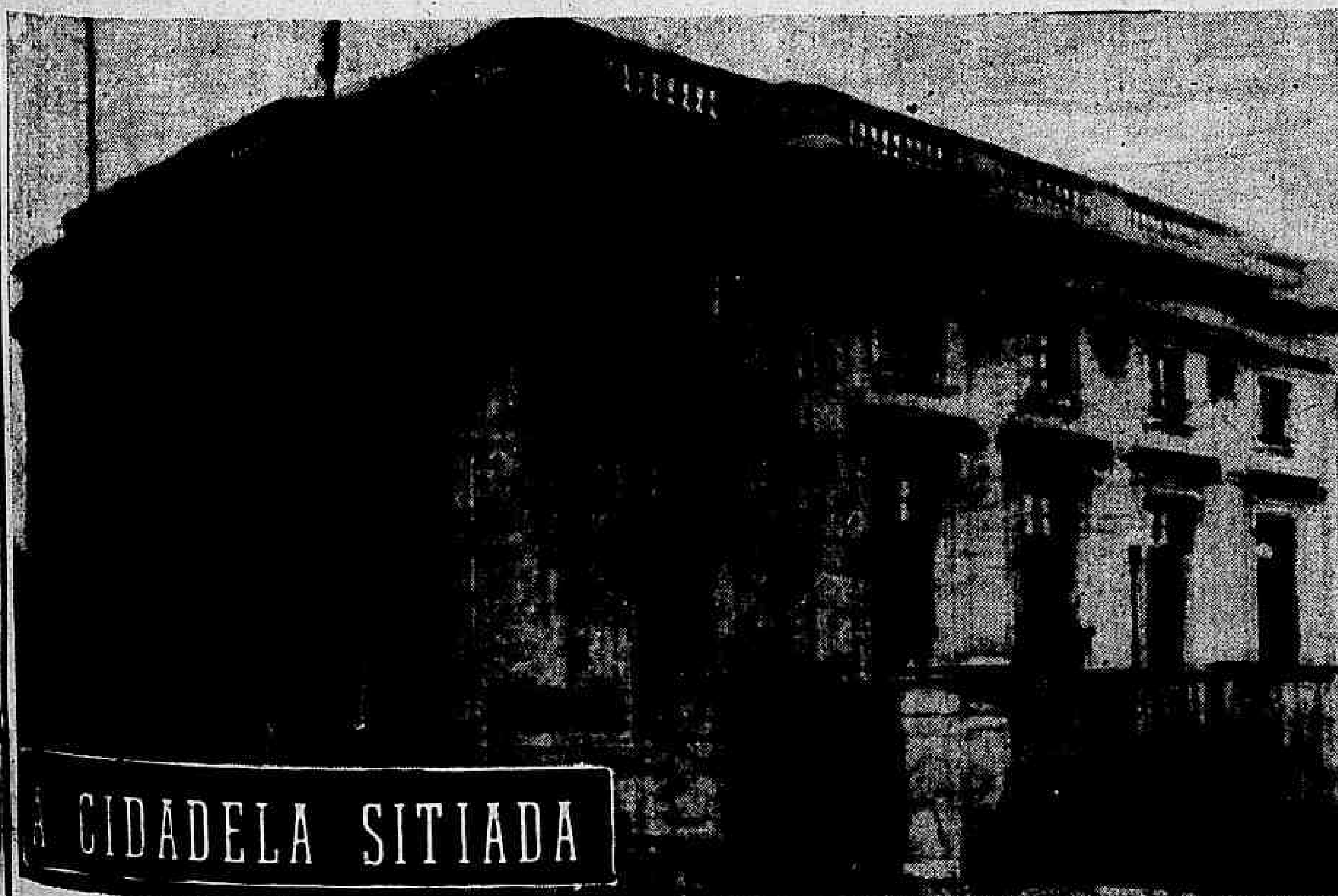
"Para tal fim achar-se-á aberto o Teatro Municipal durante a semana de 11 a 18 de fevereiro próximo, instalando-se aí uma interessante exposição".

Seguiam-se nomes hoje fàcilmente identificáveis mas que, naquela recuada semana de 1922, não chegavam a ser todos conhecidos dentro mesmo dos muros da cidade. E eram em sua maioria paulis-

O GENERAL DO SITIO



GRAÇA ARANHA, "general de provisórios" do Movimento Modernista



A CIDADELA SITIADA

A ACADEMIA BRASILEIRA, que resistiu e se rendeu

ONDE SE CONSPIROU



RECINTO DA Exposição de Di, onde se tramou uma "semana de escândalos"

tas: Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Oswaldo de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Afonso Schmidt, Sérgio Milliet, Anita Malafati. Cariocas, alguns: Ronald de Carvalho, Renado de Almeida, Vila-Lobos. Poucos, os de outras regiões: um sulriograndense, como Álvaro Moreyra; um paraense, como Oswaldo Goeldi.

ERA uma verdadeira revolução que explodiu. Pela mesma época os chamados "tenentes" conspiravam em todo o país, articulando os movimentos militares que seriam anunciados pelo tiro do Forte de Copacabana, na madrugada de 5 de julho... Fora dos quartéis os civis projetavam a revolução incruenta da Semana de Arte Moderna, que se antecipava à rebeldia de Siqueira Campos e Eduardo Gomes e levaria suas conseqüências muito mais adiante.

Graça Aranha assumiu, por muitas razões, a chefia do movimento modernista. Era patente graduada nas fileiras da inteligência e podia empunhar o bastão, mas a verdade é que, ao aceitar o comando, êle encontrava a conspiração adiantada e os planos de ação já estabelecidos. Das tertúlias que alguns artistas e escritores modernistas mantinham na casa editôra "O Livro", com sede na rua 15 de Novembro, onde se instalava uma exposição de Di Cavalcanti, nasceu a idéia da revolução. Nasceu e concretizou-se no projeto da Semana de Arte Moderna. Graça chegou a São Paulo e aderiu. Aderiu e pôs a procissão na rua.

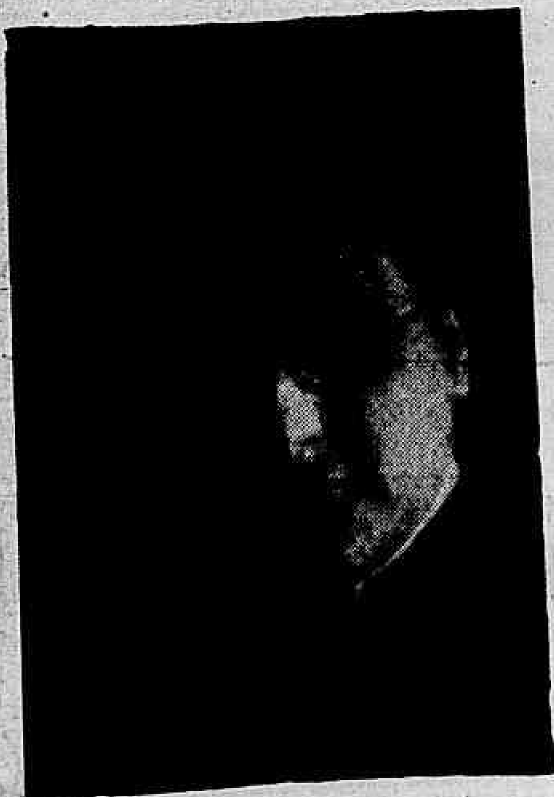
TRÊS MOSQUETEIRO



FOTO CONTEMPORÂNEA da "Semana", onde apa... com: Guilherme de Almeida, Di e Oswald de Andrade

O fim da Semana era fazer uma afirmação de princípios e o meio que escolheu para isso foi escandalizar S. Paulo com estravagâncias, ruidos e foguetórios. Escandalizar o burguês sempre fôra uma tradição dos artistas. Nas condiçõe...

PARTICIPANTES DA "SEMANA"







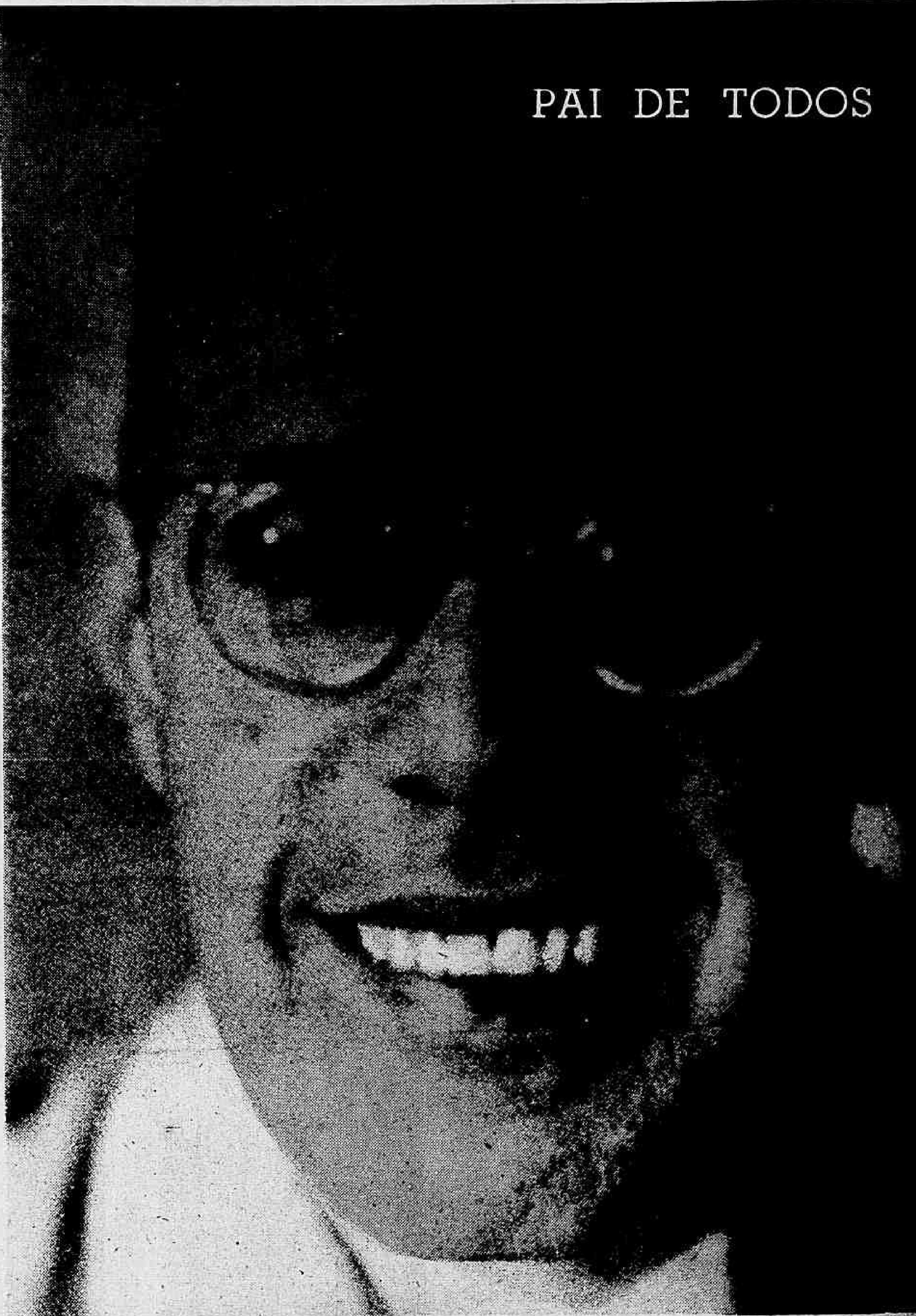


COM as caras daquele tempo: Álvaro Moreyra, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, Villa-Lobos

excepcionais em que se reuniam, naquele domingo de 1022, o escândalo só podia assumir proporções de atentado aos bons costumes e assim foi entendida, pelos conservadores, a histórica reunião do Teatro Municipal.

São Paulo era uma cidade pacata que ainda possuia andorinhas no beiral dos sobrados de dois e três andares que se erguiam no Triângulo (o centro comercial). Era uma cidade familiar e quieta, que reagiu contra o "desavergonhamento" da Semana. Os jornais da época e os senhores maiores de sessenta anos podem hoje depor sôbre o escândalo que produziu a concentração dos modernistas em 1922.

PAI DE TODOS



MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945), o líder do Movimento

FURABOLOS



OSWALD DE ANDRADE, agitado e agitador (em companhia de sua última espôsa)

Houve, no Teatro, xingação e revide. Ovos podres e batatas. Escarceu. Tudo o que de melhor podiam desejar os participantes da Semana, que venceu pelo escandâlo e se afirmou através da repercussão que o escândalo encontrou em todo o país.

A arte moderna havia avançado em terreno inimigo e conquistado suas posições. Faltava consolidá-las.

Um ativo grupo mineiro iniciou a ofensiva em Cataguazes, arregimentado na revista "Verde", abalando a solenidade das montanhas com suas irreverências. Êsse grupo contava com nomes como Carlos Drummond de Andrade, Francisco Martins de

INCONFIDENCIA MINEIRA









ALGUNS dos de Minas: Carlos Drummond de Andrade, Francisco Martins de Almeida, Aníbal Machado, Edmundo Lys

O MODERNISMO FARDADO


MANUEL BANDEIRA


PEREGRINO JÚNIOR


RIBEIRO COUTO

ROMANCISTA AO NORTE

JOSÉ AMÉRICO, um homem de letras na política

Almeida, Rosário Fusco, Edmundo Lys, Emílio Moura. Na capital do país, dois Q.G.G.G. estavam instalados, um na residência de Ronald de Carvalho (no Humaitá), outro na de Guilherme de Almeida (em Ipanema). Êsses "salões" conduziam a ofensiva dos intelectuais modernistas no Rio de Janeiro, onde se editava a revista trimensal "Estética".

TORNOU-SE histórica a sessão realizada na Academia Brasileira, no ano de 1924, durante a qual Graça Aranha, chefe reconhecido do modernismo, lançou seu grito de rebeldia num famoso discurso vivamente aparteado e atacado por Coelho Neto e outros "passadistas".

"A Academia se renova ou a Academia morre", foram as palavras de desafio atiradas a seus pares pelo autor de "Canaã". E saiu nos braços da gente moça, carregado em triunfo, deixando atrás de si, no recinto ao qual não voltaria mais, uma agitação nunca vista.

A Academia não morreu. Resistiu, mas se renovou. O fardão acadêmico que hoje vestem Manuel Bandeira, Minotti del Picchia, Ribeiro Couto e Peregrino Júnior mostra que não ficou sem éco o repto de Graça Aranha. E agora, trinta anos mais tarde, a Academia se prepara para comemorar, com a gala das recepções festivas e do traje a rigor, o aniversário da Semana de Arte Moderna, a que, uma geração atrás, havia fechado suas portas.

Já havia Franklin Távora observado, com propriedade, que "Norte e Sul são irmãos, mas não são dois". E falava particularmente sôbre literatura.

O movimento modernista do Norte teve outro aspecto, nada espalhafatoso, nem demolidor. Os nortistas, ao invés de arrazarem o passado buscaram sua valorização através duma nova atitude perante êle. O passado e a região foram elementos históricos aproveitados na vitalização das fontes de estudo e criação literária, dêles resultando a obra de um José Américo de Almeida, de um Gilberto Freyre, de um José Lins do Rego, de uma Raquel de Queiroz, de um Graciliano Ramos ou Amando Fontes.

Os dois modernismos procuraram sua síntese nesse longo processo de três décadas pelo qual tiveram que passar. E bem lembrou o escritor Valdemar Cavalcanti, em crônica recente, que a Semana de Arte Moderna não pode ser celebrada sem que também se recorde a importância do movimento literário surgido no Norte, com o aparecimento de "Bagaceira" (1928), romance regional de José Américo.

GILBERTO FREYRE



RAQUEL DE QUEIROZ

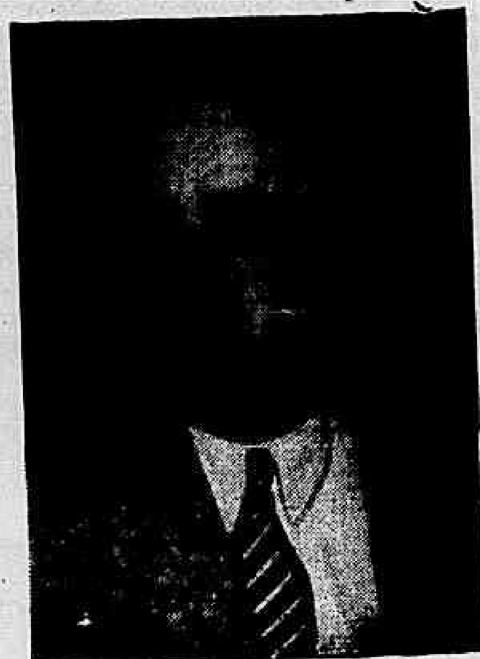


JOSÉ LINS DO RÊGO



SÃO OS DO NORTE QUE VÊM


JORGE AMADO


CÍCERO DIAS


JORGE DE LIMA

MANUEL POMBO

(Cont. da pág. 48)

Pombo, cujo apelido já o grangeara devido a sua bondade, a sua mansidão, não fazia queixa. A vaca de Euclides furava a cêrca, comia a sua roça, estragava tudo. Pombo fechava a cêrca. Porém Euclides, moço arruaceiro, que usava seu bom revólver e punhal de aço, não estava ligando aquêle mísero vivente.

Manuel Pombo, um dia, viu tôda a sua plantação comida pelos animais de Euclides. Indignado, começou a falar, e falou tão alto que Euclides ouviu e veio de chicote à mão. Pombo reclamou, mostrou que aquilo já se vinha dando há tempo, que êle não podia plantar. Pediu uma providência:

— Venda êsse espojeiro, respondeu Euclides.

— Quer um conto de réis por essa porcaria?

— Pois bem, tome cuidado. Se um animal meu sofrer alguma coisa.

Manuel Pombo baixou a cabeça e saiu. As lágrimas lhe encheram os olhos. A mãe e a irmã o receberam:

— Apela prá Deus, meu filho, disse a velha.

— Um dia o pobre há de ter razão, disse a irmã.

Manuel Pombo ainda se tornou mais triste dêsse dia em diante.

Dois meses se passaram.

Amanhecera uma sexta-feira. As roças de Pombo amanheceram completamente destruidas. Êle resolveu reclamar sèriamente ao seu vizinho Euclides. Sabia que não adiantava ir à cidade falar com o delegado ou com o juiz. Euclides tinha eleitor, era gente do govêrno e o seu pedido ficaria sem eco. Esperou o sábado. Ficou na roça esperando a passagem de Euclides para a feira. A mãe e a irmã estavam no terreiro, lá em cima, sentadas em toros de madeira sêca.

Euclides apontou. Montava um belo alazão, de clinas sôltas, e vinha esquipando, ladeira a baixo. Na altura do riacho, Manuel Pombo falou-lhe:

— "Seu" Euclides, isso não pode mais continuar. Venha ver o que fizeram os seus cavalos e vacas.

— Ora, "seu" Pombo, isso anda me cheirando mal. Já não lhe disse que me vendesse a sua terra. Que quer mais?

— Que quero, "seu" Euclides? Quero que os seus animais não entrem mais nas minhas plantações. Se entrarem eu os mato, fique certo. Não aguento mais o que tenho agüentado até hoje.

Euclides, que, de palitó aberto, deixava ver o revólver pendido de lado, estranhando a atitude de Manuel Pombo, tentou ameaçá-lo, como das outras vêzes. Pombo não estremeceu. Euclides saltou do cavalo e, sacando do punhal, investiu contra o adversário. Manuel Pombo gritou para a mãe:

— Minha mãe, traga daí a minha foice!

Num minuto, como a fôrça de um relâmpago, a foice velha, gasta, afiada como se fôsse uma navalha, estava nas mãos de Manuel Pombo. Euclides de um pulo, galgou o cavalo e procurou atirar o árdego animal em cima do pobre homem.

Manuel Pombo olhou a velha mãe que, trêmula, estava ao lado. E resoluto, tranqüilo, esperou o agressor. E quando o fogoso cavalo lhe vinha em cima, êle, certeiro, atirou a foice no congote de Euclides

E calmo ainda, sob os gritos da mãe assombrada, Pombo olhava uma cabeça humana que rolava na areia do caminho e um corpo ensangüentado derreando-se da sela.

Era o epílogo daquele triste drama.

NAS ASÂS DE CECÍLIA

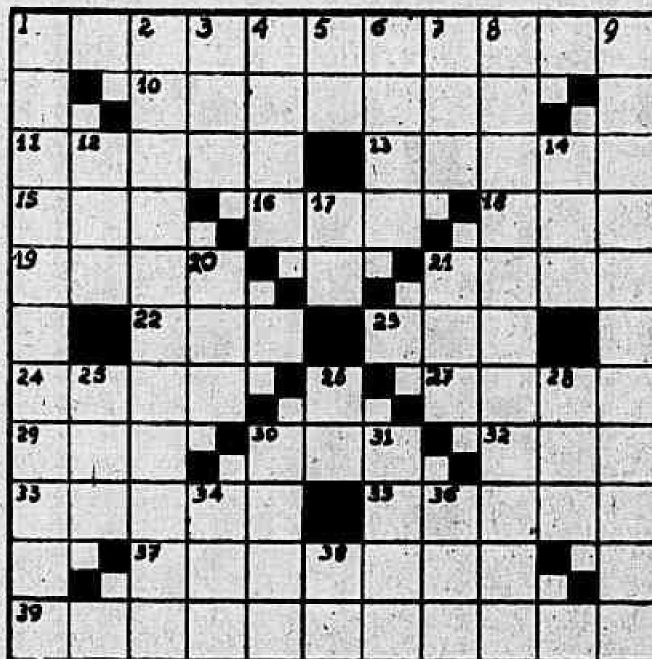
(Cont. da pág. 25)

que respiram, das suas maiores batalhas, está o drama máximo da Humanidade. (Quantos sêres, depois de dissecar a existência, se empenham, todavia, em deixar marcada a sua presença!) E isto, em Cecília, era gri-



PALAVRAS CRUZADAS

Problema Nº. 92 para Veteranos


Oliveira · Rio

HORIZONTAIS: — 1. Verga da vela grande (pl.) — 10. Período de repouso momentâneo, que se segue a outro de agitação — 11. Planta medicinal da família das Rubiáceas - 13. Na Amazônia barrigudo (pl.) — 15. Filho de Benjamin, neto de Jacó — 16. Preposição — 18. Pequena bigorna — 19. Médico dos deuses — 21. Foi enganado — 22. Dificuldades morais — 23. Nome que os japonêses dão à religião — 24. Vincular — 27. Sufixo verbal que designa aumento — 29. Prefixo que traz a idéia de reunião, ajuntamento — 30. Ilha da antiga Grécia, onde nasceram Hipócrates, Apeles e Políbio — 32. Fortaleza da antiga Messénia — 33. Intumescida de vaidade — 35. Coar — 37. Planta também chamada rabo-de-arara (pl.) — 39. Ave do Amazonas.

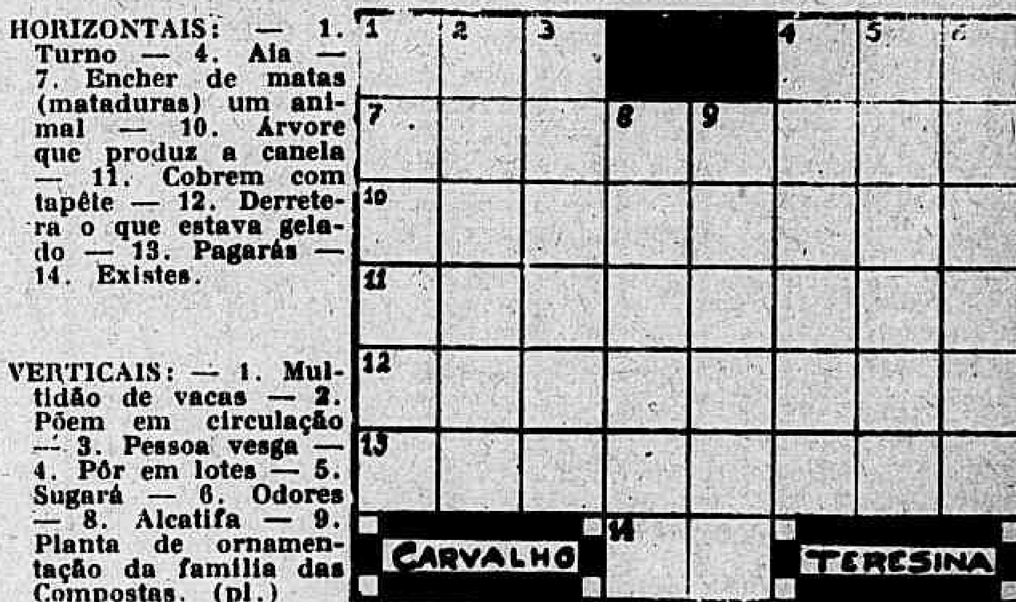
VERTICAIS: — 1. Espécie de peixe — 2. Adivinhação por meio de varinha mágica — 3. Rio da provincia de Catânia (Itália) — 4. Planta de fibras têxteis em Angola — 5. Símbolo do glucídio — 6. Arbusto trepador — 7. Interjeição para animar — 8. Arrogante — 9. Segredaria — 12. Origem do mundo material na religião persa — 14. Interjeição de espanto — 17. 3ª letra do alfabeto árabe — 20. Espécie de flauta usada pelos tziganos rumenos — 21. Passa furtivamente — 25. Povo do reino de Banduku, no sul do Sudão francês — 26. Coisa sem valor — 28. Constelação austral — 30. Coincidir — 31. Entidade fantástica — 34. Técnico norte-americano aperfeiçoador de máquinas impressoras — 36. Brancas — 38. Feminino do sufixo ão.

★

Problema Nº. 92 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Turno — 4. Aia — 7. Encher de matas (mataduras) um animal — 10. Árvore que produz a canela — 11. Cobrem com tapête — 12. Derretera o que estava gelado — 13. Pagarás — 14. Existes.

VERTICAIS: — 1. Multidão de vacas — 2. Põem em circulação — 3. Pessoa vesga — 4. Pôr em lotes — 5. Sugará — 6. Odores — 8. Alcatifa — 9. Planta de ornamentação da família das Compostas. (pl.)



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 91

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Aranham — Tré — Bec — Ara — Uso — Dor — Mará — Core — Enigmáticos — Na — Aa — Is — As — Drapetómano — Oise — Acha — Aam — Rei — Aar — Mel — Ces — Sacolas.

VERTICAIS: — Arari — Re — Nassa — Ab — Medoc — Tranariam — Coroanhas — Amêndoa — Ressoar — Ágape — Cisma — Mãe — Tio — Asmes — Trepo — Acaés — Lá — Cá.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amador — Fé — Oral — Lá — Arar — Ebós — Mola — Orna — As — Deus — Ai! — Palmas.

VERTICAIS: — Afamar — Morada — Ar — Dá — Oleosa — Casais — Eros — Lona — Al — Br — El — Um.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

A VERDADE COMO BASE DA VIDA ESPIRITUAL

COMUNICAÇÃO DOUTRINARIA DADA EM SESSÃO PÚBLICA DO CENTRO ESPÍRITA REDENTOR, NO DIA 30 DE JANEIRO DE 1952

A verdade faz éco no espirito humano; mas nem todos procuram compreender a finalidade dos nossos ensinamentos, acostumados que estão a ouvir algo que satisfaça a sua curiosidade, algo que lhes agrade, desprezando os belos ensinamentos do Racionalismo Cristão, para acaitarem coisas que estão fora dos bons principios e que só servem para perturbar-lhes os espiritos. Não queremos dizer àqueles que nos ouvem que só são verdadeiros os que vêm ao Redentor. Isso não dizemos. Aquêles que receberam educação esteiada nos bons principios e maneiras de bem viver, êsses já estão dentro da disciplina racionalista cristã. Fazemos sentir, sim, àqueles que nos ouvem que o que se pratica e se ensina no Redentor e seus Filiados, é uma doutrina espiritual esteiada na Verdade. Porém, quase tôda a humanidade ignora o que seja aquela Verdade esplanada por Cristo, e que faz parte da vida espiritual. Não querendo criar embaraços para o raciciocinio de muitos, vamos dizendo àqueles que aqui nos ouvem, que se espiritualizem, que estudem para se livrarem do mal, para evitarem cometer erros, pois, não os cometendo, estarão sob as irradiações do Astral Superior, e não mais se deixarão iludir com promessas e divindades, que só têm servido para perturbar os espiritos de vontade fraca. Um espirito de vontade forte não pode aceitar aquilo que não lhe dite a razão e não esteja dentro do bom-senso. Conseqüentemente, o raciocinio deve estar sempre alerta, porque há muitas maneiras e modos com que se iludem os incautos. Muitos são aquêles que se servem dos meios ilicitos para enganar, para ludibriar as criaturas que se deixam levar por palavras artificiosas, por palavras sem nexo, enfim, sem nenhum sentido espiritualista. Nós, quando esplanamos os nossos principios, procuramos livrar os espiritos da ignorância, dando-lhes fôrças para despertarem a sua sensibilidade, não a doentia, mas a forte, a corajosa, com a qual possam enfrentar tôdas as vicissitudes da vida.

Há sofrimentos que fazem com que as criaturas sensiveis fiquem torturadas e se sintam muitas vêzes perturbadas ou avassaladas. Queremos que todos estejam esclarecidos e fortes para se defenderem dos obsessores.

A mulher, por exemplo, deve ser digna do seu lar, livrando-o dos sofrimentos originados pelo desequilibrio moral e que fazem o desmoronamento de uma familia.

Esclareçam-se, pois. O livro "Racionalismo Cristão" ensina a todos como se devem conduzir, para livrarem-se dos males que atormentam àqueles que ignoram a vida espiritual. O Racionalismo Cristão não admite embustes e requer, muitas vêzes, renúncia e sacrificios. Os que estão mal acostumados, que têm vida fácil, comodidades demasiadas, não querem saber de sacrificios e renúncias.

A vida espiritual bem vivida, obriga a criatura a ter horas para tudo: para trabalhar e recreiar entre amigos sinceros, leais, honestos, divertindo-se, mas sempre racionalmente. Eis o que é preciso ensinar a todos aquêles que vêm às nossas Casas. Renunciai, portanto, a tudo aquilo que é nocivo e que faz mal, a tudo o que é prejudicial, pois êsse é o dever de todos. Para que ser mau? Para que mal proceder? Para que errar propositalmente, se tudo isso são coisas que produzem grandes sofrimentos para o espirito e o desmoronamento moral que, se não ocorrer hoje ocorrerá certamente amanhã! Tudo o que é falso ou balofo te mque ruir. Eis porque ensinamos constantemente a maneira superior de viver, esclarecendo e aconselhando a que estudem, economizem, pois a vida é bela e fácil de ser vivida, quando há equilibrio, quando está saneado o pensamento, para que o Astral inferior não encontre apoio. O esclarecido, em tôda a parte, aproveita os bons momentos para esclarecer os que precisam de luz e orientação, mas sem infringir os preceitos disciplinares da nossa Doutrina.

Quem assim procede, torna-se um instrumento das Fôrças Superiores trabalha para o progresso do seu próprio espirito. Não tenhais ilusões: aprendei a viver, colocando a Verdade acima de tudo, pois só assim sereis felizes.

LUIZ DE MATTOS

NAS ASAS DE CECILIA

(Cont. da pág. 25)

to de agonia — ou uma atitude de terrivel e trágica servidão, por ser praticada à custa da maior tenacidade, no seio da luz.

(Fôlhas sêcas, debruadas de prata... Fôlhas de oiro. Fôlhas caindo em revoadas. E muitas raparigas, aqui e além, ocupando lugares certos em quadros familiares. Elas têm os olhos garços, húmidos e brilhantes. As fôlhas caem-lhe à roda. Assim, surgem numa atmosfera estampada pela morte. Pode acontecer que alguma das jovens use o cabelo comprido — e também um vestido de linho fresco. Os braços dessa serão nevados, de pele fininha. (Eis que se destacou uma silhueta feminina). Mas voltando ao conjunto — elas não se confundem com as fôlhas; todavia, recebem o lampejo do seu oiro e da sua prata. Andam, igualmente, sôltas pela vida. E esperam, ansiosas, compondo sonhos que fecundam no cofre precioso da maternidade. Pode ser que a juvenil mulher do sedoso cabelo, erguendo uma pluma branca queira traçar frases diamantinas. No pulso frágil tem um relógio em cujo mostrador, implacáveis, rodam os ponteiros. Passa o tempo... Há fôlhas que possuem uma penugem argênea. Estampam-se na atmosfera que as moças respiram e, enquanto os botânicos as estudam, elas sentem as fôlhas no coração. Afinal a sua essência compõe-nas igualmente. Por isso como elas virão a tombar, apagando-se a oiro e a prata das suas cabeças no tom das fôlhas sôltas — morrendo nêle, com suspiros murmurantes, o brilho de tantos olhos garços).

"Se eu não morresse nunca! E [eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição [das cousas!"

Depois do desgôsto sofrido, Cecilia não quisera desanimar à recordação de uma ternura desfeita; procuraria, antes, manter-se animosa. Mas ela nascera para ser acarinhada com punhos de renda — e ficava horrizada com os laivos de sangue que descobria na vida. Talvez não possuisse um quilate cerebral que sancionasse a elástica sensibilidade do seu ser. Esta, porém fôsse como fôsse, compunha-a. E Cecilia precisava de uma companhia que a agasalhasse, porque era um corpo de carne constantemente vergastado pelo meio em que subsistia. Muitas vêzes se assustara com a altura dos seus desejos que só a levavam a nuvens que quimera. Após isso, a revelação enlameada que procurava àvidamente, tornava-lhe cáustico o próprio ar. Tendo-se dado a separação, Cecilia gastou meses procurando vencer-se, numa caminhada de saudade, percorrendo a bruma que só lhe oferecia braços gelados. Na sua pele corriam arrepios. O tempo era agreste e a alma da mulher mergulhava em dor. Até que por fim, depois de andar muito, tinha parado junto da estátua e à sombra das tilias para retomar tôda uma norma de conduta que deixara em suspenso. Sôbre as ruas e pelos blocos da pedra, sôbre a real dureza das lápides indestrutiveis, sôbre as construções que ameaçavam esmagá-la — corria uma suavidade leitosa que lhe sdava brandura. Notando-a, a jovem sentiu uma fôrça de meiguice que lhe deu paz e contentamento porque, não fugindo ao plano da verdade que palpitava em si, protegia a atmosfera mais formosa do seu coração. Não! Cecilia não ia desfalecer mais! Ela descansava na compensação moral de uma conduta sinceramente impecável. Por isso, erguendo a cabecinha inquieta, a jovem decidiu lutar e seguir, levada por um vigor orgulhoso, afastando qualquer sentimento de derrota, sem se deixar dominar por idéias bruscas de paragem e fim que afastou resoluta. Cecilia seguiria em frescura e fremente de vida — pois a vida corria-lhe nas veias moças a uma cadência que sentiu no pulsar das artérias e no rubor das faces. Senhora de si devido à realidade que lhe dava o ser, esmagando a dor entregou o coração à vida, já que a vida era um embater constante. Procurou acomodar-se, assim, no molde escolhido, sentindo cantar o sangue numa arrogância que por completo a tomou, endireitando-lhe o corpo em gargalhada turgidez. Naquele momento, embriagada de sol, só a vida poderia cimentar a firmeza da sua fronte tão linda... A vida, essa vida que a formava, impunha-se reclamando todos os seus direitos. Sôbre tal base de salvação Cecilia começou a tecer um painel do futuro.

Mas nisto os seus olhos bonitos quedaram-se estáticos para uma pobre a delicada avezinha que, cruelmente, no meio de um vôo lhe caiu morta aos pés...

UMA RAINHA...

(Cont. da pág. 15)

dres, além da opinião pública inglêsa, muito se preocupavam com a atitude exageradamente feminina de Elizabeth, que por três vêzes interrompeu o estágio de seu marido em Malta, que nessa base naval servia como oficial de marinha, buscando seus carinhos de marido.

No capitulo amoroso, aliás, não é Elizabeth que leva a palma, na geração a que pertence. Sua irmã, a princêsa Margaret figurou nos comentários da imprensa mundial devido a certas liberdades que toma, em choque com a rigidez do protocolo real na Inglaterra. Chegou mesmo a ser fotografada, numa praia italiana, vestindo um "maillot" de um rapaz extremamente escassas, na companhia de um rapaz não identificado, com o qual parecia se divertir longe das vistas do puritanismo britânico.

ELIZABETH nasceu a 21 de abril de 1926, devendo assim completar muito pròximamente os vinte e seis anos, e é a filha mais velha do finado Rei, simples Duque de Kent naquele ano, e de sua espôsa, a atual Rainha-Mãe.

Fêz normalmente seus estudos, acompanhada de perto por sua irmã Margaret, quatro anos mais moça, assistida por preceptores e mestres para êsse fim contratados. Sua infância transcorreu dentro da normalidade da vida reservada aos membros da familia real, despida de qualquer incidente de especial interêsse.

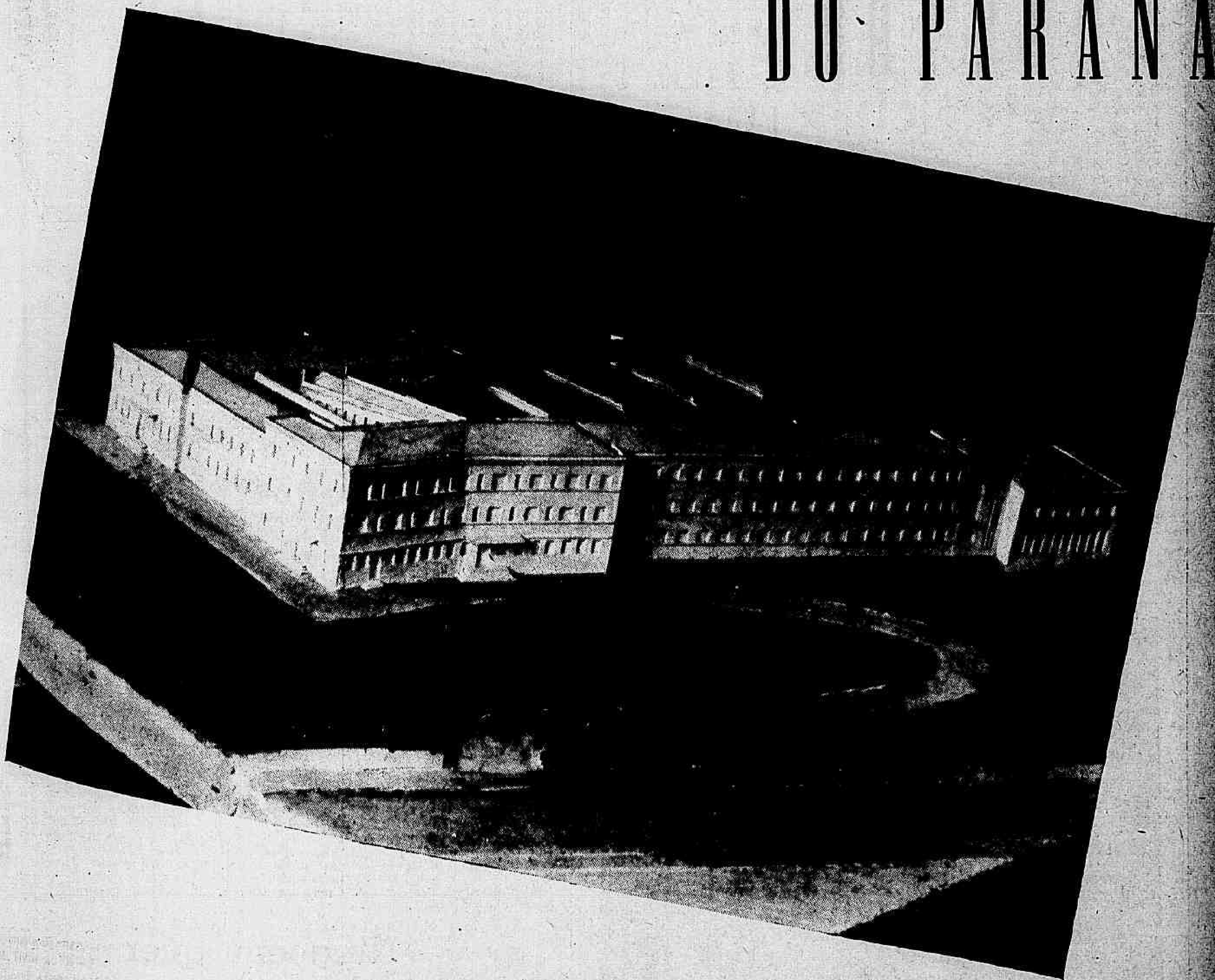
Ao rebentar a guerra contava 13 anos. Nos últimos anos do conflito serviu como motorista de ambulância, numa secção dos serviços especiais femininos então organizados, dando a participação, mais simbólica do que real, exigida pela tradição inglêsa dos seus principes de sangue.

Em 1948, em meio as cerimônias de rara imponência, recebeu por marido Filipe de Edimburgo, hoje principe-consorte, depois de sua elevação ao trono.

Ao ascender à condição de Rainha, Elizabeth encontra uma tradição excepcionalmente favorável ao seu reinado, pois os govêrnos da primeira Elizabeth e da Rainha Vitória deram aos inglêses a convicção de que muito podem esperar de uma mulher no trono.

E o resto está nas mãos da atual Rainha. E nas mãos de Deus.

O PROGRESSO VERTIGINOSO DO PARANÁ



O progresso do Paraná excede a tôdas as previsões. Quem o visita se surpreende ante o vulto espantoso de sua indústria e do seu comércio. Na zona norte são os cereais e o café, cujas safras somadas andam pelos 10 milhões de sacas. No sul é o trigo, a batata e a erva mate, cuja produção cresce desmesuradamente de ano a ano e no centro a madeira, que ainda constitui o produto de maior exportação. Tôda essa produção é escoada na sua maioria pelo pôrto de Paranaguá, através das linhas da Rêde de Viação Paraná — Santa Catarina, que para acompanhar a evolução do Estado está construindo variantes, substituindo trilhos, eletrificando o trecho da Serra do Mar, adquirindo locomotivas, carros e vagões, melhorando seus serviços de telecomunicações, selecionando e aperfeiçoando o seu pessoal.

Assim é que, em Curitiba, será brevemente inaugurado um grande hospital central e prosseguem no interior as obras de assistência social iniciadas na gestão do Sr. Cel. José Machado Lopes, entrando em funcionamento ainda êste ano a terceira escola profissional, na cidade de Mafra.

TUDO ISTO



O ARDIL DO DETECTIVE

ISTO se passou em Clevelândia, Estados Unidos. Um certo malandro, de nome Frank Davis, raptou o filho de dez anos do casal Potts, e mandara dizer que só entregaria a criança se os pais entregassem 50 mil dólares. O local do resgate seria em casa dos Potts. Êstes avisaram à polícia, e o detective Bernard Conley se fantasiou de Mrs. Potts, encheu a bôlsa de papéis velhos e esperou o «kidnaper». Êste não se fêz esperar, mas, ao invés de receber os cinquenta mil pacotes, ao entregar o garôto, foi surpreendido com as algemas do policial, que o levou calmamente à cadeia. Que azar!

A TOUREIRA FOI VENCIDA



ISTO se passou em Lisboa. Conchita Cintron Verril, famosa toureira peruana, conhecera o português Francisco Dacâmara-Decastelo Branco, quando ainda eram ambos muito crianças. Conchita, que se dedicara à difícil arte de tourear, aos 29 anos de idade já matara nada menos de oitocentos touros, e já estava ganhando fortunas por ano. Por três vêzes foi atingida pelas guampas dos touros enfurecidos; mas, restabelecida, voltava à arena disposta a cumprir sua promessa para com o povo. Um dia ela encontrou-se com êle e e os dois se casaram em Lisboa. E deixou os touros.

De boiadeiro a ladrão



A profissão de "boiadeiro" é, no nordeste do país, muito considerada. Não se trata de simples tocador de gado pelas estradas do sertão. O boiadeiro pròpriamente dito, o profissional que assume a responsabilidade de conduzir boiadas, é aquêle que, além da técnica necessária para evitar extravios de reses, deve saber "aboiar". O abôio é o canto de guia do boiadeiro, longo e dolente chamado com altos e baixos, que vai do grave ao agudo. Euclides da Cunha se ocupou do "aboiado", e muitos outros escritores têm escrito páginas sôbre o boiadeiro. Nos Estados do Sul e do Centro do Brasil, êsse cântico das caatingas não é usado. No próprio nordeste já se vai perdendo a tradição. E é pena. Mas, a que vem tudo isso? Vem a propósito da sorte madrasta de um pobre boiadeiro de Minas, Paulo Nogueira, natural de Conselheiro Pena. Não podendo mais viver na sua terra, por falta de trabalho, pensou mudar-se para o Rio. Aqui, na certa, não encontraria boiadas para tanger, pois nem mesmo carne dos ditos tem a população para comprar a preço acessível. Mas tentaria outras coisas. O Rio é uma cidade enorme, com uma população espantosa para os que vêm do sertão. Ia meter os peitos. Mas, já se passavam três meses e o pobre boiadeiro não conseguia nada. Já estava cansado de passar fome. Sem ter lugar certo onde dormir e alimentar-se; sem emprêgo, sem rendas nem parentes ricos que o amparassem, Paulo Nogueira teve uma idéia diabólica: iria roubar. Começaria por Bonsucesso. Pelo nome teria êxito. Mas tudo lhe saiu às avessas: surpreendido quando assaltava uma casa, foi atacado a tiros e acuado por um cão. E o pobre boiadeiro de Minas está na cadeia, lamentando a troca de profissão...

Atentado na ONU



O palácio de Chaillot, em pleno coração de Paris, atraiu as atenções do mundo inteiro durante o seu recente funcionamento como sede da Organização das Nações Unidas. Sessenta nações afluíram às suas vastas e respeitáveis salas e um exército de investigadores e policiais mantinha vigilância constante em todos os seus departamentos. No choque político-social entre o Oriente e o Ocidente, era preciso estar de ôlho aberto, sempre atento a qualquer suspeita. Mas tôdas as sessões decorreram em paz. As galerias sempre repletas, notando-se, quase sempre, preponderância de mulheres, às vêzes era contagiada pelo calor dos debates e aplaudia a essa ou aquela corrente. Mas a ordem não era perturbada. A Assembléia das Nações Unidas dava o mais belo exemplo de democracia e civilidade. No último dia, porém, quando falava ao imenso auditório o embaixador soviético, Pavlov, sôbre os "Direitos do Homem", grande explosão abalou a sala das sessões. Todos os delegados se levantaram, acreditando tratar-se de um atentado. Houve princípio de reboliço; mas a polícia não demonstrou haver tentativa de crime.. Quem teria quebrado a tranqüilidade do ambiente? Quem teria jogado uma bomba na sede da ONU? Mas tudo não passou do susto. O estrondo fôra motivado pela explosão do aparelho elétrico da televisão que estava captando a sessão. Talvez que alguns noticiaristas apressados tenham transmitido para o exterior notícias alarmantes. Mas tudo voltou à ordem anterior, o diplomata russo prosseguiu em sua exposição e os demais se sentaram respirando desafogadamente: "A sede da ONU é um recinto sagrado, contra o qual ninguém atentará".

Ninguem quer ser Juiz



NOTICIAM os jornais do Rio, através de telegramas vindos de Maceió, que é reduzido o número de candidatos que se inscreveram para concurso de juiz de primeira entrância em Alagoas. Há (ou havia) quatro vagas naquele Estado. Muito advogado se mostrava desejoso de ser juiz de direito em terras alagoanas; mas, depois que ficavam a par dos vencimentos, perdiam o apetite... Sabe o leitor quanto ganha um juiz de direito em Alagoas? Cr$ 4.100,00 mensais. Afora os honorários, recebe ainda umas lambujas representadas em serviço eleitoral, casamentos e custas. Fixo, no duro, apenas 4 contos e cem mil réis, na nomenclatura antiga. Um juiz de direito é quase sempre, um cidadão casado, com família, mantendo elevado nível social e cultural. Precisa de livros de sua especialidade, e, sòmente nisso, poderá dispender todo o seu salário mensal. Tem que assinar jornais, revistas, especialmente as de Direito; precisa apresentar-se com decência e correção na sociedade em que viver; sua casa tem que ser bem arrumada, a fim de não dar a impressão de que é um cidadão na mais séria "pindaíba". Por êsse motivo as vagas de Alagoas não atraíram muitos candidatos. Os bacharéis que vivem da profissão preferem continuar na atividade forense, onde têm possibilidades muito mais vastas, a limitar-se à função de Juiz, mandado servir aí nesses cafundós de Judas, sujeitando-se, por vêzes, ao império de certos chefes políticos desabusados que pensam poder colocar sua influência cabocla acima da majestade do Direito e do império da lei. Quem quer ser Juiz de Direito de primeira entrância em Alagoas? Está na horinha!

ACONTECEU

Só os solteiros



O comando geral da Policia Militar de Minas Gerais acaba de tomar uma medida enérgica, a fim de coibir os excessos de liberdade de que estavam lançando mão certos soldados daquela corporação militar. Por várias vêzes soldados da policia militar da capital mineira provocavam desordens, sendo os deploráveis fatos comentados pela imprensa. As arruaças já eram motivo de queixas e preocupações das autoridades do Estado, que estudavam uma fórmula capaz de contornar as dificuldades. O comando geral, depois de abalizar os fatos deprimentes registrados com incrivel freqüência, acabou por verificar que tudo era feito por soldados solteiros. Diante disso, determinou o comando geral, de acôrdo com o Estado-Maior, que, para bem geral e tranqüilidade pública, todos os soldados solteiros se recolham até às vinte horas, aos seus respectivos quartéis. A conclusão a que chegaram as altas patentes da Policia Militar de Minas Gerais, é a de que os casados não cometem dessas diabruras. São homens já de certa idade, moderados e de bom procedimento. Os solteiros, não! Metem-se por essas bibocas de Carlos Prates ou de Santa Efigênia, sem falar nas zonas perigosas perto da Central do Brasil, e ali se assanham e perturbam o sossêgo público. E a ordem foi expedida sem exceção: soldado solteiro não poderá estar na rua além das vinte horas. Aí está uma prova de que o casamento é um freio para o homem. Mas não pense o Estado Maior da Policia Militar de Minas, que os casadinhos sejam mais bem comportados por causa da disciplina militar. Nada! E' com mêdo das patroas e de seus cabos de vassoura atrás da porta da rua...

Carne de gente



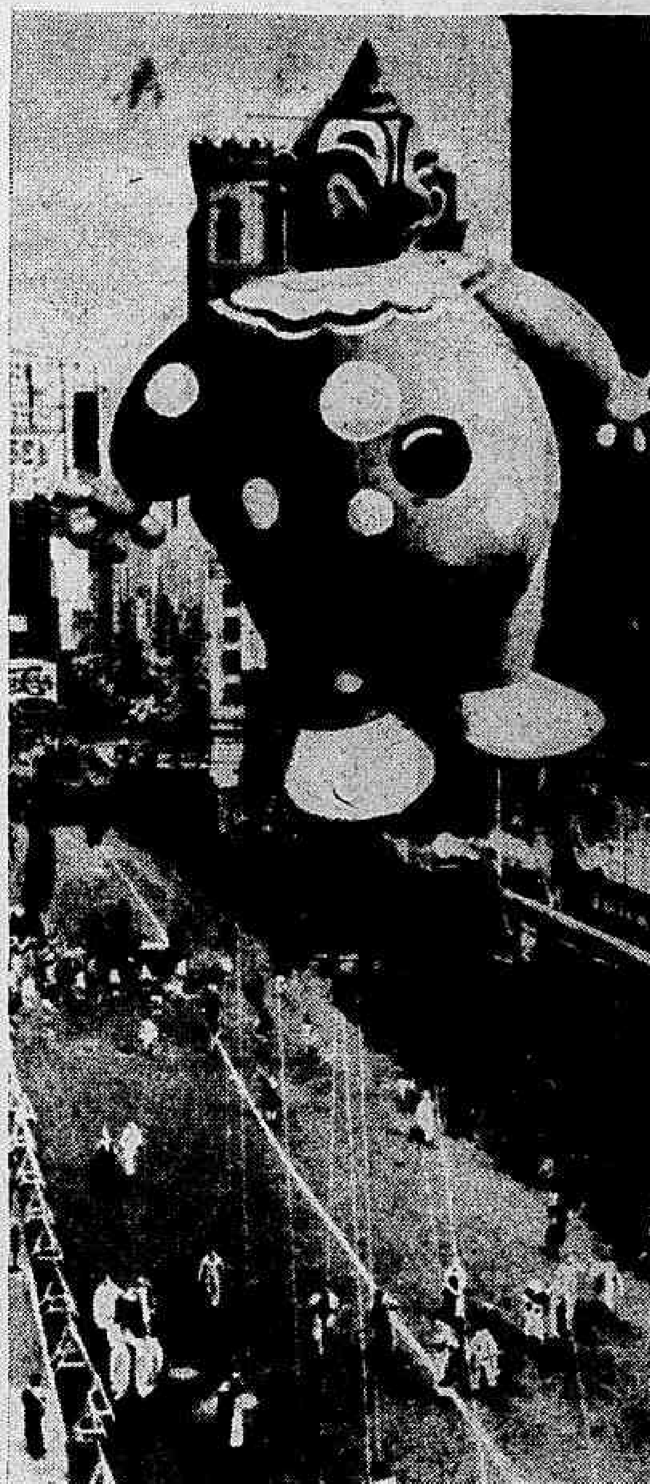
ACONTECEU em Casablanca, lá na Africa. Quando um operário marroquino almoçava calmamente em companhia de outros trabalhadores, num dos restaurantes da cidade, fêz assim uma cara feia, mais feia do que a que êle já possuia. Olhou para o prato e releu o menu. Lá estava: "Ragu de vitela". Era o que estava a comer? Que carne esquisita! Chamou a atenção dos demais companheiros, que também experimentaram o guisado. Aquilo não podia ser carne de vitela, nem de vaca, nem de bicho de quatro pés. A carne era de gente! Deram o alarma. O caso foi entregue à policia para, com o competente rigoroso inquérito, desvendar o mistério. Os pedacinhos de carne foram examinados pelos médicos legistas e o exame deu positivo: carne humana! De onde proveio? O dono do estabelecimento foi chamado a depor. Nenhuma culpa lhe cabia, — declarou assustado — pois recebia carnes lá do seu fornecedor. Sòmente êsse poderia dar alguma explicação ao fato. As autoridades não quiseram saber de mais conversa e puseram na cadeia até segunda ordem. Enquanto o taverneiro ficava de sentinela à vista, foram interrogar o marchante. Submetido a perguntas bem dirigidas, o açougueiro repetiu que nada sabia sôbre o estranho acontecido. Êle vendia carne em seu açougue, mas de vaca, boi ou vitela, tudo retalhado por êle, não lhe constando que, entre os quartos ali dependurados, houvesse algum de qualquer defunto mais ou menos intrometido. E agora? A policia, as autoridades e o povo de Casablanca estão perplexos diante do misterioso achado. Mas tudo isso não será uma nova edição daquele "dedo" humano que apareceu numa linguiça aqui no Rio, faz pouco tempo? E o rigoroso inquérito continua em Casablanca.

A greve



ESTA greve é diferente das outras. Não há agitação nas ruas nem nos sindicatos. E' a greve BRANCA contra a carne VERDE, deixando os açougueiros AMARELOS. Amarelos de mêdo. De quê? Mêdo de perder seus estóques. E telefonam aos fornecedores: "Suspendam as remessas de carne!" Ou então: "Mandem a têrça parte do que costumam remeter!" E' que as donas de casa fizeram fincapé e a carne está apodrecendo nos "talhos" do Rio. Então se deu êste outro aspecto da questão inédita nesta cidade: o frigorifico Swift retalhou algumas toneladas de carne verde e acondicionou tudo em pacotes para venda diretamente ao público em carros próprios. Sòmente para Copacabana a firma citada despachou cêrca de uma tonelada para ser vendido o quilo de alcatra, filé com aba e patinho a Cr$ 19,00, preço que vigorava antes dêsse clamor que estêve a agitar todo o mundo nas asas da ascenção desenfreada e absurda. Mas, em Copacabana continuam a vender alcatra a Cr$ 24,00 o quilo. A COFAB, substituta da CCP, está com a faca e o queijo na mão: dispõe de fôrça e recursos para dirigir o abastecimento combatendo a ganância de muita gente que quer enriquecer da noite para o dia, ou acumular, ainda mais, os milhões nos Bancos. Nos últimos dias aquêle órgão do Govêrno vem abatendo uma média de 400 bois, cuja carne é vendida aos açougues ao preço de Cr$ 10,00. Diante disso os frigorificos resolveram baixar também os seus preços para onze cruzeiros, aproximando-se da tabela da COFAB. E a greve das donas de casa continua: ninguém adquirirá carne enquanto estiver com os elevados preços com que os açougueiros assustaram o povo.

NO DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS



TODOS os anos, por ocasião das celebrações do «Thanksgiving Day», ou seja o nosso «Dia de Dar Graças a Deus», recentemente instituído no Brasil, os norte-americanos têm as atenções voltadas para préstitos de sabor carnavalesco. Êste ano o famoso magazin «Macy's» de Nova York lançou à rua êste gigantesco palhaço, que percorreu a Broadway, seguido por um cortejo verdadeiramente admirável. Essa data é uma das mais populares dos Estados Unidos, e foi criada em 1623, em agradecimento a Deus pelas boas colheitas de todos os anos. Misto de religiosidade e bom carnaval.

ESTRÊLA ITALIANA EM PARIS



EMMA Gramática, famosa artista do teatro italiano estêve em Paris, onde conquistou as platéias, a imprensa e o público. Aqui a vemos entre Armando Salacrou (à esquerda) e o embaixador italiano Quaroni. Durante a temporada teatral ela interpretou obras de Pirandello, de D'Annunzio, Maugham e de Barrie. A critica francesa foi unânime em considerá-la verdadeiro prodigio de talento artistico. O sucesso da veterana artista foi um dos maiores de sua vida à luz das gambiarras, o que a encheu de contentamento e deu à sua grande pátria mais uma página de glórias merecidas.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

23 — FEVEREIRO — 1902

ATRAÇÃO E REPULSÃO

Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse ou não falasse:
E como a ti te amei, que alguém te amasse,
Cousa incrível até me parecia!

Uma estrêla mais lúcida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé cuidando me encontrasse
Após tanta amargura uma alegria.

Mas tão cedo extinguisse êsse risonho,
Êsse encantado e deleitoso engano,
Que o bem que achar supus já não suponho

Vejo, enfim, que és um peito desumano!
— Se fui té junto a ti de sonho a sonho,
Voltei de desengano em desengano!

ADELINO FONTOURA

POR ÊSSE MUNDO

SEGUNDO diz **Le Journal**, os cafés brasileiros pagam em França de direitos de entrada, 156 francos por cem quilos. Na Itália, 130; na Espanha 105; em Portugal e na Áustria, 100; na Rússia, 95; na Alemanha, 59; na Noruega, 41; na Inglaterra, 34; na Dinamarca, 33; na Suécia, 16; na Bélgica, 10; e na Suíça, 3. Na Holanda não pagam nada.

★

NO dia de seus anos, Eduardo VII mandou aos recolhidos do hospital de Chelsea um **plum-pudding** monstro, em cuja confecção se gastaram duas sacas de farinha de trigo, novecentos ovos e tudo o mais em proporção.

★

DIZ o **Echo de Paris** que a justiça na Inglaterra custa apenas 15.557.275 francos. O ordenado dos juízes soma sòmente 3.826.625 francos.

★

ACABA de ser instalada uma linha telefônica entre Londres e Bruxelas, pondo em comunicação direta, além daquelas duas cidades, as de Liége, Anvers, Liverpool, Manchester e Birmingham. Mede a linha 463 quilômetros, sendo 105 submarinos.

★

A primeira linha terrestre da telegrafia sem-fio, destinada a um serviço público regular, já está em construção nos Estados Unidos, ligando Washington e Baltimore e daí às mais importantes cidades da república americana.

★

O total da energia utilizada em França, por meio de máquinas a vapor ao serviço das diversas indústrias, é de 700.000 cavalos. A Inglaterra e os Estados Unidos utilizam dois milhões e a Alemanha um milhão e meio. Nestas cifras não estão incluídos os caminhos de ferro, tramways e embarcações.

★

O exército alemão, no ano corrente, compreenderá um efetivo de 24.292 oficiais, 80.000 inferiores e 495.000 praças de pret. O número de cavalos eleva-se a 50.543.

Felp.

OS TEATROS

NO Lucinda subiu à cena, têrça-feira última, pela troupe Cinira Polônio, a comédia-vaudeville em três atos, de Hannequin, tradução de Adolfo Faria, **A Mulher do Comissário**.

Sem ser uma peça de muita resistência, não deixa contudo de agradar; dos três atos destaca-se o segundo, em que há cenas muito interessantes, e parte do terceiro, que também convém salientar. O resto da peça, embora tendo passagens e episódios bem traçados e dispondo de certa graça, não desperta muita atenção.

A **misç-en-scéne** é muito boa, assim como a tradução que é bem feita; o desempenho igual, destacando-se Matos e Peixoto, que compuseram excelentes tipos, agradando-nos também sobremodo Cinira Polônio, no papel de mulher do comissário, e Rosa Villiot.

Com o **Quase!**... fêz sua festa artística, na última quinta-feira, o ator Matos.

Foi mais uma vez adiada a **première** do **Quo Vadis**, cujo desempenho ainda se ressente de alguns defeitos, que o ativo empresário Dias Braga pretende expurgar.

E' preferível esperar...

Suspendeu temporàriamente seus espetáculos o Jardim-Concêrto Guarda Velha, que vai passar por importantes reformas.

O Cassino Nacional, a tão apreciada casa de diversões, continua variando os seus artistas, com o que consegue constantes sucessos.

Também o Parque Fluminense, a Maison Moderne e o High Life, dando sempre excelentes espetáculos de variedades, conseguem boa concorrência.

P. V.

★

Num exame de agricultura:

— Qual é a ocasião mais própria de colhêr melões?

— Quando o dono da chácara está na rua e o cão entretido a comer.



A moda de meio século atrás aparece nos modelos desta página interna da REVISTA.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 8 ★ 23-2-52

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

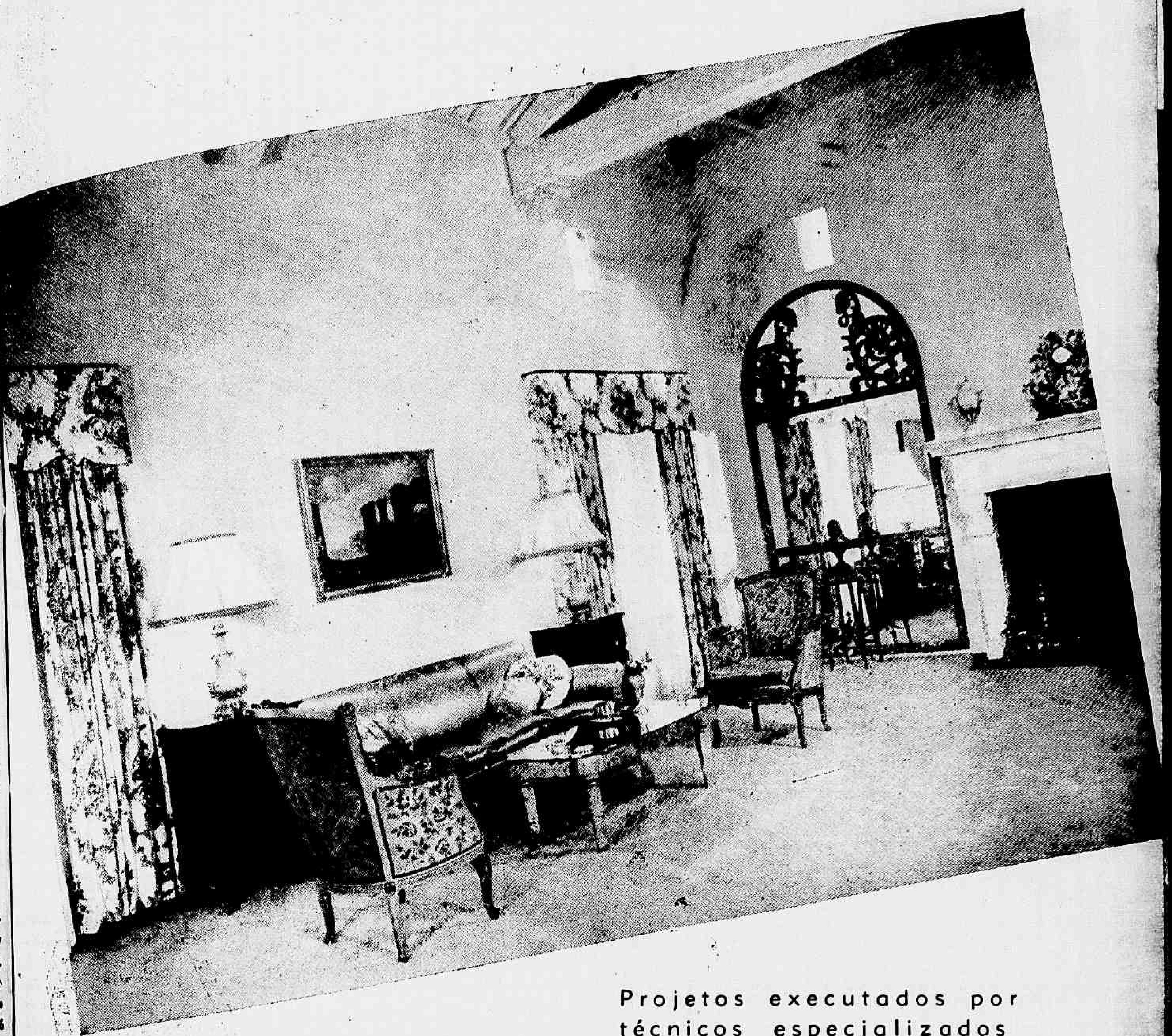
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8578 ★ Portaria 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-[illegible]

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

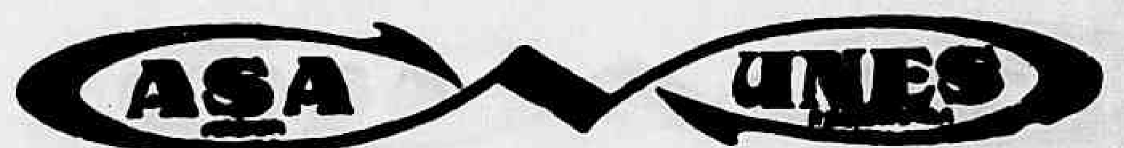
TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

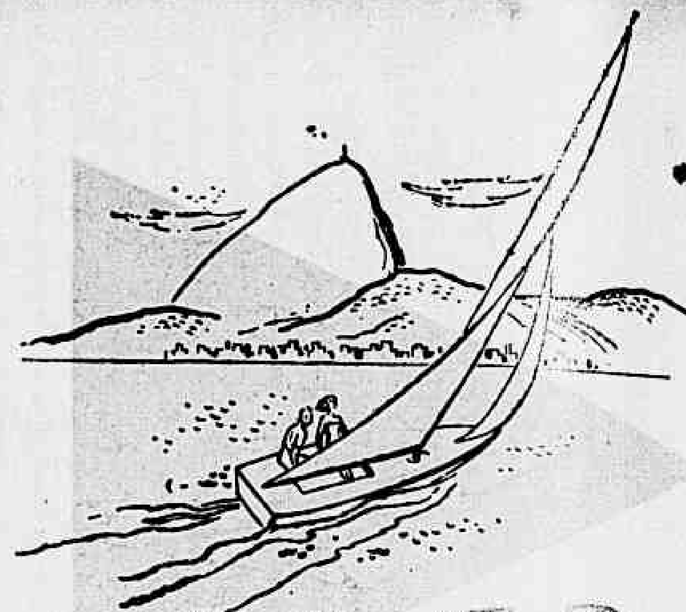


GRUPOS ESTOFADOS

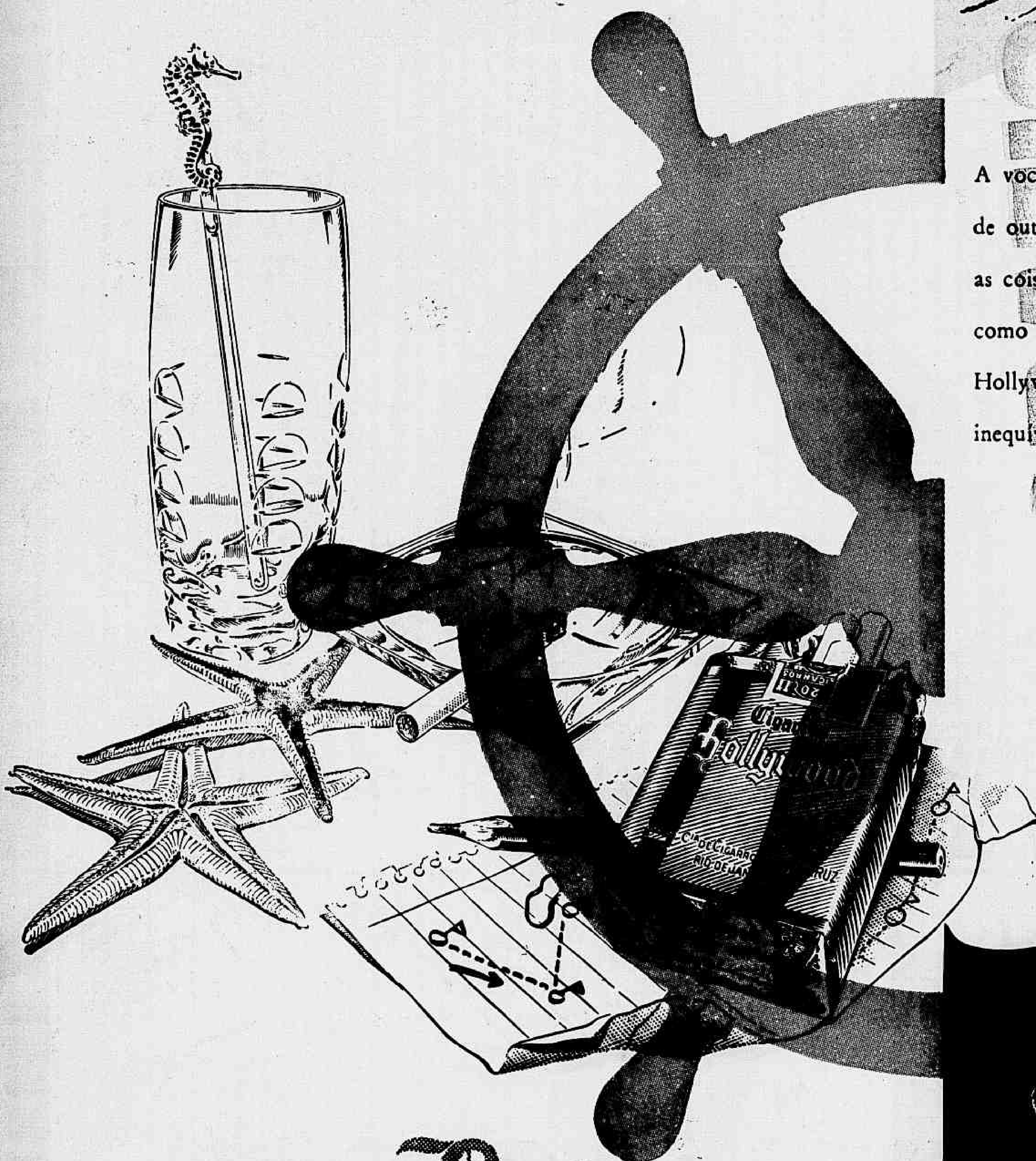
— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



uma consagração que se deve a você...



A você e a milhares de outros que sabem apreciar as coisas boas da vida — como os sports do mar — Hollywood deve a sua inequívoca consagração.



cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ